

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE
FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL

CAROLINA CORDEIRO MAZZARIELLO

Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre jovens gays
numa favela de São Paulo

São Paulo

2017

Carolina Cordeiro Mazzariello

Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre jovens gays
numa favela de São Paulo

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Julio Assis Simões

São Paulo

2017

Autorizo a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fim de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M477s

Mazzariello, Carolina Cordeiro
Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre
jovens
gays numa favela de São Paulo /
Carolina Cordeiro Mazzariello ; orientador
Julio
Assis Simões. - São Paulo, 2017.
147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Antropologia. Área de
concentração: Antropologia Social.

1. jovens. 2. sexualidade. 3. homossexualidade.
4. prevenção. 5. HIV. I. Simões, Julio Assis,
orient.
II. Título.

MAZZARIELLO, Cordeiro Carolina. **Sexuality and HIV prevention among young gays living in a favela from São Paulo.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Aprovado em: / /

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. _____ Instituição _____

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. _____ Instituição _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Julio Assis Simões, pela atenção e apoio durante o processo de orientação desta dissertação.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Vera Paiva e Heloisa Buarque de Almeida, pela leitura realizada do texto durante a qualificação e as contribuições fundamentais para o andamento da pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Sonia Nussenzweig Hotimsky, por incentivar minha trajetória acadêmica e por todo o aprendizado.

Ao Prof^a. Dr^a. Veriano Terto Jr., por ter aceitado participar da banca de defesa.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica e intelectual, pela dedicação ao exercício de um ofício tão caro para mim.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso de mestrado e graduação e também por todas as experiências maravilhosas que vivenciei por lá. Sentirei saudades.

Um especial agradecimento a todos os jovens interlocutores deste trabalho, por compartilharem suas histórias de vida e pelo acolhimento tão gentil. Torço por vocês!

À Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa, por meio do processo: 2015/01830-2. E também à Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – instituição que inicialmente apoiou este projeto.

Aos meus amigos companheiros de mestrado – Hélio, Arthur, Lucas, Mariana, Aline, Raphael, Gustavo, Diogo, Gabi e Henrique – pelos estudos que antecederam o mestrado, pelas conversas e boas risadas ao longo de todo o processo, e por tudo de bom nos últimos anos.

Ao meu querido companheiro Jeremy Suyker, pela paciência e especialmente pelo apoio durante o processo de escrita da dissertação, que aconteceu ao mesmo tempo em viajávamos por este imenso Brasil.

À minha querida irmã Gabriela Mazzariello, pelo carinho e apoio ao longo dos últimos anos.

E o agradecimento mais especial aos meus pais Jarbas Mazzariello e Darci Cordeiro Mazzariello, pelo apoio incondicional e fundamental desde o momento em que decidi fazer uma segunda faculdade e cursar Ciências Sociais, até a finalização deste mestrado em Antropologia Social. Muito obrigada, sem vocês nada disso teria sido possível.

RESUMO

MAZZARIELLO, Cordeiro Carolina. **Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre jovens gays numa favela de São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

A partir de uma pesquisa etnográfica realizada em uma comunidade popular na cidade de São Paulo, este trabalho objetivou analisar as experiências socioculturais e os valores que norteiam o exercício da sexualidade e das práticas afetivas entre um grupo de jovens gays (na faixa entre 18 e 28 anos de idade). Mais especificamente, buscou compreender como tais valores socioculturais influenciam o modo como se dão as escolhas e o cuidado com a saúde referente às práticas preventivas ao HIV/Aids. O texto aborda as dificuldades enfrentadas por estes jovens em relação ao exercício da sexualidade relacionado ao processo de *coming out* no ambiente familiar. Processo que implica a reorganização dos vínculos e é marcado por sentimentos de vergonha, culpa e medo, elementos que dificultam a autonomia e a gestão dos corpos associados à sexualidade e afetividade. Aborda ainda, como a escola é ao mesmo tempo um espaço de trocas, aprendizado, de descoberta e encontro com os pares, mas também um ambiente muitas vezes hostil e marcado pela violência homofóbica. Entretanto, mesmo diante das disparidades de abordagens e conteúdos, muitas vezes insuficientes, a escola revelou-se como o local privilegiado para o aprendizado sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis. Por fim, trata das decisões relativas à prevenção ao HIV/Aids. Vale pontuar que persiste a ideia do sexo como força instintiva e o desejo como algo incontrolável. E que ainda que eles demonstrem medo em relação à Aids, o sexo sem preservativo é recorrente, principalmente com parceiros em que a confiança se revela, noção baseada principalmente no tempo em que se conhece o parceiro. Geralmente as decisões por usar ou não preservativo são tomadas em silêncio, o que indica dificuldade por parte deles em abordar a questão. Apesar dos recursos limitados e um sentimento geral de desamparo e insegurança, esses jovens têm encontrado, no entanto, uma maneira de garantir seu direito ao exercício da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens. Sexualidade. Homossexualidade. Prevenção. HIV/Aids

ABSTRACT

MAZZARIELLO, Cordeiro Carolina. **Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre jovens gays numa favela de São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

Based on an ethnographic research carried out in a popular community located in the city of São Paulo, Brazil, this research aims to analyze the sociocultural values and experiences that serves as a guide to affective and sexual practices within a group of young lower-class Brazilian gays (aged between 18 and 28-years-old). More specifically, this study shows how such sociocultural values influence the way these young gays chose to take care of their health in relation with HIV/Aids prevention. The text deals with the difficulties faced by these young people in relation to the exercise of sexuality related to process *coming out* in the family environment. A process the involves reorganization of the bonds and marked by feelings of shame, guilt and fear, elements that hinder the autonomy and the management of the bodies associated with sexuality and affectivity. It also addresses how school is at the same time a space of exchange, learning, discovery and meeting with peers, but also an environment often hostile and marked by homophobic violence. However, even in the face of disparate approaches and content, often insufficient, the school proved to be the privileged place for learning about sexuality and gender, and also about HIV and sexually transmitted diseases. Finally, it addresses how the decisions about HIV/AIDS prevention are taken. It is worth pointing out that persists the idea of sex as an instinctive force and desire as something uncontrollable. And that even if they show fear in relation to AIDS, sex without a condom is recurrent, especially with partners whom the idea of *confidence* is revealed, a notion based mainly on the amount the time which the partner is known. Usually the decisions to use or not condoms are taken in silence, which indicates a difficulty for them to approach the question. Despite limited resources and a general feeling of helplessness and insecurity, these young people have found nevertheless a way to guarantee their right to the exercise of sexuality.

KEY-WORDS: Young. Sexuality. Homosexuality. Prevention. HIV/Aids

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
1.1 Apresentação.....	7
1.2 Uma complexa intersecção: juventude, direitos sexuais e HIV/Aids.....	13
1.3 HIV/Aids – uma epidemia de significações e silêncios.....	17
2.O contexto da pesquisa.....	27
2.1. Breve panorama histórico do território.....	27
2.2 A AMA e a temática da diversidade sexual.....	29
2.3 Contextualizando o trabalho de campo.....	32
2.4 O perfil dos jovens.....	41
3. “Eu não aguento mais ser destrutado” ou a luta cotidiana pelo exercício da sexualidade.....	54
3.1 O contar para a família sobre a homossexualidade.....	54
3.2 Escola, diversidade e homofobia.....	66
4. As experiências afetivas e sexuais.....	74
4.1 O descoberta da sexualidade e o início das práticas sexuais.....	74
4.2 Sobre os relacionamentos.....	80
4.1 Sobre os locais dos encontros.....	85
5.Sobre cuidados com a saúde e o HIV/Aids.....	89
5.1 A escola e os conteúdos sobre sexualidade, IST e HIV/Aids.....	89
5.2 Informações sobre a Aids.....	93
5.3 O uso do preservativo.....	105
5.4 Sobre a confiança no parceiro e o uso de preservativo.....	119
5.5 Sobre o medo da Aids.....	126
6. Considerações Finais	132
7.Referências Bibliográficas.....	137

1.Introdução

1.1Apresentação

O objetivo desta pesquisa é analisar os valores e experiências socioculturais que norteiam o exercício da sexualidade e das práticas afetivas entre um grupo de jovens gays – com idade entre 18 e 28 anos de idade - pertencentes às camadas populares e residentes em uma favela da cidade de São Paulo¹. Mais especificamente, este estudo busca compreender como tais valores socioculturais influenciam o modo como se dão as escolhas desses jovens gays em relação ao cuidado com a saúde referente às práticas preventivas ao HIV/Aids. A categoria gay é aqui utilizada de modo a proporcionar entendimento em termos da sexualidade desses jovens, que mantém relações afetivo-sexuais com outros rapazes, e é o modo como eles se auto referem. No entanto, vale pontuar que o uso por eles do termo gay, e também a maneira como utilizo ao longo do texto, não está reduzido a valoriza o ser masculino e que mantém uma performance de gênero estritamente masculina. Deste modo, como será percebido adiante, sexualidade e gênero se misturam e as performances de gênero são variadas e bastante fluidas.

Nesta introdução a intenção é apresentar o contexto e o percurso percorrido para a realização da pesquisa, além de introduzir a tema referente a esse trabalho. Meu primeiro contato com a temática da Aids aconteceu por meio de um trabalho voluntário

¹ Para preservar o anonimato e garantir a segurança dos participantes deste estudo decidimos não revelar o local preciso da realização do estudo, além disso todos os nomes de pessoas, instituições e locais foram alterados.

em uma ONG paulistana chamada Projeto Criança Aids². Essa experiência como voluntária me levou a realização de uma pesquisa de iniciação científica sobre a experiência de mulheres que vivenciaram a transmissão parental do HIV para seus filhos, situação que atualmente conta com um grande avanço na redução do número de casos entre recém-nascidos, no Brasil e em diversos países do mundo. Após o término desse primeiro estudo, eu continuei a acompanhar a situação da epidemia de HIV e um aspecto que me chamava à atenção, na última década, era o aumento de casos de HIV entre jovens, notadamente entre os jovens gays³. Foi seguindo esse percurso que optei por dedicar meus estudos de mestrado a essa temática.

Ao mesmo tempo em que pensava em um local para a realizar minha pesquisa de mestrado, eu estagiava em diferentes Centros da Criança e do Adolescente⁴, em uma comunidade de São Paulo, como parte da formação da licenciatura em Sociologia⁵. Lá estabeleci contato com a principal entidade civil que possui ampla atuação e forte engajamento político – e também com movimento organizado LGBT na região. E assim, após pesquisar sobre o território em que estava inserida imaginei que aquele poderia ser o local para a realização do estudo sobre sexualidade, HIV/Aids e jovens gays que eu intentava realizar no mestrado. Tendo em vista que, além da presença de um movimento LGBT organizado bastante articulado politicamente, essa região está circunscrita a uma

² Instituição que presta assistência para famílias de crianças portadoras do vírus HIV, localizada no bairro de São Judas, cidade de São Paulo, SP.

³ Nos últimos dez anos houve um aumento dos casos de HIV entre homens principalmente entre as faixas etárias de 15-19, 20-24 e com mais de 60 anos. Destaca-se o aumento entre a faixa etária de 15-19, que triplicou, e entre 20-24 que duplicou nesse período. A proporção de casos de infecção homossexual entre homens foi de 30,8% em 2007 para 50,2% em 2016 (BRASIL, 2016).

⁴ Espaços de educação informal em que as crianças e jovens permanecem durante o contra turno escolar, geralmente parcerias entre os governos e entidades da sociedade civil.

⁵ Estágio mediado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

parte da cidade com alto índice de casos de HIV entre HSH⁶ – homens que fazem sexo com homens.

A pesquisa foi iniciada, em 2015, com a intenção de investigar os valores e práticas associadas à afetividade, ao exercício da sexualidade e à prevenção ao vírus HIV/Aids entre jovens do sexo masculino, que mantêm relações afetivas e eróticas com outros rapazes. E, como ponto de partida, eu tinha o contato de uma pequena rede de jovens, com a principal liderança LGBT da região – situação em que eu considerava ser uma boa entrada em campo.

No início do trabalho de campo enfrentei certa dificuldade para acessar os jovens, a princípio aqueles que eu conhecia disseram que colaborariam com a pesquisa, mas quando de fato eu os contatava para agendar uma conversa e explicar do que se tratava, as respostas eram sempre vagas: “ah, vamos marcar”; “mais sobre o que mesmo você quer falar, sexo, Aids?”. Passei semanas tentando contatar os cinco jovens que eu conhecia e após dois meses de tentativas somente um deles se dispôs a agendar uma conversa. Além disso, naquele momento não havia ações de prevenção na comunidade que pudessem me auxiliar a pensar e investigar meu objeto de estudo. Desse modo, a alternativa encontrada por mim foi acompanhar o movimento LGBT na intenção de entender melhor a questão da homossexualidade na comunidade e também como uma possibilidade para o estabelecimento de novos contatos com jovens. Em pouco tempo com o grupo percebi um forte engajamento político por parte deles. No entanto, eu não estava convencida sobre o rumo que a pesquisa estava tomando. Isto é, deixar de lado a ideia de trabalhar com jovens e a temática Aids e realizar uma pesquisa sobre o

⁶ O termo HSH - homens que fazem sexo com homens foi traduzida para o português a partir do equivalente em inglês men who have sex with men (MWHWSM ou MSM). Essa categoria designa um segmento populacional para ações em saúde, circunscrito em função de práticas homoeróticas, independentemente assunção de uma “identidade sexual”. A categoria foi criada em termos operacionais para dar conta de uma lacuna existente entre marcas identitárias e as práticas sexuais efetuadas pelos sujeitos.

movimento LGBT ou tentar de algum modo aproximar as duas temáticas em um só estudo.

Durante o tempo que precedia a qualificação mais dois jovens se dispuseram a participar do trabalho, um deles participava das reuniões do grupo LGBT e o outro era um amigo indicado por ele. Com o aceite desses dois jovens e com as orientações dadas pela banca de qualificação afirmando que seria mais produtivo manter o foco da pesquisa com os jovens gays da comunidade, tanto em termos da produção acadêmica no campo antropológico como no campo da prevenção ao HIV, eu decidi manter a proposta inicial da pesquisa. Nos meses subsequentes, outros cinco jovens se juntaram ao grupo, um deles, um novo integrante do movimento LGBT, e um grupo de quatro amigos que conheci em um evento na comunidade. E foi desta maneira que a rede de colaboradores para esse estudo foi constituída.

Tendo em vista o tempo que eu teria para a realização das observações etnográficas e que o tipo de sociabilidade⁷ predominante entre o grupo de jovens segue um certo padrão, isto é, que eles não circulam muito pela cidade e que os encontros ocorrem quase sempre na comunidade: nas casas, nas ruas e em bares da região. Decidi que faria observação participante, isto é, que os acompanharia nessas atividades por algum tempo, mas que o foco do meu trabalho seria posto na realização de entrevistas semiestruturadas ou em profundidade. Isso porque, a partir das conversas que mantínhamos nos nossos encontros mais informais, eu percebi que conseguiria mais facilmente obter as respostas necessárias para as questões que guiavam meu trabalho

⁷ O que se entende por sociabilidade são formas específicas de interação entre sujeitos que se relacionam por meio de interesses comuns (SIMMEL, 2006). Isto é, situações em que a *forma* e o *conteúdo* são levadas em conta de modo que haja sentimentos e satisfação mútuos em socializar-se.

entrevistando-os individualmente. As entrevistas em profundidade ou semiestruturadas são mais flexíveis e permitem aos entrevistados elaborar suas respostas mais livremente, isto é, sem ficar preso a um nível rigoroso de diretividade e de mediação por parte do entrevistador, como acontece no caso de uma entrevista totalmente estruturada. Elas consistem na proposição de questões-chave, que auxiliam a definir as temáticas a serem exploradas, e também possibilitam que o entrevistador ou entrevistado interajam a fim de obter uma ideia ou resposta mais detalhada (GILL et al, 2008). Neste sentido, se esse tipo de entrevista nos auxilia a acessar aspectos biográficos importantes para os interlocutores em questão, o método também possui limitações. De todo modo, como observam (BERGER; LUCKMANN, 2004) todo o tipo de conhecimento que necessite passar por uma interpretação é sempre uma representação, isto é, uma das formas possíveis de se compreender, interpretar e narrar determinada “realidade”.

Dessa maneira, em termos da organização e apresentação dos resultados deste estudo, eu apresento na sessão *Contextualizando o trabalho de campo* uma cena bastante ilustrativa do modo como esses jovens costumam sociabilizar entre amigos na comunidade⁸. E a partir do capítulo seguinte passo a tratar dos temas especificamente explorados durante a realização das entrevistas. Desse modo, o texto dessa dissertação se organiza da seguinte forma: uma introdução, que apresenta o trabalho e a temática relacionada; no segundo capítulo, apresento o campo da pesquisa e o perfil dos jovens; no terceiro capítulo, trato das dificuldades enfrentadas por eles para o exercício da sexualidade; no quarto capítulo, abordo mais detidamente questões associadas a afetividade e a sexualidade e, por fim, o quinto capítulo é dedicado aos cuidados com a saúde e à prevenção ao HIV/Aids.

⁸ De fato, cada situação vivenciada por eles traz novos elementos e interações distintas, entretanto, também por questões econômicas não há muita variabilidade quanto às formas de lazer em que eles costumam experimentar, na maioria das vezes bares da região, as ruas da comunidade e casa de amigos.

Sintetizando o processo de pesquisa, as etapas realizadas foram: acompanhamento do grupo LGBT; conversas com funcionários da ONG sobre as ações realizadas por eles sobre sexualidade e gênero, juventude e HIV/Aids na comunidade; entrevista com a liderança do movimento LGBT; observação participante na comunidade, com os jovens que colaboraram com a pesquisa e a realização de sete entrevistas em profundidade.

Além disso, fui convidada a integrar um curso sobre prevenção oferecido pela entidade aos jovens da região. O curso teve como objetivo de contribuir para a diminuição dos índices de contaminação de HIV/Aids e infecções sexualmente transmissíveis entre os jovens. Minha participação se deu por meio de dois workshops, o primeiro, sobre gênero e sexualidade, e, o segundo, sobre HIV/Aids. Outra atividade desenvolvida ao longo do processo de pesquisa foi a participação em um projeto de extensão organizado do Instituto de Psicologia Social/IP-USP e Nepaids, realizado na comunidade. Como parte desse projeto participei de discussões e atividades formativas e oficinas e atividades psicoeducativas.

1.2 Uma complexa intersecção: juventude, direitos sexuais e HIV/Aids

Atualmente, estima-se que aproximadamente 840 mil pessoas vivam com HIV no Brasil, das quais se imagina que 80% já foram diagnosticadas. Entre os homens, nos últimos dez anos, houve um aumento na taxa de detecção principalmente entre as faixas etárias de 15-19, 20-24 e com mais de 60 anos. Destaca-se o aumento entre a faixa etária de 15-19, que triplicou, e entre 20-24 que duplicou nesse período. A região sudeste é a mais afetada do país e concentra 40,4% dos casos. Segundo o último boletim epidemiológico, em 2015, a região sudeste teve um aumento predominantemente dos casos entre a categoria de exposição HSH⁹ – homens que fazem sexo com homens, enquanto que nas outras regiões esse aumento ocorreu na categoria heterossexual (BRASIL, 2016).

A conjunção da chamada “liberação sexual”, nos anos 60 e 70, e o subsequente surgimento da Aids, nos anos 80, alteraram significativamente o modo como a sexualidade é percebida e vivenciada pelas pessoas de modo geral e também teorizada pelos especialistas. Carrara (2015) propõe pensar as transformações que a sexualidade vem sofrendo diante da incorporação dessa pauta sob a ótica dos direitos humanos. Dessa forma, não poderíamos mais compreendê-la da mesma forma como postulou Foucault (1988)¹⁰ ao discorrer sobre o *dispositivo histórico da sexualidade*, porque atualmente

⁹ Categoria utilizada no discurso a partir do discurso preventivo às IST/Aids que inclui homossexuais, bissexuais e homens que se podem definir como heterossexuais, mas que eventualmente praticam sexo com homens. Para uma problematização dessa categoria ver: DUQUE & PELÚCIO (2010).

¹⁰ Para Foucault, “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com a dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1988, 100p.) O autor definiu dispositivo em *Microfísica do Poder* (1979) como um agrupamento heterogêneo que abarca desde discursos

estaríamos diante de um novo regime secular da sexualidade, que possui moralidade e racionalidade própria, ancoradas na plataforma dos direitos humanos. Desse modo, uma das formas concretas de conceber o dispositivo da sexualidade em sua nova versão seria pensá-la também por meio dos acordos e compromissos firmados entre Estado, agências internacionais e organizações da sociedade civil.

Entendido a partir desta perspectiva, o dispositivo da sexualidade, no final do século XX, teria adquirido novos contornos e a “saúde sexual” e os “direitos sexuais” passam a compor esse quadro na forma de um discurso que passa a ser apropriado e acionado por diferentes sujeitos e setores da sociedade. Conseqüentemente, surgem também novos sujeitos de direitos. Em 1959, a ONU – Organização das Nações Unidas – aprova a Declaração Universal dos Direitos da Criança. No Brasil, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (lei 8.069, de julho de 1990) estabeleceu as disposições de uma política de proteção integral à infância e adolescência. E a partir de então, estabelecidos como novos sujeitos de direitos, as crianças e adolescentes também passam a ter os seus interesses próprios reconhecidos, uma transformação que coincidiu com o movimento globalizado de afirmação dos direitos humanos expressos por direitos de cidadania (LEITE, 2013). Desse modo, reconhecidos socialmente por uma condição especial, os

científicos, morais, filosóficos, religiosos; formas de organizações arquitetônicas e também decisões regulamentares e leis.

termos *adolescência*¹¹ e *juventude*¹² passam a ser utilizados como uma *plataforma de direitos*¹³ desse grupo específico da população (ADORNO et al, 2005; LEITE, 2013).

Se nesse novo regime a sexualidade passa a ser entendida, valorizada e garantida para além da reprodução, a partir da incorporação dos interesses desses novos sujeitos direitos – jovens/adolescentes e pessoas do mesmo sexo - o foco dos dilemas passa a ser o modo como a sexualidade é vivenciada. E assim, a promiscuidade, como sugere Carrara (2015) pode ser considerada como a “categoria-ponte” que liga as formulações da moral cristã a esse novo regime secular da sexualidade. Ou seja, agora é falta de controle de si que colocaria os sujeitos em risco e o perigo estaria nas atitudes consideradas como promíscuas.

Esse discurso que reelabora a promiscuidade como expressão do descontrole de si é frequentemente acionado quando estão em foco as discussões sobre “gravidez na adolescência”, homossexualidade, HIV/Aids e outras ISTs. Perspectiva que encontra eco no modo como a sexualidade na adolescência/juventude é frequentemente debatida e

¹¹ A adolescência se constituiu conceitualmente como campo de estudo dentro da psicologia evolutiva, do século XX, sob a influência do psicólogo norte-americano Stanley Hall (1904). Dentre as muitas concepções da adolescência, encontram-se alguns pontos em comum: final do crescimento com começo e maturidade da capacidade reprodutiva e mudanças qualitativas profundas na estrutura do pensamento (LEON, 2009). A adolescência geralmente compreende a faixa etária entre 12 e 18 anos, mas há variações, e é um conceito que tem sido bastante problematizado. As representações sobre a adolescência são carregadas de estereótipos: “fase problemática da vida”, “existência de uma personalidade específica”, cuja leitura principal é a noção de “crise” (HEILBORN, 2006). Nesta dissertação utilizarei o termo juventude, pensado como um processo e que leva em conta outros marcadores sociais para além do critério etário, e, por isso, não adentrarei na discussão sobre a adolescência, no entanto, esse o aparece nesse texto porque outros textos ou documentos o utilizam.

¹² Utilizo nesta dissertação o termos jovens e categoria juventude entendida como um processo que compreende diferentes marcadores socioculturais para além do critério etário. No entanto, vale mencionar que no Brasil essa categoria compreende a faixa etária entre 15 e 29 anos. É importante a necessidade de se pensar em *juventudes* compreendendo que a transição para a vida adulta pode se dar de diferentes formas, de acordo com diferentes marcadores sociais - gênero, classe e “raça” - ou seja, que é um processo que se diferencia entre os sujeitos de acordo com o tempo histórico e o contexto social ao qual se está inserido. Sobre o conceito de juventude ver: BOURDIEU (1983), MARGULIS & URRESTI, (1996), ABRAMO (1997).

¹³ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema da sexualidade adolescente como direito ver: LEITE (2013).

compreendida, isto é, a partir da ótica do problema social, e, portanto, pouco atenta e reflexiva em termos de direitos e da multiplicidade das experiências juvenis. Portanto, ao pensar a sexualidade entre jovens gays e as práticas preventivas ao HIV/Aids é preciso considerar uma complexa rede de preconceitos em relação à sexualidade dos homossexuais e de concepções arraigadas em torno do que é a adolescência/juventude – que se interseccionam por meio da expressão do descontrole ou da falta de reconhecimento.

Considerando esse complexo quadro inserido na versão atualizada do dispositivo da sexualidade¹⁴, atravessada pela noção de direitos humanos¹⁵, faz sentido pensarmos esse complexo quadro - que cruza sexualidade, juventude e HIV/Aids - também em termos de uma política sexual (WEEKS, 1989). Esse conceito abarca os diferentes tipos de intervenção promovidos pelo Estado ou sob sua chancela, seja por meio das leis, campanhas sanitárias, programas educativos ou das decisões jurídicas; com duplo propósito de “regular as práticas erótico-sexuais e as expressões da sexualidade e ‘gerir’ certos fenômenos relativos a essas práticas, como a reprodução e as doenças sexualmente transmissíveis” (CARRARA, 2013, p.143).

¹⁴ Convém frisar que nessa proposição o novo regime do dispositivo não substitui por completo o antigo regime; ele é atualizado e opera em paralelo com elementos da moral cristã, dos discursos médicos e científicos e também compreendidos a partir da plataforma dos direitos humanos.

¹⁵ Foge ao escopo dessa dissertação um debate mais aprofundado sobre o conceito de direitos humanos, de todo modo, ao pensar o dispositivo da sexualidade sob a ótica dos direitos humanos e também a prevenção da Aids, no que se convencionou chamar o quadro da “vulnerabilidade e direitos humanos” (V&DH) (PAIVA et al, 2012) os direitos humanos devem ser entendidos como “garantias jurídicas universais que protegem indivíduos e grupos contra ações ou omissões dos governos que atentem contra a dignidade humana”. Para uma discussão mais aprofundada sobre saúde, prevenção ao HIV/Aids e direitos humanos ver: PAIVA et al, 2012.

1.3 HIV/Aids – *uma epidemia de significações e silêncios*

O fato da Aids ter sido primeiramente identificada entre um grupo de pessoas que partilhavam de algumas características comuns fez com que a construção simbólica dessa síndrome fosse historicamente baseada em um entendimento que separava um *nós* imune de um *outro* suscetível. O discurso científico juntamente com a mídia promoveu preconceituosa e apressadamente uma separação entre *sãos* e *doentes*, por meio de distinções associadas a determinados tipos de práticas sexuais; ao uso de drogas e também à “raça” – já que a origem do vírus foi associada ao continente africano. Essa dualidade foi representada no discurso médico epidemiológico por meio das categorias *grupo de risco*¹⁶ e *população em geral*. No entanto, quando o caráter pandêmico da epidemia veio à tona e o padrão heterossexual da epidemia na África foi reconhecido, o uso do conceito de grupos de risco passou a ser criticado (PARKER, 1996; AYRES et al 2009).

Com as novas formas de ação baseadas no uso do preservativo e não mais no isolamento social postuladas pelo movimento gay norte-americano, as estratégias de prevenção passaram a utilizar o conceito de *comportamentos de risco*, que deslocava a ideia de pertencimento populacional para a questão das práticas (BASTOS, 1996). O ganho dessa nova estratégia era a universalização, isto é, a inclusão de todas as pessoas frente às ações de prevenção. No entanto, como consequência, culpabilizar as pessoas por seus atos acabou sendo uma tendência, ou seja, os sujeitos passavam a ser responsáveis por sua infecção. Diante disso, grupos organizados da sociedade da civil, de mulheres e homossexuais passaram a criticar também essa ferramenta conceitual comportamentalista e individualizante, e enfatizar que parte das ações de prevenção não dependia somente do indivíduo, mas de uma série de condicionantes sociais e interpessoais, tais como o acesso

¹⁶ Constituído por gays, prostitutas e usuários de drogas, entendidos como culpados por adquirir o vírus, e uma outra polaridade, considerada como vítima, e representada por pessoas hemofílicas.

ao preservativo e a falta de empoderamento, no caso das mulheres, para propor o uso (AYRES et al, 2009).

Esses questionamentos impulsionaram também as discussões acerca das “bases sociais e implicações éticas e políticas por trás dos comportamentos de risco, dando origem às discussões acerca da vulnerabilidade” (AYRES et al, 2012b, p. 80).

Foi a partir da publicação do livro *A Aids no mundo*, uma coletânea de textos lançada nos Estados Unidos, em 1992, que a proposta de Jonathan Mann, Daniel Tarantola e Thomas Netter sobre a vulnerabilidade disseminou-se globalmente. Essa ferramenta conceitual visava ampliar o escopo das análises sobre a infecção do HIV, substituindo a perspectiva individual e comportamental por uma que considerasse os condicionantes sociais e de acesso aos serviços como fatores que podem aumentar ou diminuir a consciência individual do risco de exposição ao vírus (AYRES et al, 2012a).

A produção brasileira em termos de vulnerabilidade e direitos humanos¹⁷, teve início praticamente na mesma época e em meio a um complexo período de pós-redemocratização, momento em que se constituía o Sistema Único de Saúde (SUS), além das reformas sanitárias e as propostas de atenção integral à saúde; impulsionadas pelo movimento de mulheres, pela luta antimanicomial e também por grupos da sociedade civil organizada de combate à Aids. No Brasil, o quadro da vulnerabilidade e direitos humanos tinha como proposta buscar novas bases epistemológicas e técnicas visando à reconstrução das práticas da saúde. O que se propôs foi superar a fatoração dos determinantes explicativos para a vulnerabilidade e trabalhar com totalidades compreensivas. A intenção era superar a dicotomia entre o individual e o coletivo no trato das três esferas que compõe o quadro da vulnerabilidade: individual, social e

¹⁷ Dentre os pioneiros a refletir sobre o tema destacam-se o Instituto de Medicina Social da UERJ e a Associação Brasileira Interdisciplinar (ABIA), no Rio de Janeiro, e os grupos da Saúde Pública, Psicologia Social, Medicina e o Núcleo de estudos para a prevenção da Aids da Universidade de São Paulo, NEPAIDS, em São Paulo.

programática (AYRES et al, 2012a). Desse modo, o *individual* deveria ser trabalhado como intersubjetividade, ou seja, uma identidade construída em relação ao outro. O *social*, como contextos de interação, ou seja, como os espaços concretos da experiência intersubjetiva atravessados por normas e relações de poder baseadas na organização política, econômica, tradições culturais, religião, relações de gênero, relações raciais, relações geracionais, etc. E o *programático*, com base em modos institucionalizados de relação, isto é, o conjunto de política, serviços e ações organizadas, de acordo com os padrões de cidadania vigentes. Nesse sentido, o foco de atenção deveria recair menos em identidades sociais fixas, como, por exemplo, ser homossexual, negro, adolescente ou pobre, do que nas relações sociais, que deveriam servir como bases para situações de vulnerabilidade ou violação de direitos, como, por exemplo, relações de gênero, relações raciais, relações geracionais e socioeconômicas (AYRES et al, 2012a)¹⁸.

Como os primeiros casos de HIV/Aids foram identificados entre a comunidade gay norte-americana, a epidemia de Aids ficou marcada pela associação com a homossexualidade. Associação cristalizada e intensamente reforçada por meio da divulgação dos primeiros trabalhos científicos sobre a Aids, que faziam crer nessa divisão entre aqueles considerados culpados por adquirir – os grupos de risco – e as vítimas – os hemofílicos (PAIVA, 1992). Até mesmo o nome da síndrome foi inicialmente afetado por essa distinção, antes de receber a nomenclatura AIDS (Acquire Immune Deficiency Syndrome) o meio científico a denominou pejorativamente de GRID (Gay Related Immunodeficiency) entre a opinião pública e os veículos de imprensa também foi

¹⁸ Para que essas ferramentas conceituais possam ser plenamente realizadas, Ayres et al (2012a) enfatizam a necessidade de um sistema ancorado nos princípios de *universalidade*, que, por sua vez, preconiza acesso indiscriminado, longe de qualquer forma de discriminação ou exclusão, ao direito à saúde. Além disso, que levasse em conta a *equidade*, outro princípio fundamental no sentido de garantir o acesso de bens e serviços de acordo com as necessidades específicas de cada pessoa, comunidade ou grupo social.

chamada de “peste gay” ou “câncer gay”¹⁹ (DANIEL; PARKER, 1991), associação com forte peso simbólico, que ganhou força no imaginário social e afetou o cotidiano dos homossexuais masculinos deixando marcas que são sentidas ainda hoje.

As primeiras notícias sobre a Aids nos jornais estadunidenses descreviam os acometidos como jovens gays masculinos vivendo em áreas urbanas e levando uma vida “promíscua”. A proliferação de símbolos, metáforas, a criação de apressadas e preconceituosas “verdades” científicas não só conferiram à Aids uma “identidade” gay, como reforçaram uma visão moralista sob a sexualidade, além de produzir um efeito pernicioso em termos da subjetividade dos sujeitos. Em meio a tantas informações distorcidas, os discursos – do medo, curiosidade, aversão e preconceitos - se concentraram mais nos doentes – seres diferentes da população geral - do que na própria doença. Os “aidéticos”²⁰ representavam um grupo de pessoas que escapava às tradicionais convenções sociais em suas maneiras próprias de buscar o prazer. Nesse sentido, ser “aidético”²¹ era inevitavelmente assumir uma “identidade” associada à “promiscuidade sexual” (PAIVA, 1992; SEFFNER, 1995).

A Aids surgiu evocando medos antigos e um discurso com tendência à repressão corporal, uma explicação corrente para o surgimento da epidemia era o castigo, isto é, a Aids era interpretada no senso comum como o preço que os homossexuais pagavam por levar uma vida “promíscua”, de “excessos e perversões sexuais”. Nos Estados Unidos, durante o início da epidemia assistia-se a um momento politicamente conservador, sob a governança de Ronald Reagan, com fortes bases no fundamentalismo religioso. Uma conjuntura perfeita para determinar o atraso das intervenções com foco no HIV/Aids:

¹⁹ Isso por conta de uma das primeiras manifestações da Aids ter sido um tipo de câncer de pele raro.

²⁰ O uso desse termo é considerado inadequado e o termo correto para pessoas que vivem com HIV é soropositivo ou pessoa vivendo com HIV/Aids.

²¹ Para uma problematização dessa categoria ver SEFFNER (1995) e também SONTAG (1989).

governo neoliberal cortando verbas de saúde e educação, frente a uma síndrome que afetava um grupo de pessoas que não representava exatamente o ideal dos conservadores. Foi diante dessa situação de omissão que a comunidade gay norte-americana usou da experiência como movimento civil organizado para fornecer apoio aos membros da comunidade que estavam sendo afetados pela Aids²². No Brasil não foi diferente, e as primeiras respostas à epidemia de Aids também partiram dos movimentos sociais, as ações realizadas se converteram em “redes de solidariedade” (PARKER, 2000) em um momento marcado pela recém-saída do país de um regime militar. As organizações de combate à Aids nessa época eram formadas principalmente por homossexuais. No entanto, surgiram alianças que não eram necessariamente associadas a determinada identidade, mas baseavam-se sem um sentimento de afinidade que unia amigos, familiares, trabalhadores da área da saúde, etc. A institucionalização dessas respostas à epidemia resultou no surgimento das ONGs/Aids, um modelo de articulação inédito entre Estado e sociedade civil organizada para dar conta das demandas trazidas pela Aids (VILLELA, 1999; PARKER et al, 1999; GALVÃO, 2002)²³.

Da descoberta do vírus à atualidade, muitas foram as transformações no modo tratar a epidemia, implicando a adequação dos discursos e da linguagem. Porém, por conta do modo como foi descoberta – associada à homossexualidade e também com um tipo de morte rápida e cruel – e dos desdobramentos que se seguiram e que conformaram a história social da epidemia de HIV; a Aids ainda é uma “doença” que carrega um conjunto intenso de sentimentos. O medo, a vergonha, a culpa e o arrependimento são frequentemente evocados no trato da “doença” e também circundam os envolvidos ou

²² O exemplo mais emblemático dessa forma de organização foi o grupo Act Up (Aids Coalition to Unleash Power), criado em 1987, por Larry Kramer.

²³ Para uma crítica ao momento político brasileiro contemporâneo da resposta brasileira à Aids, ver SEFFNER, PARKER, 2016.

afetados por ela de alguma forma. Se, no entanto, há um grande número de símbolos e significações sobre a epidemia de HIV/Aids, provenientes dos mais diversos setores da sociedade e incorporados em diferentes tipos de discursos, os silêncios em torno da Aids também são inúmeros e frequentes. Do nome da doença que muitas vezes não pronunciado²⁴ ao assunto que se evita falar até mesmo durante uma consulta²⁵ médica. Da dificuldade ao contar a alguém sobre a doença, especialmente parceiros afetivos/sexuais. Também do silenciamento em torno do prejuízo social que a doença acarreta. E da dificuldade em se produzir campanhas de prevenção apropriadas, especialmente para os segmentos populacionais que tem sido mais afetados, isto é, aqueles em maior condição de vulnerabilidade social, como, por exemplo, os jovens gays.

No Brasil, as campanhas de prevenção acontecem com mais ênfase tradicionalmente duas vezes ao ano: carnaval e 01 de dezembro - dia mundial de luta contra a Aids. É comum que nessas datas os meios de comunicação deem mais espaço para o tema, a Aids é assunto também quando se divulga algum estudo sobre a cura – muitas vezes precipitado – sobre as possíveis vacinas ou novo medicamento. No entanto, o que se percebe é que ao lado de um “clima de otimismo”, em relação ao controle da epidemia e possibilidade de fim, muitas vezes disseminado pela mídia nessas datas, há também um silenciamento em torno de questões que são centrais quando se pensa a epidemia de HIV/Aids. Como, por exemplo, o recuo das políticas públicas brasileiras para reduzir a homofobia e para educar os jovens sobre questões de sexualidade, gênero e doenças sexualmente transmissíveis (SEFFNER; PARKER, 2009).

Elencar os marcos das políticas para esse público e algumas das tentativas em

²⁴ Na etnografia que realizei com mulheres soropositivas que transmitiram HIV para os filhos frequentemente elas substituíam HIV ou Aids por termos mais genéricos ou pejorativos – simplesmente *doença*, mal, maldição, *depois que eu contrai essa coisa*, etc.) referenciar

²⁵ Eram comuns os relatos sobre o fato de não contarem a outros médicos ou em hospitais durante consultas de rotinas quando questionadas se tinham alguma doença crônica ou faziam uso de medicamentos.

elaborar campanhas de prevenção direcionadas exclusivamente ao público gay pode ilustrar a complexidade e as limitações enfrentadas pelos formuladores das políticas, ainda que esforços tenham sido empreendidos e alguns avanços alcançados. Foi durante os anos 2000 que a pauta da discriminação por orientação sexual e as questões relacionadas à saúde dos segmentos LGBT passou a receber alguma atenção por parte das instancias governamentais. Em 2004, o “Brasil Sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual” (BRASIL, 2004) foi criado, mas, no entanto, a prevenção do HIV/Aids não foi um tema em destaque nessa iniciativa. Em 2007, foi criado o “Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e DST entre Gays, outros HSH e Travestis”, que manifestava o reconhecimento da condição de vulnerabilidades ao HIV/Aids desses grupos e firmava o compromisso do governo em elaborar ações de política pública de prevenção especificamente voltadas a esse público (BRASIL, 2007).

Da produção de materiais e campanhas de prevenção dirigidos ao público gay/HSH elaboradas pelo Programa de DST/Aids do Ministério da Saúde que emergiram nesse período vale destacar a peça produzida para a televisão aberta “*Campanha*”²⁶. Um dos únicos momentos em que o homoerotismo, o combate ao estigma/preconceito e a prática preventiva apareceram juntos e de forma evidente nos discursos oficiais campanhas governamentais (PINHEIRO, 2015). A campanha foi emblemática e também suas repercussões na sociedade, que fizeram com que ela rapidamente fosse retirada dor

²⁶ A campanha traz uma situação de conflito na relação afetivo-sexual entre dois rapazes, que tentam se reconciliar mas sem sucesso. A família dele oferece suporte, por exemplo, a mãe afirmando: “Filho, você vai encontrar um rapaz que te mereça”. E o narrador conclui: “Usar camisinha é tão importante quanto respeitar as diferenças”. Disponível em http://www.Aids.gov.br/sites/default/files/anexos_campanhas/2010/42739/filme_sem_marca1.wmv e <https://www.youtube.com/watch?v=ZMV7iw6rs10> (Acesso 10 jun 2016).

ar.

...[a campanha] ficou pouco no ar. O CONAR²⁷ pediu pra retirá-la do ar, porque as pessoas, [os] cidadãos, reclamaram, mas ela chegou a ser veiculada bastante. Mas reclamaram que estava ofendendo a família. (...) O CONAR deu um parecer contrário à veiculação da [campanha], mas ela já tinha sido veiculada (SCHEFFER, *entrevista* apud PINHEIRO 2015, p. 161p)

Outro caso emblemático ocorreu durante o carnaval de 2012 em que uma peça para prevenção produzida com foco no público gay foi lançada em uma sessão no Rio de Janeiro, posta na internet no site do Ministério da Saúde e rapidamente retirada do ar. O vídeo consistia em uma cena de paquera entre dois rapazes em que um deles pergunta se o outro tem camisinha e a resposta é negativa, interrompia-se a cena como um indicativo de que o sexo não aconteceria. E na sequência uma fada surgia para oferecer uma camisinha e eles voltavam às carícias. O desfecho do vídeo se dava com a seguinte mensagem: *“Isso [a paquera] rola muito. Já isso [a fada trazendo a camisinha] é difícil. Na empolgação, rola de tudo. Só não rola sem camisinha. Tenha sempre a sua”*²⁸. Enquanto o governo afirmou que a campanha sofreu somente um redirecionamento por conta de um erro em relação aos canais de veiculação, isto é, que o vídeo não era pare ser destinada à televisão aberta, mas somente em ambientes específicos, como, por exemplo, boates, os representantes dos movimentos sociais entenderam o fato como veto ou censura. Além disso, representantes do governo afirmaram que a retirada do vídeo havia se dado também por questões técnicas: a suposta falta de legendas (BELOQUI; TERTO JR, 2012). Como desfecho para essa situação de recuo, outro vídeo com conteúdo não

²⁷ CONAR - Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, ONG que se propõe a defender as prerrogativas constitucionais da propaganda comercial. Com objetivo de “impedir que a publicidade enganosa ou abusiva cause constrangimento ao consumidor ou a empresas e defender a liberdade de expressão comercial” (CONAR, 2015).

²⁸ Disponível <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=9212&sid=4> (Acesso em 5 jun 2016).

explicitamente direcionado ao público gay foi produzido e veiculado na televisão. O que esses episódios claramente revelam é que qualquer ação de enfrentamento à homofobia ou campanhas de prevenção ao HIV/Aids, que se proponha a abordar de modo mais evidente as expressões do homoerotismo, precisará confrontar padrões morais conservadores arraigados na sociedade, especificamente relacionados à heteronormatividade e ao modelo tradicional de família. Esse é um trabalho a ser feito a longo prazo, que depende de ações multisetoriais e interdisciplinares - e que resultem em mudança de mentalidades - a fim de obter uma sociedade comprometida com o princípio de equidade e que respeite as diferentes formas de expressão entre os sujeitos.

É possível dizer que mais recentemente as políticas públicas brasileiras de HIV/Aids têm concentrado suas ações quase que exclusivamente no “tratamento como prevenção”, estratégia que está em consonância com a tentativa liderada pelas agências internacionais de erradicar a Aids²⁹. Na base dessas ações está o princípio do “testar e tratar”, que obviamente é importante para o cuidado com a saúde, mas que quando se torna a principal ou a única estratégia das políticas públicas deixa de considerar os princípios básicos da resposta brasileira à epidemia de HIV. Essas políticas foram historicamente construídas pelo movimento organizado de combate à Aids, com intensa participação dos ativistas ligados à causa homossexual – LGBT - em parceria com o Estado, e tiveram como princípio norteador a solidariedade, por meio das ações comunitárias, e, além do tratamento visavam combater o preconceito e a estigmatização, e também o fornecimento de apoio psicossocial (SEFFNER; PARKER, 2016).

²⁹ Assim como a “saúde sexual” e os “direitos sexuais” foram estabelecidos em acordos feitos por órgãos e agências internacionais, as diretrizes que orientam as políticas públicas de HIV/Aids seguem o mesmo padrão. A meta estabelecida pela UNAIDS para erradicar a Aids é denominada meta ‘90-90-90’, isto é, 90% das pessoas que vivem com HIV devem saber sobre seu status sorológico; 90% destas pessoas devem estar em tratamento com antirretrovirais e 90% dessas pessoas em tratamento devem ter supressão viral até 2020 (PARKER, 2016).

Essas transformações no modo de operar as políticas de Aids abarcaram um duplo movimento visando ampliar a oferta de exames e universalizar o acesso aos medicamentos para as pessoas que vivem com HIV e também para aqueles que passaram por situações de risco. Além disso, verificou-se um recuo das estratégias que visam reduzir o estigma e o preconceito em relação às pessoas em condição de maior vulnerabilidade social, especificamente no que diz respeito à educação dos jovens sobre sexualidade e gênero (SEFFNER; PARKER, 2016). Sobre o segundo aspecto, é exemplar a retirada do texto final do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014, de trechos em que “orientação sexual”, “sexualidade” e “gênero” eram mencionados, seja como temas que são importantes para a formação do professor ou como fundamentos que servem para o combate à desigualdade social ou às práticas discriminatórias – ação que foi seguida por diversas câmaras legislativas do país, inclusive, a de São Paulo. Além disso, também existem diversos projetos de lei em tramitação que visam proibir a disseminação da suposta “ideologia de gênero”³⁰, noção sempre mal explicitada e de difícil sustentação teórica. Desse modo, poderíamos questionar se de fato estamos vivenciando, como sugerem Seffner e Parker (2016), uma nova era de respostas biomédicas que tem substituído as respostas políticas e sociais.

³⁰ Por exemplo, um projeto é o 2731/2015, que altera o Plano Nacional de Educação (PNE), vedando a discussão de gênero dentro das escolas. Hoje, o tema não é mencionado entre as metas, mas tampouco existe proibição. De autoria do deputado federal Eros Biondini (PTB-MG), o PL também prevê pena de prisão para os professores que desrespeitarem a determinação. Outro texto, de autoria do deputado Erivelton Santana (PSC-BA), é o PL 7180/2014, que pretende alterar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), aprovada em 20 de dezembro de 1996. O parlamentar quer mudar o inciso XIII do artigo 3º, para proibir o ensino daquilo que chama de “ideologia de gênero”. O projeto 867/2015, de autoria do deputado federal Izalci Lucas Ferreira (PSDB-DF), pretende que os professores entreguem aos pais ou responsáveis um material sobre o conteúdo que ministrarão nas aulas.

2. O contexto da pesquisa

2.1. Breve panorama histórico do território

A comunidade onde vivem os interlocutores deste trabalho, está circunscrita a uma *Coordenadoria de Saúde* que reúne um alto índice de infecção entre homens que fazem sexo com homens (HSH)³¹. Essa característica não está descolada de uma tendência nacional, também verificada no estado de São Paulo, que apresenta taxas crescentes de infecção pelo HIV entre jovens HSH³². Vale lembrar que os dados em nosso país mostram que os casos de Aids têm aumentado notadamente entre a população de baixa renda e pouca escolaridade, a epidemia tem afetado, portanto, também os jovens também de forma diferenciada.

Existem na localidade mais de 100 entidades (religiosas, associações de moradores, ONGs) que realizam programas e projetos na comunidade, voltados à prática religiosa, educação não formal, atividades culturais, artísticas e esportivas. Há também mais de três mil pontos comerciais, padarias, pequenas lojas, açougues, cabeleireiros, farmácias, pequenos mercados, oficinas de carro e moto e mais de 1000 bares.

A história dessa comunidade teve início a partir da luta pela moradia, mas ao longo deste processo a bandeira da educação ganhou relevância e tem contribuído para

³¹ Informações obtidas no site do Data SUS <http://datasus.saude.gov.br/datasus> - com a orientação de técnicos do CRT/SP.

³²“Desde 2008, a epidemia tem mostrado importante elevação de casos entre homens que fazem sexo com homens (HSH). Entre os casos de Aids em homens com mais de 13 anos de idade, a proporção da categoria de exposição HSH aumentou de 31,8% em 2006 para 46,2% em 2015, percentual semelhante ao final da década de 1980” (SÃO PAULO, 2016).

elaboração das respostas às necessidades da comunidade e para o reconhecimento de seus integrantes como cidadãos.

Os moradores da comunidade se apropriam do espaço público de diversas maneiras, e conferem às ruas um espaço de grande sociabilidade. A circulação de pessoas nas ruas da comunidade é intensa, principalmente durante o dia, verifica-se facilmente a presença de grupos de pessoas, de diferentes faixas etárias, interagindo nas portas de suas casas. Além disso, a sociabilidade das crianças, adolescentes e dos jovens acontece com frequência pelas ruas do bairro, por meio de brincadeiras com bola, bicicletas, motocicletas ou ouvindo música em celulares ou nos rádios dos automóveis estacionados. Nesse sentido, a comunidade pode ser entendida em termos de uma “cidade familiar”, composta por diversas redes de relações, que se centram na continuidade entre a casa, o bairro e os outros espaços da cidade (AGIER, 2011).

A movimentação acontece também à noite, há diversos bares com música e bandas de forró. Além disso, há também festa de música Funk, realizada na rua com a música dos carros e público composto por jovens. Há também um número grande de equipamentos sociais, tais como ONGs, associações de moradores e diferentes entidades religiosas. Após essa breve apresentação do território em que vivem os jovens que colaboraram com esse estudo, tratarei no tópico seguinte de apresentar a instituição e a liderança que me auxiliaram no início do trabalho de campo.

2.2 A AMA e a temática da diversidade sexual na comunidade

Foi por meio de uma parceria da AMA³³ com a Faculdade de Educação da USP que eu cheguei a essa comunidade³⁴ e também foi por meio dela que conheci o movimento LBGT da região e sua liderança – Jany, referência para questões associadas à homossexualidade na comunidade. A AMA - é uma entidade sem fins lucrativos criada a partir da luta pela posse de terra, no início da década de 80³⁵, e atualmente é a organização da sociedade civil de maior atuação na comunidade. Começou com a questão da moradia e ampliou para diversas frentes, como, por exemplo, a Educação, Cultura, Esportes, Habitação, Saúde, Assistência Social e Comunicação Social. A entidade trabalha para influenciar na formulação e na implementação de políticas públicas, na cidade de São Paulo, a fim de atender as demandas da população pela efetivação de direitos.

Projetos da AMA na área de sexualidade e DST/Aids

A ação da AMA na área da saúde e sexualidade teve início com o apoio e desenvolvimento de oficinas de prevenção de DSTs/Aids junto à ONG GTPOS e em parceria com o Ministério da Saúde. A partir de 1998, a entidade participou dos editais da Coordenação Nacional DST/AIDS e foram contemplados com dois projetos com foco

³⁴ Como já dito na apresentação desse texto, o contato foi estabelecido por meio de um estágio que realizei na comunidade em Centros da Criança e Adolescentes, coordenados pela AMA como parte da minha formação da Licenciatura em Sociologia.

³⁵ Juridicamente a AMA foi fundada em 20/01/1990, como pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos e econômicos. A missão da entidade é “Promover a Cidadania, a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento integral da comunidade”.

na atuação com criança, adolescente e mulheres. Em 2000, também participaram de pesquisa-ação do Ministério da Saúde, envolvendo doze escolas da comunidade.

Em 2008, ganharam um edital junto à Secretaria do Estado de Saúde (CRT/SP) e em 2010 e 2011 os editais da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (CRT/AIDS) já municipalizados. No final de 2012, fizeram uma parceria com a OPAS para formação de agentes multiplicadores e para a publicação de uma cartilha educativa na área da prevenção DST/AIDS, com foco nas lideranças, jovens e mulheres da comunidade utilizando estratégias de comunicação popular, multiplicação de pares e uma Rádio Comunitária.

Durante a realização da pesquisa a AMA esteve envolvida em dois diferentes projetos com a temática da sexualidade, gênero e HIV/Aids, IST:

- *Mutirão na comunidade: Saber para tratar* que consiste na testagem para HIV, com a utilização de fluido oral, com foco na população jovem em geral e a população LGBT, com o objetivo de prevenir casos de DST/AIDS e encaminhar para a rede de atendimento local. Trata-se de uma parceria com o Ministério da Saúde, UNECSO e Governo Federal.
- *Conexão Jovem - prevenção na favela*– que tem como objetivo colaborar com a prevenção do HIV/Aids, isto é, acompanhar e prevenir casos de DST/AIDS, por meio de ações na comunidade, principalmente onde há maior concentração de jovens, que são os beneficiários diretos do projeto. Trata-se de uma parceria com a Secretaria Municipal da Saúde.

A AMA sabia da temática do projeto que eu estava desenvolvendo na comunidade e por isso me convidaram a participar do curso “Conexão Jovem”. A seleção para os

jovens que participariam desse projeto foi feita por meio de divulgação na rádio comunitária panfletos na comunidade e divulgação em escolas. O tema do curso abarcava a questão dos direitos humanos, gravidez na adolescência e HIV/Aids. Eu contribuí com dois *workshops*, o primeiro, sobre gênero e sexualidade, e o segundo, sobre HIV/Aids. Depois desse curso presencial que contemplou 20 jovens, a AMA selecionou cinco jovens, aqueles que tiveram um bom desempenho, que se interessaram mais pelo tema, para receber uma bolsa e trabalhar como multiplicadores na comunidade.

Jany e o movimento LGBT na comunidade

Fomentar a organização da mobilização social, a promoção da cidadania e a inclusão social estão entre os principais objetivos das AMA. E é nesse quadro que se insere o “Amor e diversidade”, o movimento LGBT que de alguma forma se confunde com a instituição, já que a maioria dos membros do grupo é prestador de serviço da AMA, e, além disso, é também na sede da instituição que acontecem as reuniões do grupo. Vale pontuar que no site da AMA na aba “Como Atuamos” ao lado de temas como educação e esporte há uma seção específica denominada de LGBT com o contato do movimento. Desse modo, é praticamente impossível desvincular as ações deles das atividades da AMA. Inclusive, o próprio nome do movimento está registrado como *Movimento LGBT AMA - “Amor e diversidade”*.

É interessante também pensar nessa articulação, já que Jany, principal representante do grupo é também uma das diretoras da AMA. Jany, “mulher trans”³⁶,

³⁶ Quando conheci Jany ela trabalha em uma creche e já desempenhava uma performance de gênero considerada feminina no ambiente de trabalho (tipo de cabelo, acessórios e algumas peças de roupas) porém, fora do ambiente de trabalho essa performance se acentuava. Se os termos travestis eram presentes, e ainda são entre o grupo de amigos e pessoas que compõe o movimento LGBT, após assumir um cargo de importância política vale observar a adoção da categoria mulher trans. Em uma de nossas últimas conversas ela também me disse que já havia dado início para a troca do nome no documento de identidade.

chegou há 30 anos à comunidade, veio ainda criança de para viver com um tio em São Paulo. Começou a ir para festas aos finais de semana com amigos de um restaurante onde trabalhava, até que uma amiga a convidou para morar por lá. Aos poucos vieram também seus familiares. Jany relatou que sempre teve o desejo de estudar, mas que não tinha condições porque trabalhava desde cedo na roça e lá o pai só permitia que os filhos fossem uma vez por semana à escola. Nos anos 1990, já vivendo na comunidade há algum tempo, resolveu se matricular em uma escola que tinha educação para adultos e foi lá que suas atividades na comunidade tiveram início.

Jany também é figura importante para os jovens interlocutores deste trabalho, ela é considerada um exemplo bem-sucedido de alguém que lutou para combater o preconceito e mais do que somente por tolerância, trabalhou para ser aceita e respeitada entre os membros da comunidade por meio de reivindicações feitas no âmbito social e político e atuando dentro de um movimento da sociedade civil organizada, criado por ela. A seguir Ronaldo³⁷, um dos colaboradores dessa pesquisa, da importância de Jany para entendimento de sua própria sexualidade.

Mas esse processo foi mais de eu entender com a Jany também, ela ajudou muito. Porque nos meus 9 anos, na terceira série, ela trabalhou lá como ajudante da escola. Aí nisso ela falou “nossa, você tem que fazer isso”...dando suporte, não só pra falar o que é certo ou errado, mas dando um suporte na ideia, no entendimento das coisas: “você tem que usar camisinha, ter cuidado com isso, com aquilo”.

Gil, outro colaborador, é outro dos jovens que expressa sua admiração por Jany.

Eu admiro muito a Jany, cara. Nossa, a Jany é foda. Ela é a Jany. Quando ela precisa ser o Geronino ela é o Geronino, engravatado, homem. Mas ela é a Jany e ela não tem vergonha disso. E eu fico, tipo, “nossa, cara... dahora”.

³⁷ Com a exceção de Jany, Genésia e João Miranda, figuras públicas integrantes da AMA, os nomes de todos os jovens que participam desse estudo foram trocados para garantir o anonimato dos colaboradores.

2.3 Contextualizando o trabalho de campo

Essa breve descrição da comunidade e de sua principal organização da sociedade civil, a AMA, juntamente com algumas informações sobre o movimento LGBT da região e de sua liderança, Jany, ajudam a contextualizar o leitor a respeito de onde vivem os interlocutores desse estudo. Essa comunidade localizada na cidade de São Paulo tem suas especificidades históricas associadas ao um forte engajamento político, e, que, portanto, a colocam em uma condição de certa forma diferenciada em relação a oferta de projetos socioculturais e também em termos do desenvolvimento local. Isso não significa, é claro, que todas as pessoas na comunidade sejam contempladas equitativamente, vale lembrar que é um grande território bastante povoado. O que faz com que as histórias e as formas de vida das pessoas sejam bastante diversas, mas com alguns pontos em comum como o fato da população ser em sua maioria constituída de migrantes nordestinos. Nesse sentido, o trabalho que apresento aqui não pode ser entendido como representativo de uma “juventude gay dessa comunidade” e sua relação com os cuidados com a saúde, especificamente a prevenção do HIV/Aids. Entretanto, a partir das experiências desses sete jovens com quem mantive contato ao longo da pesquisa é possível compreender de modo mais detido como é que se dão as escolhas relativas à prevenção ao HIV/Aids. Além de problematizar a relação entre o acesso à informação sobre os meios disponíveis de prevenção e os modos como esses jovens se utilizam dessas informações e meios. Com esse propósito, mesmo que se trate de um pequeno grupo de jovens gays, ouvi-los a partir de uma pesquisa etnográfica, que para além das estatísticas - amplamente realizadas por outros campos do saber – traga conteúdos mais humanizados, me parece relevante nesse momento em que a epidemia de HIV/Aids no Brasil apresenta sinais de recrudescimento entre esse grupo populacional.

Desse modo, como ponto de partida para esse estudo eu dispunha do contato de alguns jovens, que possivelmente colaborariam com a pesquisa e com a principal liderança LGBT da região – a Jany – situação em que eu considerava ser uma boa entrada em campo. Um ano mais tarde e já tendo entrado no programa de pós-graduação em antropologia social eu daria início sistematicamente ao trabalho de campo. Retomei alguns contatos, voltei à AMA, e conversei com todos aqueles que poderiam colaborar comigo para o estabelecimento da minha rede de interlocutores. As respostas não foram imediatas e por várias vezes visitei a comunidade sem muito sucesso. Sabendo da existência do movimento LGBT eu passei a frequentar as reuniões do grupo, que aconteciam uma vez ao mês, com a intenção de que lá eu pudesse encontrar novos interlocutores e também descobrir se havia algum envolvimento do movimento com questões associadas à prevenção do HIV. Das aproximadamente 10 pessoas que participavam do grupo, havia somente um jovem, com quem mantive contato, e todos os outros integrantes estavam na faixa 40 anos de idade.

Passados alguns meses frequentando as reuniões, dois novos jovens se juntaram ao movimento, sendo que um deles eu passei a ter contato também. E assim, diretamente ligados ao grupo LGBT dois jovens se tornaram meus interlocutores, sendo que um destes me indicou mais um amigo. E os quatro outros eu conheci³⁸ no dia de um evento sobre diversidade sexual realizado na comunidade. Estes, que conheci por último, têm estabelecida uma relação de amizade, assim, com exceção da situação das entrevistas que foram individuais, quase todos os meus encontros com eles contaram com a presença dos quatro jovens.

³⁸ Desse dia que os conheci até de fato me aproximar deles passaram-se quatro meses de conversas e negociações via redes sociais.

Após explicar aos integrantes do movimento LGBT que meu trabalho estava relacionado à juventude, as primeiras manifestações eram sobre a dificuldade em trazer os jovens gays para participar do movimento. Foram meses durante o ano de 2015 acompanhando esse grupo: nas reuniões na sede da AMA, nos eventos em que eles organizavam, às vezes em bares e outras situações de descontração. Foi um período agitado e bastante profícuo para eles em termos das disputas políticas que eles se envolveram. Os integrantes do movimento ocuparam dois postos no conselho LGBT de São Paulo, categoria gay e bissexual – além de assumir toda a coordenação do novo centro da Diversidade de Zona Sul.

Nesse tempo em que acompanhei as reuniões observei entre eles a quase que completa ausência da temática da Aids, a única movimentação em torno do tema aconteceu durante o mês de dezembro em que eles, com apoio da secretaria de saúde, organizaram uma ação de testagem na região. Algumas vezes eu tentei colocar o assunto ou propor alguma atividade, mas não percebi muito entusiasmo. Quando insistia dizendo que gostaria de trabalhar com a temática da Aids com os jovens gays, as respostas eram no sentido de: “Ah, se você chegar e falar disso de cara eles não querem vir, é difícil, a gente já tentou de tudo para atrair esses garotos”. Contudo, durante a minha presença no grupo eu nunca vi nenhum debate propriamente com foco na questão da “juventude gay na comunidade”, e, de fato, os interesses estavam sempre mais focados nas disputas dos postos políticos dentro do movimento LGBT organizado da cidade de São Paulo. O que é essencial dentro de um movimento organizado, é claro, entendendo que ocupando esses postos é possível garantir uma atuação mais abrangente. Também aconteceram alguns encontros promovidos por eles para tratar de gênero e sexualidade, mas o público presente era sempre mais adulto do que jovem. No entanto, vale frisar o que já foi dito anteriormente, a AMA contava com três projetos relacionados ao HIV/Aids e juventude.

Se por parte do movimento o discurso era a dificuldade em atrair os jovens, por parte dos jovens o discurso era outro. A figura de referência para eles é a Jany, todos a conhecem e também a admiram pela coragem de lutar contra o preconceito, se assumindo como “travesti”, se vestindo com roupas femininas na comunidade e trazendo visibilidade ao assunto. Isto é, eles a valorizam por sua coragem de admitir uma identidade de gênero feminina dentro da comunidade, um ambiente que para eles não é percebido como muito acolhedor. No entanto, a crítica deles ao movimento é principalmente em relação ao tipo de atividades desenvolvida, os jovens não se sentem contemplados, e na opinião deles o grupo está muito mais centrado nas disputas políticas e interesses pessoais dos próprios militantes, do que propriamente em tratar de assuntos de interesse dos jovens gays, como, por exemplo, a questão do trabalho. Se durante as entrevistas alguns jovens exploraram mais a questão dos projetos de vida, relacionados à continuação dos estudos ou propriamente às possibilidades de trabalho, durante todo o tempo em que os acompanhei, nos encontros e conversas informais, era premente a preocupação com a questão com o do trabalho. No início da pesquisa, dois dos sete jovens trabalhavam, ao término, somente um, e esse prestava serviço para a AMA.

A falta de dinheiro era uma questão recorrente entre eles, por diversas vezes os ouvi reclamar que precisavam trabalhar e que não sabiam exatamente o que fazer; ou que não tinham dinheiro para sair, principalmente quando se tratava de ir a festas ou bares fora da comunidade. Nesses casos, muitas vezes a falta de dinheiro era resolvida entre amigos, um emprestava para o outro, ou amigos de fora da comunidade se ofereciam para emprestar. Vale notar que essas situações eram raras, e que de modo geral essa sociabilidade acontecia dentro da comunidade: na rua, na casa dos amigos e nos bares da região.

Um encontro com os jovens na comunidade

Encontrei com o quatro jovens, que formam o grupo de amigos, pela primeira vez na casa de Ronaldo e dali partimos para os bares na comunidade. A dele fica na avenida que separa a favela dos outros bairros da região, pode se dizer que essa via estabelece uma espécie de fronteira entre a “favela” e os bairros. Aguardamos em sua casa por cerca de meia hora enquanto os outros se preparavam para sair. Imaginava que fossemos nos encontrar para um bate papo tranquilo sobre minha pesquisa, mas eles vieram completamente “montados” e prontos para a “balada”³⁹. Todos com os cabelos bem arrumados, com gel, ou com “chapinha”⁴⁰, um deles tinha um longo canecalon⁴¹ com fios de lã roxos. Ronaldo, o mais velho, apesar de ter o cabelo, a sobrancelha e a pele com um tipo de cuidado que é tradicionalmente considerado feminino; vestia roupas justas, mas não necessariamente percebidas como femininas; já os outros garotos, mais novos, além dos cabelos visivelmente arrumados, também estavam maquiados, com rímel nos olhos, brilho na boca, e as roupas eram ligeiramente mais feminizadas.

Seguimos para um bar próximo à casa de Ronaldo para conversar sobre a pesquisa, ouvir a opinião deles, saber se eles poderiam contribuir, etc. Rapidamente nossa conversa fluiu e, eles muito interessados no que eu fazia, demonstraram um pronto interesse em colaborar. Em pouco tempo estávamos conversando sobre sexualidade, gênero, homossexualidade, e enquanto isso mais um garoto se juntou ao grupo. Então, éramos seis jovens e eu (dois deles não se tornaram meus interlocutores) sentados em uma mesa de bar, e, de repente, eu me vi no centro deles respondendo a uma série de dúvidas e questões sobre homossexualidade, sobre sexo, etc. Do papel de pesquisadora naquele momento eu passei a ser alguém informada e que estava ali disponível para conversar,

³⁹ Balada: festa em bares, danceterias, etc.

⁴⁰ Instrumento usado para alisar o cabelo.

⁴¹ Tranças de cabelos artificiais.

alguém que eles podiam perguntar coisas sem vergonha ou qualquer tipo de pudor. E assim eu fui rapidamente acolhida ao grupo e convidada a participar da “balada” à qual eles iriam naquela noite.

Essa dinâmica se repetiu por diversas vezes: um encontro na casa de algum deles para se preparar, escolher roupa, arrumar cabelos, fazer maquiagem, beber um pouco antes de sair. Essa preparação era uma espécie de “ritual”, o “esquentar” antes da “balada”. Quase tudo era feito coletivamente, quem tinha mais habilidade com maquiagem ajudava o colega a se maquiar; aquele mais habilidoso com cabelos ajudava o outro a se pentear, e as roupas também podiam ser trocadas ou emprestadas. A maioria das vezes seguimos o mesmo roteiro: íamos a algum bar na mesma avenida da casa de Ronaldo e em seguida adentrávamos à comunidade para ir aos dois bares que eles costumam frequentar, um deles bar de samba/pagode relativamente grande, localizado em uma esquina, com diversas mesas e um pequeno palco para os músicos. Um bar aberto que facilita a circulação em que é comum um grande número de pessoas se aglomerarem do lado de fora – e é na rua, olhando a movimentação que estes jovens preferem ficar. O outro bar fica localizado próximo da casa de Ronaldo e mais próximo da avenida que separa favela dos outros bairros. Geralmente há um DJ que anima a noite e o tipo de música mais frequente é *funk*, *samba-rock*, *black-music* e *musica eletrônica*. E foi para essa “balada” que seguimos naquela primeira noite em que nos encontramos, após a primeira parada para conversar sobre a pesquisa próximo a casa de Ronaldo.

O bar em si é um espaço muito pequeno e as pessoas costumam ficar na rua agrupadas em mesas altas sem cadeira, só para apoiar a bebida. E no caso deles, eles geralmente ficam encostados nos carros consumindo bebidas as quais eles não compram nesse bar, mas sim nos mercadinhos da comunidade. Por se mais barato, costumam

compram uma garrafa pet grande de energético⁴² ou refrigerante e uma garrafa de vodka. Além disso, alguns deles também costumam fumar maconha, que se compra facilmente pela comunidade, cocaína também foi assunto naquela noite e em outras, mas que eu tenha presenciado, foi somente o consumo de álcool e maconha. Naquela noite, sem titubear, eles pediram para que eu contribuísse comprando uma das garrafas. O bar não é um local frequentado exclusivamente por gays ou por jovens: o público é bastante diverso, eles costumam se reunir próximo ao bar para conversar, beber, dançar e observar a agitação, mas eles também circulam bastante pela rua, indo a outros locais na comunidade, interagindo com garotas, amigas do bairro e principalmente da escola.

Chegamos a esse bar por volta de 10 horas da noite, após uma longa conversa sobre minha pesquisa e assuntos relacionados à sexualidade. A rua estava cheia de pessoas jovens e adultos, homens e mulheres. Passamos em frente ao bar e enquanto alguns deles procuravam um local para ficar eu e um dos jovens seguimos caminhando na comunidade para ir comprar as bebidas daquela noite. Voltamos para a perto do bar onde eles estavam parados conversando com duas garrafas de energético e duas de vodka. A dinâmica da “balada” se resume a se reunir na rua com os amigos, encostados em algum carro ou sentados na calçada, para beber, conversar, dançar e paquerar. Naquela noite um dos jovens encontrou com um rapaz com quem ele já tinha “ficado” e os dois rapidamente foram embora juntos. O menos falante de todos algumas vezes sumia e voltava, até que em algum momento alguém comentou comigo “ele está esperando um homem mais velho com quem ele costuma sair mandar mensagem para eles se encontrarem”. E de fato não muito tempo depois ele foi embora. Muitas garotas, colegas de escola deles, vinham conversar conosco, beber um pouco, dançar. Um deles me contava que era muito comum

⁴² Um tipo de bebida energética estimulando que é comum as pessoas misturarem com bebidas alcoólicas.

mais para o final da noite a paquera com alguns homens/rapazes que não se assumem como gays. Esse mesmo jovem me contou que na semana anterior havia saído com um homem mais velho, que conheceu ali mesmo em frente ao bar, para transar. Disse que o parceiro daquela noite era casado, tinha filhos e que mesmo assim eles transaram sem camisinha. Em algum momento da noite ele me chamou para mostrar quem era e dizer que provavelmente repetiria o final de noite com ele.

Nessa primeira noite em que eu os encontrei, eu voltei para casa às 4 da manhã e eles ainda continuaram por lá. Alguns dias depois conversei com eles via mensagem instantânea e eles me disseram que por volta de 6 da manhã todos dormiram na casa de Arthur, um deles, a casa estava vazia como de costume porque a mãe geralmente dorme na casa do namorado.

Trago essa cena do meu primeiro encontro com esse grupo de jovens porque acredito que nela há alguns elementos interessantes, que fazem parte da dinâmica de sociabilidade deles, e que se repetiram na maioria dos nossos encontros. A curiosidade e o interesse por parte deles nas questões sobre sexualidade e homossexualidade foi algo que me chamou a atenção inicialmente. Eles demonstraram grande curiosidade pela temática, queriam questionar, expor as dúvidas e as experiências deles. Era como se aquele tipo de conversa não fosse usual ou ainda como se houvesse certa urgência para algumas respostas. Além disso, ficou evidente uma preocupação muito grande por parte deles com a performance, isto é, com o modo como se apresentam, como se vestem, se maquiam, como cuidam dos cabelos, etc. Cada noite, cada “balada” na comunidade é percebida como um evento especial, que exige uma preparação e essa preparação acaba se tornando também parte da “festa” porque é nesse momento em que eles brincam uns com os outros, fazem piadas sobre o tipo da roupa, do cabelo, etc...

2.4 O perfil dos jovens

Traçarei a seguir o perfil dos interlocutores desse trabalho, de todo modo apresento aqui alguns dados que fornecem uma ideia geral do grupo. Eles têm entre 18 e 22 anos, sendo que um deles tem 28 anos. Todos são moradores da comunidade. Dois se declararam brancos, dois pardos e três negros. Três concluíram o ensino médio; um não estudou - parou na 6 série; três estão na 8 série e um iniciou a faculdade de Administração, mas trancou a matrícula. Sobre a religiosidade, dois declaram não ter religião; um se diz agnóstico; dois dizem acreditar em deus; um frequenta o candomblé e outro se diz católico. No início da pesquisa um trabalhava e o outro estava desempregado - ambos prestam serviço para a AMA, os demais só estudavam.

As moradias são de tipo alugada ou cedida e a renda familiar não ultrapassa os quatro salários mínimos. As unidades domésticas destes jovens possuem diferentes tipos de arranjos familiares, no entanto, são predominantemente monoparentais, chefiadas por mulheres.

Com os três primeiros jovens a seguir – Márcio, Gil e Denis – meu contato se deu basicamente por meio das reuniões do Movimento LGBT, com as entrevistas, via whatsapp ou Facebook Messenger⁴³. Com o grupo de amigos formado pelos quatro jovens que apresento a seguir - Arthur, Cristian, Ronaldo e Arthur – a relação se tornou mais próxima e além das entrevistas e dos contatos via rede social, por diversas vezes nos encontramos na comunidade, em bares ou na casa deles.

Apesar de não ter solicitado que eles se autoterrassem, os termos “gay” e mais raramente “viado” foram utilizados para se referir à própria sexualidade. No entanto, vale

⁴³ Aplicativos on-line para o envio e recebimento de mensagens instantâneas.

pontuar novamente que eles se utilizam da categoria gay para se auto referir, mas que combinam performances de gênero variadas e bastante fluidas.

	Idade	Local de nascimento	Cor	Escolaridade	Religião	Vive com	Trabalho
Márcio	18	Bahia	branco	Estuda Farmácia	Não tem	Irmã e mãe	Em uma farmácia
Gil	18	São Paulo	negro	Ensino médio completo	Agnóstico	Irmã, mãe, 2 tias, 3 primos	Não trabalha
Fabio	18	São Paulo	branco	Parou de estudar e voltou faz a 6 e 7 série esse ano - eja	Não tem	Mãe e três irmãos	Não trabalha
Arthur	18	São Paulo	pardo	7 série	Acredita em deus não tem religião	Mãe	Não trabalha
Cristian	18	São Paulo	negro	7 série	Católico	Mãe, dois irmãos, 2 sobrinhos	Não trabalha
Denis	22	São Paulo	negro	Estuda administração	candomblé	Sozinho	Em uma creche
Ronaldo	28	São Paulo	pardo	Ensino médio completo	Relata ter frequentado várias: evangélica, católica, candomblé	Pai e mãe	Desempregado

Márcio

O encontro com Márcio se deu em uma das reuniões do Movimento LGB, ele era o único jovem a participar das reuniões e quando soube sobre minha pesquisa rapidamente se prontificou a ajudar. Márcio tem 18 anos e durante boa parte da pesquisa trabalhava durante o período da tarde na biblioteca comunitária da AMA, e à noite ia para a escola. Ele diz que não tem religião e se autodeclara branco, e entre os jovens ele é um

dos que tem o tom de pele mais claro. No período em que realizei a entrevista, ele cursava o último ano do ensino médio ao mesmo tempo em que se preparava para o ENEM, além dele um único outro jovem apresentava projetos de vida associados ao prolongamento dos estudos. Passado algum tempo do fim da pesquisa entrei em contato com ele e soube que ele estava estudando Farmácia, em uma instituição privada e trabalhando em uma drogaria. Márcio vive com a mãe e a irmã, em uma casa alugada com dois quartos e a renda familiar é de aproximadamente três salários mínimos, sua mãe é coordenadora em uma franquias de café e é católica. Márcio nasceu na Bahia e veio para São Paulo com a mãe que havia se separado mudava de estado para “ganhar a vida”. Apesar do pai também viver em São Paulo eles não mantêm uma relação de muito contato. Márcio relatou que sofreu muito quando contou para a mãe sobre sua homossexualidade, isso aconteceu poucas semanas antes da realização da nossa entrevista, de modo que durante nossa conversa ele ainda estava bastante abalado. Sua mãe não aceitou sua homossexualidade e dizia que ele teria que mudar se quisesse permanecer na casa da família. Ele, pensando na dificuldade que enfrentaria fora de casa e em seus planos para o futuro, resolveu dizer a ela que mudaria sua orientação sexual, mesmo sabendo que isso não aconteceria. No entanto, Márcio utiliza bastante a internet – *Facebook* e *Instagram* – e frequentemente pública sobre homossexualidade e suas fotos – *selfies* - muitas vezes acompanham legendas e hastags que explicitam sua orientação sexual. Ele também utiliza aplicativos para encontros, como o *Grindr*, rede social que conecta homens gays, entre outros. Ao falar sobre sua vida afetiva e sexual, Márcio relatou que foi abusado sexualmente retornando de uma balada com um amigo e que essa situação durante bastante tempo o incomodou. Mas que, contudo, atualmente não afeta a vivência de sua sexualidade.

Por quase um ano nos encontramos nas reuniões do Movimento LGBT e também fomos juntos à Parada LGBT de São Paulo, a primeira em que ele participava. Nesse dia

Márcio passou a tarde entre os meus colegas de universidade, a intenção era irmos juntos como o movimento LBGT para a *Parada*, em um ônibus fornecido pela Prefeitura de São Paulo à AMA e destinado aos integrantes do movimento LBGT, no entanto, como nenhum integrante do movimento apareceu, e os únicos que se apresentaram no horário e local combinados fomos eu e ele, seguimos sozinhos e nos juntamos aos meus colegas. Márcio nunca tinha ido ao evento e mostrou-se bastante empolgado por estar lá. Ele conversou com algumas pessoas que não conhecíamos, beijou um garoto rapidamente, mas a maior parte do tempo ficou entre meu grupo de amigos. Ele agradeceu-me por diversas vezes pela companhia, nós fizemos todo o percurso e voltamos para casa juntos.

Gil

O encontro com Gil se deu por meio de uma indicação de Márcio, com ele o contato ocorreu de modo bastante diferente e até o dia da entrevista nós só mantínhamos contato via rede social (whats app e facebook). Durante um mês trocamos mensagens para tentar agendar a entrevista, nesse tempo Gil me contou um pouco sobre sua família, sobre sua amizade com Márcio, sobre as coisas que fazia naquele momento. Nossa entrevista ocorreu numa escola da comunidade local onde acontecem muitos eventos. Tanto os jovens interlocutores desse trabalho quanto os militantes do Movimento LBGT costumam frequentar o espaço. Gil tem 18 anos, se autodeclara negro, e no momento da entrevista estava terminando o ensino médio, ele assim como Márcio preparava-se para o Enem e mostra-se bastante interessado em continuar os estudos e fazer uma faculdade. Vive com a mãe e a companheira dela, a tia, os sobrinhos e um meio irmão, sua mãe trabalha como vendedora e tem uma renda aproximada de dois salários mínimos.

O início da entrevista foi bastante difícil porque apesar de Gil gostar de conversar, e descrever os fatos em detalhes, ele tem bastante dificuldade em falar sobre sua vida afetiva e sobre sexo. A esse respeito, ele me contou que estava frequentando uma psicóloga com a intenção de superar a dificuldade e a timidez que ele sente perante sua sexualidade. Em nenhum momento Gil dissociou sexo de amor, toda sua experiência afetiva e sexual se resume a um longo envolvimento afetivo, que teve com um rapaz da sua vizinhança. No momento em que conversamos essa relação tinha recém terminando e ele estava tentando lidar com o acontecido, que ao seu ver era algo ainda bastante difícil de superar. Apesar da dificuldade em lidar com essa situação, ele acabou contando que tinha uma nova paixão, e após algum suspense ele revelou que agora seus sentimentos estavam voltados para seu amigo Márcio. Em suas palavras era um tipo de amor platônico, já que aparentemente não havia nenhum interesse por parte do amigo. Márcio que eu já havia entrevistado, e que fora quem me apresentou Gil, em nenhum momento de nossas conversas mencionou o fato de Gil nutrir sentimentos por ele.

Diferentemente dos outros jovens, que relatam sair para ver os amigos, para ir a festas, etc., Gil é um jovem que fica mais em casa e relatou não ter muitos amigos, não se sente muito confortável com isso, mas disse que no momento sua rede de amigos estava um “pouco estranha”, havia trocado de escola e perdido o contato com alguns antigos colegas. Naquele momento, ele disse que estava escrevendo uma história em quadrinhos em inglês, disse que adora estudar inglês sozinho e um de seus passatempos preferidos era dedicar-se a escrita dessa história. Contou que havia sido uma de suas professoras que o incentivara a aprender outros idiomas porque ao dizer que ele tinha bastante facilidade com isso.

Tímido e com pouca experiência sexual, Gil concentrou suas falas nos dilemas familiares, e em suas recentes decepções amorosas: o fim de seu único relacionamento e no amor não correspondido por parte do amigo. Também titubeou durante algum tempo para contar sobre suas primeiras experiências de masturbação, ainda criança com um amigo de escola. Outro tema que foi abordado com bastante dificuldade, mas que ele demonstrava desejo em tocar no assunto desde o início da conversa, e que só foi surgir depois de algum tempo, foi o fato do seu nascimento. Gil demonstrando incômodo, como se contasse um fato inacreditável, relatou: minha mãe é “gay” e eu nasci de um “ménage à trois”!!! Gil contou com total desconcerto que seu pai participara de uma relação sexual com sua mãe e a parceira e foi assim que ele nasceu. Contou também que perdeu sua liberdade, porque agora o quarto em que ele vivia sozinho, que trazia seu namorado para dormir e namorar com ele, ele tem que dividir com um meio irmão, isto é, um filho de seu pai com outra mulher, mas que sua mãe passou a tomar conta.

Diante de histórias complexas como essas, Gil mostra-se um garoto inquieto com diversas questões a resolver, tímido especialmente no que se refere a sua sexualidade, a orientação sexual da mãe e o modo como ele nasceu, mas, no entanto, bastante falante e com diversos planos para o futuro.

Denis

Denis foi um dos jovens que se juntou ao movimento LGBT durante o período em que os acompanhei. A primeira vez que a vi tive dúvidas a respeito do gênero que usaria ao referir-me a ele, depois percebi que todos utilizavam somente as iniciais de seu nome, Dê, e assim resolvi meu questionamento. Durante nosso convívio Dê se definiu como um “gay não binário”, ela usava na maioria das vezes roupas consideradas femininas e

também tinha cabelos longos. Dê tem 22 anos nasceu em São Paulo e sempre morou nessa comunidade, sua mãe trabalha há muitos anos para a AMA e ela também. Quando nos conhecemos era auxiliar administrativo em uma das creches administradas pela AMA. Além disso, ela também passou a trabalhar como revendedora de produtos de beleza da marca Mary kay. Por ser negra e bastante feminina, Dê acredita que sofre mais com o preconceito por ter essas características, e que os homens tendem a querer “se aproveitar” dela, ou fazê-la de “objeto sexual”, posição que ela se nega a ocupar, e tudo isso ficou mais evidente segundo ela depois que ela decidiu alongar os cabelos. Disse que os cabelos a tornaram mais feminina e também mais suscetível ao assédio dos homens.

Apesar de atualmente ter uma boa relação com a mãe, ela enfrentou muitos problemas com ela por conta da sua homossexualidade. Decidiu então que sairia de casa assim que completasse 18 anos, e assim o fez. Mesmo à distância, sua mãe foi questionada sobre seu “papel de mãe” pelo padre da comunidade religiosa que ela frequentava: “Que mãe é essa que deixa o filho se portar desse jeito, ter esse tipo de cabelo?”. Essa situação a fez abandonar a igreja e como Dê é adepta do Candomblé a mãe também aderiu a prática.

Diferentemente de todos os outros entrevistados, Dê afirma usar preservativo em todas as suas relações sexuais. Sua postura revela preocupação com a saúde e bastante desconfiança em relação às pessoas com quem se envolve. Para ela “existe muita sacanagem nesse mundo gay, e não dá para confiar”.

Ronaldo

Encontrei Ronaldo e os três outros jovens⁴⁴ que apresentarei a seguir durante um evento realizado na comunidade sobre diversidade sexual. Ronaldo e o grupo de amigos votaram e estavam reunidos conversando e dançando ao som de músicas de cantoras como Rihanna, Beyonce, Kylie Minogue, etc... Tive uma rápida conversa com eles e trocamos telefones, depois disso por mais de quatro meses tentei contatá-los, mas sem sucesso, explicava sobre minha pesquisa, mantínhamos conversas curtas via whatsapp, mas os encontros não aconteciam. Nosso encontro só veio a acontecer depois de uma conversa com Jany – líder do movimento - que também é amiga de Ronaldo enviou a ele uma mensagem pedindo para que ele organizasse um encontro entre o grupo de amigos para que conversassem comigo. Desse modo, meu primeiro encontro com Ronaldo aconteceu na sua casa enquanto esperávamos os outros rapazes para irmos a um bar na comunidade e conversar a respeito da minha pesquisa.

Ronaldo vive com o pai e a mãe, dois migrantes nordestinos, em uma casa na que o pai construiu na avenida que separa a favela dos outros bairros da região. É uma casa simples de três cômodos em que se entra por um corredor estreito onde há acesso para uma outra residência no piso superior, ainda inacabada, local que algum tempo depois Ronaldo me contou que usa para fazer sexo com rapazes geralmente depois das baladas que ele faz na região.

Ele é o mais velho do grupo de amigos, tem 28 anos, diz que se acha negro, mas que em seu registro consta “pardo”. Diz que atualmente não tem religião, mas que já frequentou o candomblé e “já foi católico com seu pai”. Entre os garotos ele é o que tem maior circulação pela cidade, inclusive em algumas boates gays no centro da cidade.

⁴⁴ Estes são os 4 jovens que mantém uma relação de amizade.

Durante o período que tivemos contato Ronaldo estava em busca de trabalho. Durante um período curto ele trabalhou em um projeto de testagem para HIV/Aids em diferentes regiões da cidade, por meio de uma indicação da Jany, mas tendo faltado no primeiro dia do projeto e na semana seguinte não tendo ido mais uma vez trabalhar ele foi desligado do projeto. Ronaldo não me deu muitos detalhes do ocorrido, mas disse que seguia procurando algo melhor para fazer, no entanto, era clara a insatisfação por conta do desemprego.

Ronaldo não estava namorando durante o período que tivemos contato, mas tinha uma relação esporádica com um homem casado da comunidade, com o qual ele me relatou sempre fazer sexo sem preservativo, sem nenhum tipo de negociação ou conversa a respeito por parte de ambos. Foi comum entre esse grupo de amigos o relato de que eles mantêm relações sexuais com homens/rapazes da comunidade casados ou não “assumidos” como gays.

Cristian

Cristian tem 18 anos e entre os quatro amigos é o mais articulado sobre questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Quando nos conhecemos ele estava terminando o ensino médio e não trabalhava e morava com a mãe e os irmãos, ao final da pesquisa ele havia deixado São Paulo para viver com um rapaz que ele conheceu em um “bate papo” na internet. Ele me contou que os dois conversaram por um mês via whatsapp e que o rapaz que estava mudando de cidade - deixando São Paulo para viver no Paraná – e o convidou para ir viver com ele, Cristian aceitou. A primeira vez que eles se encontraram pessoalmente foi justamente no dia que Cristian desembarcou na rodoviária do Paraná. Quando perguntei qual tinha sido a reação da mãe dele ao saber que ele estava

saindo de casa para morar com um rapaz que ele conhecia a menos de dois meses, ele me disse que “ela ficou um pouco brava no início”, mas que dois três dias depois ela já não dizia mais nada.

Ao contrário do que Cristian aparenta hoje, um jovem extrovertido, falante, com roupas bastante femininas e coloridas, longos cabelos trançados com lã roxa, ao estilo *canecalon*, ele conta que era um menino tímido, que não conversava e guardada seus anseios e inquietações para ele. Mas que ao mesmo tempo sempre foi questionador e que por não aceitar tudo facilmente ia sempre atrás de respostas, principalmente no que dizia respeito a sua sexualidade. No entanto, essa postura inquieta não foi suficiente para livrá-lo de um quadro de tristeza profunda que o levou a uma tentativa de suicídio aos 15 anos. Ele explica que isso aconteceu por sentir-se bastante “oprimido” por conta de suas características “negro, gay, afeminado”, diz que não se sentia acolhido nem mesmo na sua família e que a pressão exercida pelo pai era muito grande, ele pontua com bastante rancor o fato do pai diversas vezes ter o ofendido o chamando de rato: “você é um homem ou rato?” perguntava o pai.

Com a busca por informações na internet e o contato com outros garotos gays aquela “fase mais crítica” passou e ele relatou compreender melhor a sua sexualidade. Em um dos nossos primeiros encontros ele me disse que gosta muito de ver alguns jovens gays e travestis em seus canais no youtube, e que ele tinha planos de se tornar um “youtuber” também, para falar do “mundo gay” e de sexualidade. Ele é um rapaz super ativo nas redes sociais, Facebook e principalmente instagram, ferramenta que após ele ter ido viver no Paraná com seu companheiro, passou a ser praticamente um diário on-line do casal, em que ele postava fotos bastante íntimas ou cotidianas. O tom das fotos e das

mensagens é sempre bastante romântico, em relação ao parceiro, e ao mesmo tempo de afirmação sobre sua orientação sexual e também performance de gênero.

Arthur

Arthur é o único dos jovens que disse ter o desejo de modificar seu corpo: “Se eu tivesse a contabilidade da Beyoncé, querida... eu reconstruiria meu corpo todinho com silicone”. Ele também foi aquele que mais jovem contou sobre sua sexualidade para a família, aos 11 anos ele conversou com a mãe e disse a ela que era gay. Arthur tem 18 anos e vive sozinho com a mãe, mas conta que ela passa a maior parte do tempo na casa do namorado, situação que lhe confere bastante liberdade. Ele costuma se reunir com os amigos na sua casa e muitas vezes é também para lá que eles vão quando terminam as festas da região.

Ele é um jovem que se preocupa bastante com sua aparência, em todos os nossos encontros ele sempre vinha bastante maquiado, com rímel nos olhos, brilho na boca e a pele bem maquiada com uma base que confere a sua pele um tom um pouco mais claro. Ele se autodeclara pardo, apesar de se referir ao seu cabelo como sendo afro quando diz que além do silicone gostaria de mudar os cabelos. “Colocaria os peitos, raspava o cabelo, porque meu cabelo é um pouquinho afro, né?, cacheado. E colocava um cabelo indiano ou japonês, aquela coisa lisa”. Seu amigo Cristian que tem o tom de pele mais escuro do que o dele e que faz questão de afirmar a sua negritude diz que só ele, o Arthur, não percebe que ele é um jovem negro. No entanto, as falas e o modo como ele se apresenta demonstram mais um desejo de uma adquirir “aparência menos negra” por meio da maquiagem e da mudança no cabelo, do que propriamente um não reconhecimento da sua aparência. De todo modo, quando questionado em relação a situações de preconceito

racial ele afirma não sofrer, ao contrário de Cristian que afirma sentir preconceito tanto por sua cor da pele quanto por ser um “gay afeminado”.

Arthur relata que se deu conta da sua homossexualidade bastante cedo quando “amou um menino” que era seu vizinho, e diz que essa situação foi muito decepcionante porque foi um amor não correspondido, o garoto não gostava de meninos. Durante os encontros que tivemos Arthur não estava namorando, mas eventualmente se relacionava com garotos que conhecia por meio de aplicativos na internet e também nas festas que frequenta.

A sociabilidade de Arthur se dá quase que somente dentro da comunidade, em sua fala ficam bem marcadas a questão do “aqui dentro e o lá fora”. Ele frequenta a mesma escola que Cristian, se reúne com os amigos para festas em casa ou em bares na região. Ele reclama por não estar trabalhando, mas diz também que “não está procurando muito também”, acha difícil sem ter terminado o colégio arranjar algo para fazer. Pensando no futuro, diz que não gosta muito de estudar, mas expressa o desejo de fazer algum curso de maquiador ou cabeleireiro, atividades que ele gosta e costuma fazer entre os amigos.

Fabio

Quando nos conhecemos Fabio tinha 17 anos, ele é o mais velho de três irmãos, vive com a mãe e um sobrinho e disse conhecer o pai. De todos os jovens ele é o mais quieto, tanto durante a entrevista como nos momentos em que estávamos em bares, na casa de amigos ou na rua. Seu apelido é “Ken” em referência ao boneco que é o namorado da boneca “Barbie”, isso porque ele tingiu o cabelo de loiro, frequentemente usa lentes de contatos azuis e está sempre bem arrumado, além disso, assim como Arthur ele costuma maquiagem a pele para corrigir imperfeições e faz a sobrancelha.

Fabio não estava namorando durante o período que tivemos contato e disse que raramente se relaciona com alguém, no entanto, diz que prefere ficar a namorar porque não gosta “de ninguém pegando no seu pé”. Ele havia parado de estudar quando nos encontramos e quando perguntei porquê disse que porque não gosta de ir à escola. Contou que foi parando de ir aos poucos, “cabulando aula” para ir para casa de amigos e acabou abandonando. Também disse que sua mãe meses depois quando descobriu o abandono ficou bastante brava e que agora ela tentava conseguir uma vaga para ele retornar os estudos em alguma escola da região.

Fabio diz que adora balé e que por alguns meses estava praticando em um centro cultural, mas teve que parar porque o horário coincidia com o horário da escola. Ele diz que ele gostaria muito de conseguir uma nova escola para praticar, mas que geralmente são muito caras e ele ainda não encontrou outro local gratuito. Fabio assim como boa parte dos outros jovens tem queixas sobre a dificuldade em conseguir trabalho, mas também diz não saber exatamente o que gostaria de fazer. Sem estudar e sem trabalhar, ele passa a maior parte do tempo em casa ou na rua com os amigos.

Ele é o único dos jovens que costuma frequentar um bar na comunidade conhecido por ser um local de prostituição e também frequentado por homens mais velhos em busca de garotos mais jovens. Fabio afirma que não se prostitui, mas que eventualmente se envolve com homens mais velhos que o presenteiam com roupas e outros “objetos da moda” que ele diz gosta, como perfumes e tênis de marca.

Após trazer esse breve perfil dos interlocutores desse estudo, trataremos nos capítulos seguintes sobre as experiências deles com a sexualidade e com os cuidados relativos à prevenção ao HIV/Aids.

3. “Eu não aguento mais ser destrutado” ou a luta cotidiana pelo exercício da sexualidade

3.1 O contar para a família sobre a homossexualidade

O contar para a família sobre a própria homossexualidade é um dos aspectos do processo mais amplo de “reconhecimento” e “revelação” da própria sexualidade. Os estudos de identidade sexual (Plummer, 1995; Troiden, 1988; Cass, 1979; 1984) que se dedicaram a estudar esse processo de *coming out* criaram modelos de compreensão que apresentavam nuances e distinções, mas que também compartilhavam um conjunto recorrente de pressupostos: o bloqueio do reconhecimento dos próprios desejos sexuais; um período de experimentação e significação, marcado por turbulência e tensão; e o processo de “revelar-se” como etapa seguinte. Além disso, tais estudos, partilham da tendência a “articular cada fase da “carreira” homossexual a uma etapa da vida” (SIMOES, 2004). A crítica a esses modelos normativos procura não simplificar as experiências desse processo, que pode ocorrer de modos bastante distintos e complexos e em diferentes momentos ao longo da vida. Na narrativas desses jovens em relação à família há também fluidez e diversidade na elaboração das narrativas de *coming out*, ainda que muitas vezes preservem aspectos semelhantes aos presentes nos modelos de estágios.

O “sair do armário” ou o “assumir-se gay”, nesse caso no ambiente familiar, é um fato que esses jovens experienciaram há não muito tempo. De modo geral, todos eles enfrentaram uma reação por parte dos pais bastante negativa, principalmente em relação à mãe porque é com ela que eles têm mais proximidade e também é a pessoa quem tem

mais autoridade sob eles. No entanto, os desdobramentos desse evento foram bastante diversos no que diz respeito a posição da família e também em relação às consequências para o desenrolar da vida desses jovens.

O “armário” SEDGWICK (2007, 1990) entendido como um tipo de regulador da vida de indivíduos não heterossexuais, que oscila entre o estar dentro (não se assumir homossexual) e o estar fora (assumir-se homossexual). Pode ser compreendido como um processo articulado a atravessamentos políticos e morais, ao mesmo tempo que é um elemento constituinte da subjetividade dos indivíduos. Esse movimento que não é único, tampouco estritamente individual ou politicamente isolado, mas constituído por constantes e distintas negociações pode ser percebido, no âmbito familiar, a partir dos relatos desses jovens. No depoimento a seguir, Ronaldo relata brevemente a reação da mãe em relação a sua homossexualidade.

Então, minha mãe é evangélica. Eu falei pra ela que sou gay, e ela veio falando que era questão de espírito, que era pomba gira, essas coisas mandada, que não era eu, minha cabeça, que era uma coisa que fazia eu fazer isso. E eu disse pra ela “não, eu sou assim, você tem que aceitar, e se você não aceitar você vai estar me renegando”. Foi um xororô, uma briga, ela me puxou pra um lado, eu puxei ela pro lado, ela quebrou meu colar, eu caí no chão, foi um drama todo. Aí depois, no outro dia, ela disse “não meu filho, eu sei, eu te amo, vou te amar de qualquer jeito, independente do que você seja ou quer”. Aí a gente se abraçou, se beijou e ficou tudo bem. Pelo menos eu falei a verdade. Ela deu um show de momentos primeiro, porque é um choque, geralmente as mães não sabem se portar com esse assunto.

Diferentemente das mães dos outros garotos, ela buscou justificar a homossexualidade do filho com base em explicações de cunho religioso e referentes à doutrina que ela segue. Ao lado de uma moralidade conservadora e de princípios religiosos, emerge também na narrativa dos familiares desses jovens a não tão antiga representação da homossexualidade como uma doença, baseada em concepções higienistas difundidas no século XIX, principalmente pela medicina e psiquiatria da

época, em que a homossexualidade era compreendida como uma patologia possível de cura (TREVISAN, 1986; FRY & MACRAE, 1991; GREEN, 2000). Desse modo, mesmo tendo sido retirada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) do código internacional de doenças (CID), em 1990, a ideia da homossexualidade como doença ainda faz parte do imaginário social, como é possível perceber no relato de Márcio.

E é assim, faz pouco tempo que eu contei pra minha mãe. Ela não reagiu bem, ela não reagiu nada bem. E é muito triste, eu fiquei muito chateado no dia. Eu contei só pra ela, ninguém da minha família sabe. E ela falou que não aceitava, que ela não tinha me criado... foi muito triste. Foi muito horrível. Acho que é uma coisa assim que eu não gosto de lembrar, mas... fazer o que né? Acontece. Aí ela falava “não criei filho pra isso”. Ela falou que ia me levar pro médico, foi horrível. Acho que na hora eu não era o Márcio mais, eu era um bebê chorão naquela hora, eu tava em prantos, né? Eu tava me segurando, mas eu tava lá. E foi quando ela... Foi quando eu falei “ai meu deus, tomara que ela entenda”, falei que não adiantava levar em médico, mas acho que na cabeça dela não entrou e acabou que ela não aceitou. Ela falou que eu tinha que mudar, falou que era errado, falou que gay não era gente... Aí ela falou que deveria ter me levado ao médico, que eu deveria ter levado no médico quando era menor, que isso era uma doença, um problema, que o povo tá louco, que ela não ia aceitar, que se eu não mudar que é pra eu sair de casa, foi o que ela falou, foi horrível também. Ela ameaçou me expulsar de casa.

No relato de Márcio é possível perceber o quão perturbador foi para a mãe dele receber a notícia sobre sua homossexualidade. Ela tende a acreditar que as atitudes do filho são uma consequência de um possível erro de criação da parte dela ou possivelmente uma doença, e, que, portanto, poderia ser curada. Ela não aceita a orientação sexual do filho e exige que ele mude ameaçando expulsá-lo de casa caso ele não a obedeça. Relatando um profundo sentimento de tristeza diante da atitude da mãe e com medo de ter seus projetos futuros atrapalhados pela ameaça da expulsão de casa, ele decide estrategicamente atender de alguma forma às expectativas da mãe, atitude explicitada em seu relato.

E eu falei, eu não vou mentir, falei “tá bom então”, só que assim, eu não vou mudar por ninguém. Nem pela minha mãe. Não tem como eu falar “olha, hoje eu quero ser hétero”, não tem chá pra mudar. E eu não

escolhi ser gay. Mesmo que eu pudesse, eu não escolheria ser hétero. Fazer o quê? A mesma coisa que ela não escolheu ser hetero eu também não escolhi ser gay, não é uma opção, se fosse uma opção, mas não é. E aí eu menti, porque eu falei, não pode deixa, já que você quer assim, então tá, porque eu não vou mudar por ninguém, eu falei isso porque eu não queria criar mais problema eu gosto de resolver as coisas, eu não gosto de ficar criando, mas eu tive que mentir... Eu sei que não é legal, mas eu preferi do que ser expulso de casa, eu fiquei com medo porque eu não trabalho mais, não estudo ainda, eu sei que ia ser difícil se ela me mandasse embora de casa. Eu não sei, eu fico com esse medo agora, com esse medo de falar pra mais alguém que for parente e ter uma reação ruim. Eu fico imaginando minha família inteira contra mim. E, eu não tenho nada, realmente agora eu não tenho ninguém pra dizer "olha eu te apoio", nenhuma pessoa da família, fora minha irmã, nenhuma pessoa adulta da minha família pra falar "olha fica tranquilo".

O reconhecimento e a aceitação da homossexualidade evocam entre os jovens e seus familiares uma gama de sentimentos entre os quais o medo ocupa lugar de destaque. Márcio decide acatar o pedido da mãe mentindo que iria tentar deixar de ser gay mesmo afirmando que isso é algo impossível de acontecer. Nesse caso, o medo de ser expulso de casa, de não ter dinheiro para sobreviver e de ter que abandonar seus projetos de vida o fazem agir estrategicamente pensando no futuro.

Expresso em forma de sofrimento psíquico ou formas concretas de violência, o medo perpassa a trajetória destes jovens no que concerne à vivência da sexualidade. A seguir, Fábio fala sobre o medo que tinha de conversar sobre a homossexualidade com a mãe.

Eu tinha medo dela fazer alguma coisa ruim, mas no fundo desde quando eu era pequenininho eu acho que ela já sabia, porque que eu vestia os saltos dela, colocava os panos de prato na cabeça e ficava dançando. Aí teve um dia eu acho que eu tinha 13 ou 14 anos, aí eu tava na mesa lixando a unha, e ela "nossa você parece um gay lixando a unha". E eu perguntei "ué você não sabe? Todo mundo sabe e só você que não sabe?" E ela "é, eu já sabia já". Eu tinha medo dela não me aceitar, dela me mandar embora de casa. Mas, a mãe é a primeira pessoa a saber, mesmo. Eu guardei por bastante tempo, porque eu tinha medo, a gente ouviu um monte de história ruim né, mas não, ela no começo ficou meio assim, mas ela me apoiou só. Na verdade, não disse muita coisa. Só os meus irmãos que não gostou muito, só que eu não liguei pra eles também.

Reconhecer e assumir a homossexualidade é um processo que pode desencadear a reorganização ou rompimento de vínculos no ambiente familiar. Uma vez que esse evento pode quebrar com as expectativas que os pais mantêm em relação ao destino dos filhos. Há também o medo de que essa situação se torne pública entre a vizinhança e grupo de pessoas conhecidas o que poderia resultar em comentários desagradáveis, fofocas ou até mesmo algum tipo de prejuízo em termos de prestígio ou reconhecimento social. As reações familiares são marcadas na maioria das vezes pela emoção ou pela falta de habilidade para tratar dessa situação não planejada. Esse processo pode desencadear muitos conflitos tornando o ambiente familiar em um espaço marcado por traumas, medo e culpa. Tendo em vista a experiência desses jovens, isso pode ser tanto uma situação passageira, mas também pode-se tornar um problema mais duradouro e que interfere nas relações interpessoais familiares resultando em situações bastante opressivas e marcadas por intenso sofrimento. No que diz respeito às reações das mães destes jovens em relação à homossexualidade de seus filhos, elas foram expressas desde modos mais sutis, como, por exemplo, por um silenciamento temporário; ou mais intensas por meio de agressões verbais e também mais radicais por meio de ameaças de expulsão de casa ou por meio agressões físicas. No relato a seguir, Denis fala sobre as ameaças e a repressão da mãe desde o momento em que decidiu contar a ela, aos 16 anos.

Saber ela já sabia. Ela mandava várias indiretas, ela dizia “se você se assumir você vai ter que ir morar na sua própria casa”, e várias ameaças desse tipo. Então, quando eu me assumi, pra minha mãe foi um choque. Foi um ‘chororô’, foi a época que ela falou que eu tinha acabado com a vida dela. Ela chorava pelos cantos enquanto eu tava indo trabalhar, enquanto eu tava indo estudar, eu tava indo cuidar da minha vida, como se nada tivesse acontecido. Foi um momento muito triste porque ela começou a me agredir com palavras, com atitudes e gestos, foi um momento difícil porque ela não imaginou que eu fosse dar a cara para um situação daquela, ela queria que eu tivesse ficado trancado no armário pra ninguém falar nada, pra que nada disso viesse à tona. Mas eu não sou uma pessoa que me escondo. Eu vou à luta, eu vou à mostra, eu não fico fingindo uma coisa que eu não sou. E por isso a gente teve um momento muito difícil, que foi quando ela quis começar a brigar

todo o tempo comigo, jogar minhas coisas fora, me agredir. Eu já tava com 16 anos e eu já queria ir embora de casa, mas ela não deixava eu ir embora. Ela falava que eu tinha que ser 'de maior' ou que se eu fosse embora com ele, ela ia chamar a polícia, aí foi quando eu decidi que quando eu fizesse 18 anos eu ia embora.

Essa “revelação” torna a casa, idealmente concebida como o local seguro ou um refúgio, em um espaço marcado por contradições e conflitos. Ambas as histórias de Márcio e Denis trazem situações que podem ser interpretadas como diferentes formas de violência. No caso de Denis a violência foi física, no momento em que ele contou sobre a homossexualidade e também psicológica. Ele usa a expressão “agressão verbal” para se referir ao modo como a mãe passou a conversar com ele depois que teve certeza sobre sua homossexualidade⁴⁵. A consequência desse tipo de violência pode ser bastante onerosa no que se refere à subjetividade daquele que a sofreu. Como é possível notar também no caso de Márcio.

Eu fico com esse medo agora, com esse medo de falar pra mais alguém que for parente e ter uma reação ruim. Eu fico imaginando minha família inteira contra mim. E, eu não tenho nada, realmente agora eu não tenho ninguém pra dizer “olha eu te apoio”, nenhuma pessoa da família, fora minha irmã, nenhuma pessoa adulta da minha família pra falar “olha fica tranquilo.

Márcio mantinha expectativas que a mãe pudesse aceitar e acolhê-lo. Porém, o resultado dessa violenta rejeição foi bastante negativo, marcado por sentimentos de solidão, desamparo e medo. Márcio, Denis e também Cristian, no relato a seguir, demonstram um quadro de sofrimento psíquico decorrente do modo como se deu a “revelação” da homossexualidade no ambiente familiar.

Tava minha mãe e meu pai presentes, eu tava debatendo com meu pai no caso. Ele falou isso: “você é um rato” - e teve uma hora que eu cansei. Eu falei sim, “eu sou um rato” porque eu queria saber o que significava esse ser um rato. Porque um rato lembra sujeira, uma pessoa

⁴⁵ A ideia de agressão verbal pode ser associada a noção de violência psicológica pode ser compreendida como "toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa" (DAY, 2003).

que faz coisas sujas. Aí ele pegou e falou, ficou em silêncio na hora que eu confirmei que eu era um rato, aí ele começou a falar as coisas eu cansei e falei: “Então você acha que eu sou o que pra você?”. Aí ele “Ai, eu não sei o que você é”, eu falei “Eu sou gay”. A minha mãe não falou absolutamente nada e ele falou pra mim “o problema é seu”. Aí eu falei “bem que você sabe que o problema é meu. Porque isso sou eu. E se você não consegue me aceitar da forma que eu sou eu não posso fazer nada por você. Eu continuo sendo seu filho, vou te respeitar do mesmo modo e espero que você gere esse respeito pra mim. Disso ele começou a falar “ah porque filho meu não da o cu, seu viado do caralho...” mas foi depois dessa discussão. Essa discussão encerrou e depois disso começou a mudar ele. Ele começou a mudar. Minha mãe começou começou a me trancar mais em casa, me prender mais em casa, só que eu não queria. Ela sempre me deixou livre e depois quer me trancar? Que que mudou? Nada, o que mudou foi o tipo de pessoa que eu escolhi amar.

A história relatada por Cristian referente ao momento da conversa sobre sua homossexualidade com os pais revela a falta de compreensão por parte do pai em relação à orientação sexual do filho e também uma reação bastante violenta. Apesar de ter um discurso bastante consciente em relação ao direito de vivenciar sua sexualidade a sua maneira, essa vivência é experienciada ao lado de um sofrimento profundo associado a não aceitação familiar, a um sentimento de não pertencimento e humilhação. Cristian relatou não se sentir bem em sua casa, e disse que as coisas pioraram bastante depois que a família teve certeza da sua homossexualidade.

Eu tinha medo deles me expulsarem de casa. Eu já tinha ouvido coisas, lido coisas na internet, eu ja usava internet. Já tinha visto muita coisa de agressão dos próprios familiares pela pessoa ser gay. Eu pesquisava blog. Eu via coisas, mesmo assim, histórias que me faziam ter medo e pensar muito antes de falar. Eu esperava um momento. E o momento que eu me assumi, eu não esperava que fosse naquele momento. Foi o que aconteceu, eu tava num momento de stress, foi um momento que eu vi que era pra ser falado. Já tava me cobrando, me oprimindo de novo e eu não queria aquela opressão de novo porque eu sabia que minha mentalidade não ia aguentar, porque eu era muito novo, eu não tinha ideia do que era o mundo, eu sabia que ia ser pesado como foi quando eu tentei me matar.

Nesse relato é possível perceber o quão pressionado e emocionalmente abalado Cristian sentia-se diante da possibilidade da “revelação” da sua homossexualidade à família. Isso porque mesmo antes da conversa franca com os pais, o pai dele já o ofendia

com utilizando a metáfora do rato. De modo que após a “revelação” o controle de sua liberdade tornou-se mais intenso. A pressão foi tão grande para Cristian que ele tentou o suicídio, foi seu irmão quem o ajudou após a ingestão de uma grande quantidade de medicamentos em forma de comprimidos. Quando questionado sobre a reação dos pais sobre sua tentativa de suicídio, ele relatou que não houve muita preocupação familiar em termos de medidas que pudessem ajudá-lo a lidar com essa situação. Na sua fala era possível perceber sentimentos de abandono e desamparo frente ao descaso dos pais em relação a dificuldade que vinha enfrentando.

Diferentemente dos demais, Gil que vive com sua mãe que também é homossexual e com a companheira na mesma casa, além dos demais irmãos enfrentou uma situação muito mais acolhedora, apesar de também expressar certo medo em admitir sua homossexualidade.

Ah, tipo, ela descobriu e não falou nada. Ai eu fiquei com medo, tipo, “hum... será que ela já sabe? Que será que ela vai falar?” Mas não mudou nada depois que minha mãe descobriu de verdade... Eu tinha medo porque sei lá, às vezes ela não ia achar isso normal para o filho dela, mas ela aceitou isso de boa. A gente conversou sim, foi um pouco depois que eu e o Lucas, a gente meio que assumiu nossa relação. Ela falou de camisinha dessas coisas. Acho que por ela ter uma namorada foi mais fácil, mas mesmo assim eu tinha medo. Porque eu já conheci garotos que a mãe nunca aceitou, que tiveram que sair de casa. Mas eu tive sorte.

A relação que Gil mantém com a mãe é completamente diferente de todos os outros jovens, o fato de que ela também mantém relações afetivas com uma pessoa do mesmo sexo facilita a compreensão e aceitação da homossexualidade do filho. No entanto, de modo geral a relação desses jovens de com a família é marcada por diferentes tipos de conflitos e tensões decorrentes da homossexualidade deles.

Se o vínculo desses jovens com o pai é frágil por conta da separação dos pais ou problemas em relação a aceitação da sexualidade deles, é também importante pontuar que

o valor atribuído à família é um elemento central da forma particular de organização presente nas camadas populares, que pode ser percebida por meio de uma moralidade fundamentada em torno de um conjunto de regras, reciprocidade e dádiva (SARTI, 1996; DUARTE, 1986; HEILBORN, 1997; KNAUTH, 1995). Com exceção de um dos jovens que mantém uma relação relativamente amigável com o pai e outro que nasceu e o pai já era falecido, os outros jovens não mantêm nenhum contato com o pai ou não têm um bom relacionamento com eles. Desse modo, esses jovens enfrentam uma situação dual: de um lado, o valor e a importância atribuída a família e de outro, relações familiares instáveis e complexas.

Arthur diz que às vezes vê o pai, porque ele vive na casa de sua avó, mas que não existe de fato uma relação afetiva entre eles. Sobre ser gay, o jovem relata que seu pai nunca interferiu e frisa a autoridade da mãe na relação familiar.

Não, meu pai não falou nada. Porque se ele falasse minha mãe ia acabar com ele, porque minha mãe é muito estressada, ela não tem paciência. Ela ia acabar com ele já... e também, foda-se, ele num tem que falar nada. “Quem é você, amor?”

O relato de Arthur é marcado pela mágoa em relação a ausência do pai, sua pergunta “quem é você amor?” aponta para o não reconhecimento da figura paterna decorrente de seu abandono. A seguir, Gil complementa de forma emblemática a contradição existente entre essas relações, de um lado, o sentimento negativo em relação ao pai, situação particular decorrente de sua trajetória biográfica, e de outro, a necessidade de se valorizar a família, justificada pela natureza desses vínculos sociais.

Então, o meu pai, a gente tem um relacionamento bem estranho. Porque eu gosto dele e odeio ele ao mesmo tempo. Mais odeio do que gosto, mas a gente faz um esforço. Porque, tipo, pensa... eu cresci sem ter uma figura paterna, meu pai nunca foi presente na minha vida, desde quando eu me lembro. O meu pai, eu não sei, eu não consigo superar essa raiva que eu tenho dele, tipo, por mais que eu tente, por mais que eu queira,

eu não consigo superar essa raiva que eu tenho dele, porque ele continua pisando na bola com muita coisa.

Assim como Gil, Márcio vivencia a mesma contradição em relação aos sentimentos que têm pelo pai, ele externaliza o que sente em relação a sua experiência pessoal, mas sente-se também de alguma forma “preso” ao valor atribuído à família.

Eu vi meu pai depois de uns sete anos que eu vim pra cá, e depois eu vi novamente, só que eu não sou muito apegado a ele. Com ele eu sou mais duro, meu lado muito mais sincero, mais rude com ele. Eu amo ele porque ele é meu pai, porque ele não é das melhores pessoas. Mas é meu pai tem que gostar.

Diferentemente dos relatos acima que não mencionam nenhuma interferência do pai em relação à experiência da homossexualidade, Cristian relata ter sofrido com o modo com que o pai lidou com sua orientação sexual.

Eu não tinha uma boa relação com ele, não. O máximo que tinha era aquele “você é um homem ou você é um rato?”. Eu ouvi isso a minha vida inteira. Aí eu “ta, o que significa isso? Eu sou um homem. Eu tenho um pinto, eu sou um homem, que fato mudar eu ser isso? Meu sexo não muda pelo fato do que eu sou”. Aí isso não se passava pela minha cabeça. Aí eu conheci o Arthur, e eu reparei que ele era igual a mim. Ele tinha trejeitos que lembravam a mim, ele falava conforme eu falava, ele tinha pensamentos que eu tinha, ele pensava em garotos e eu também pensava da mesma forma. Foi quando eu comecei a entender. Ele se assumiu primeiro que eu. Ele se assumiu com 11 anos. Eu fui me assumir quando eu tinha 14 anos. Porque com uma conversa com a minha mãe, quando eu cheguei de uma festa, ela pegou e começou a falar um monte de coisa pra mim, gerou uma discussão e aí veio de novo meu pai: “você é um homem ou você é um rato?”. Eu falei “eu sou um rato”, pronto.

O pai de Cristian usa a imagem do rato para ofender o filho, uma relação a princípio não evidente para o jovem, mas que impactou de forma bastante negativa a compreensão não somente da sua sexualidade como também o seu entendimento e reconhecimento como pessoa, em um sentido mais abrangente. A imagem negativa do rato marcada pela fraqueza, pela sujeira, pela covardia ou o que não é humano – contraposta a ideia do homem forte, corajoso e viril - é um modo metafórico usado pelo

pai para atingir e questionar a masculinidade do filho, que se apresenta com modos mais delicados, isto é, com uma performance tradicionalmente associada ao gênero feminino.

A manutenção de uma performance de gênero, isto é, a repetição de atos, gestos e signos que reforçam a construção de corpos masculinos ou femininos esteve presente na maneira como o pai de Ronaldo lidou inicialmente com a homossexualidade do filho. Ronaldo é o único dos jovens que convive com o pai.

Meu pai sempre foi sossegado. Ele é sossegadão. Se quebra alguma coisa ele não faz nada, só olha e comenta. Mas aí meu pai chegou 'ni' mim e conversou comigo mais que minha mãe. Porque ela deu um show e nunca mais falou mais nada, nunca conversou sobre isso. Meu pai não, já chegou, falou que se for pra ser é do portão pra fora, que não gostaria que eu ficasse tão travesti, mais afeminado, mais saia, bota peruca, ou se eu fosse desse gênero, seria do portão pra fora. Não que ele esteja me mandando embora, mas no caso ele não queria me ver no caso mais afeminado pro lado dele né. Desse dia pra lá.... eu tive um namorado de 7 anos também, ele dormia comigo no meu quarto.

Nesse relato o problema colocado pelo pai de Ronaldo não é referente a orientação sexual do jovem, mas em relação a uma possível incorporação de uma performance de gênero feminina, que ele não admitia. Nesse sentido, é possível recuperar o trabalho clássico de Peter Fry (1982) sobre homossexualidade no Brasil. Ao priorizar as representações sobre a sexualidade masculina no Brasil, com base em um estudo feito em 1974 na periferia de Belém, Fry utiliza duas categorias para conceber os “machos” - isto é, aqueles com sexo fisiológico masculino - os “homens” e as “bichas”, essas categorias se definem uma em relação a outra em termos do comportamento social e sexual e por meio de quatro componentes básicos: sexo fisiológico, orientação sexual, comportamento sexual e papel de gênero. Se o “homem” tende a se comportar de modo “masculino” a “bicha” tende a reproduzir o comportamento feminino. Quando o pai de Ronaldo exige que ele independentemente de sua orientação sexual mantenha uma performance de gênero masculina, parece querer evitar é que seu filho carregue a imagem desvalorizada

da bicha, do gay afeminado, ou seja, que reproduz socialmente as características tradicionalmente associadas à imagem da mulher.

Se Ronaldo teve que seguir as exigências em relação a sua performance de gênero, o pai foi flexível ao aceitar sua orientação sexual e permitir que ele trouxesse o namorado para dormir na casa da família. Dos jovens que compõem esse estudo além de Ronaldo, Cristian foi o único que conviveu com a presença do pai por algum tempo, os demais só contam com a presença da mãe e é com ela que travam as relações e conversas no que diz respeito ao exercício da sexualidade deles.

Medo, angústia, incertezas e preocupação em relação ao futuro são sentimentos comuns - além de diferentes formas de violência - presentes no cotidiano desses jovens no que se refere ao exercício da sexualidade. De todo modo, verificamos aqui diferentes maneiras de lidar com esse processo, desde jovens que preferiram abandonar o lar para viver com uma família de escolha (WESTON, 1991) quanto outros que optaram ao contar aos familiares sobre sua experiência da homossexualidade por lutar não somente pela conquista da tolerância, mas pertencimento cuidado emocional e respeito. Contudo, diante do medo da ruptura definitiva com a família, a questão da dependência econômica pode tornar esse processo mais difícil, como no caso de um dos jovens que para não ter seus sonhos de continuar os estudos e fazer um curso superior, diante da ameaça de expulsão de casa da mãe, foi obrigado a dizer a ela que acataria sua exigência e deixaria de ser gay.

Podemos observar no modo como esses jovens reconstruíram suas narrativas de *coming out* - “revelação” e “assunção” da homossexualidade - que o ambiente familiar é a primeira instância em que eles precisam lidar com determinados obstáculos e negociações para garantir o direito do exercício da sexualidade. Mas, que também a

escola, como observaremos a seguir, é outra instituição que apresenta suas peculiaridades em torno do tema da diversidade sexual e de gênero, e geralmente é o local em que ocorrem as primeiras situações de preconceito explícito.

3.2 Escola, diversidade e homofobia

A escola, assim como a família, a vizinhança e os meios de comunicação podem ser entendidos como dispositivos de reafirmação das formas tradicionais de estar no mundo. Entendida como um espaço privilegiado de interação social da criança e do jovem, é na escola onde os estudantes constroem conjuntamente diferentes visões sobre o mundo e também sobre a própria autoimagem. Plural por excelência, a escola é também um espaço de conflitos em que diferenças emergem, tomam forma e devem ser acomodadas. Nesse sentido, a escola pode ser também um espaço em que emergem diferentes formas de violência, como, por exemplo, a violência de cunho homofóbico. A violência homofóbica no ambiente escolar recorrentemente não é recriminada pelos professores e corpo técnico pedagógico, que tendem a lidar com esse tipo de situação por meio do silêncio ou apoio velado ou explícito (GOIS; SOLIVA, 2011, p. 40). O longo relato a seguir é exemplar da falta de habilidade por parte da equipe pedagógica escolar em lidar com situações de violência homofóbica.

Eu sofri preconceito. Muito. Pelo fato de eu chegar e o povo olhar e já ver que eu era gay. Pelo fato de eu ser menor, fraquinho, eles me oprimiam, tentavam me ofender. Teve um dia que um garoto me chutou na cabeça. E nenhum deles nunca veio na minha frente me agredir, sempre foi pelas costas. Nunca teve uma atitude de vir na minha cara botar o dedo e falar “não gosto de você porque você é viado”. Nunca. Sempre foi pelas costas. Eu tava conversando com a minha amiga, lá tem um murinho como esse aqui, que sobe pra parte de trás da escola. Esse menino veio, eu conversando com a minha amiga, ele pegou e chutou a minha cabeça. E tirou o pé e saiu. Simplesmente se retirou. Eu virei a cabeça, comecei a sentir dores, e falei pra minha amiga “você viu quem me chutou?” ela disse “eu nem vi que tinham te chutado, só vi na hora que você virou o rosto”. Eu respondi “pois é, acabaram de

dar um chute na minha cabeça”. Aí eu peguei, perguntei pra muitas pessoas e muitas pessoas defenderam a pessoa que me agrediu só porque eu era gay. E isso eu peguei, fiquei super revoltado, irado, ninguém nunca me agrediu assim. Eu fui pra diretoria, expliquei pra ela a situação, encontrei o moleque, falei quem ele era, a sala dele, a diretora olhou pra minha cara e perguntou “mas o que que você fez pra esse menino?”. Eu falei “como assim? eu tô falando que ele me agrediu, eu só tava conversando com uma amiga, qual parte você não entendeu disso”. Ela disse “ninguém vai te chutar assim do nada!”. Eu falei “amor, você não entendeu que ele tem preconceito comigo pelo fato de eu ser homossexual?”. Ela “Mas que que eu posso fazer?” eu disse “não sei!! Você é a diretora. Se você não sabe como eu vou saber?”. Aquilo me gerou uma revolta que eu fiquei louco. Eu pensei “vou ter que fazer o que? Chamar a polícia dentro da escola? Chama a ronda escolar e levar eu, você e ele pra delegacia? Você por negligência e por não tentar resolver um assunto, nem conversar com o garoto, nem fazer nada. Pelo fato de eu ser homossexual eu saio da minha casa pra vir pra escola pra ser agredido? Agora quando as meninas se pega de porrada você resolve! Quando eu sou agredido e não revido você não sabe o que fazer? Você nunca teve isso antes?” ela disse que “não, nunca aconteceu isso antes”, eu disse “está acontecendo agora, meu amor. Eu fui agredido porque eu sou homossexual e o que você pode fazer?”. Ela não me respondeu nada. Ficou por isso. E eu fui outras vezes reclamar por causa de meninos que me provocavam ela só falavam que ia conversar com eles, dar advertência, e não resolvia nada. Ela não tá sabendo fazer o trabalho como educadora. Ela tá ali pra educar, se ela é diretora é sinal de que ela estudou pra aquilo. Ninguém ganha um cargo assim do nada. Você tá ali porque você tem alguma coisa que você pode fazer, você tá educando milhares de crianças. E ela ficou totalmente sem reação, e ficou por isso mesmo. Isso me indignou muito!

A situação de violência homofóbica escolar relatada por Cristian corrobora a argumentação de Gois e Soliva (2011) sobre o modo como a escola lida com esse tipo de violência no cotidiano escolar. A narrativa de Cristian sobre a violência sofrida por ele é bastante consciente em relação às diferentes relações estabelecidas por ele na escola associadas a sua identidade de gênero e orientação sexual. E ele conclui o relato:

Foi quando eu comecei a conhecer uma coisa chamada “ele é gay”. Na creche os meninos me falavam “você é viado”, mas eu não sabia nem o que era viado. O que significava viado, eu nem me incomodava.

Desse modo, é possível notar que a percepção de Cristian sobre o preconceito em relação aos homossexuais se deu de fato no ambiente escolar. Na creche, no período da infância ele não era capaz de entender muito bem o que significava o que as outras

crianças queriam dizer quando o chamavam de “viado”, no entanto, com o passar do tempo e a necessidade de se posicionar frente a diferentes tipos de agressões na escola, ele começou a compreender as implicações de ser um garoto negro, franzino, com traços delicados, isto é, de ter uma performance rotulada de feminina. De modo bastante direto ele cobra uma postura mais enfática da diretora, questionando seu papel como educadora, como alguém que está ali para fazer da escola um ambiente democrático, de aprendizado livre de preconceitos ou situações estigmatizantes. Ele também percebe que não é somente a diretora que não quer encarar a homofobia na escola, mas que também os alunos, seus colegas de escola, também preferem não se envolver no conflito ou pior defendem o agressor homofóbico. Uma pesquisa realizada em escolas brasileiras de ensino fundamental e médio revelou que cerca de 1/4 dos alunos indicam que não desejam ter um colega homossexual na turma (CASTRO, 2004), a atitude dos colegas de escola de Cristian pode ser entendida como uma forma de manifestação desse desejo. A mesma pesquisa revela que um número expressivo de membros do corpo técnico-pedagógico das escolas não gostariam de ter homossexuais como alunos/as por considerar a homossexualidade uma doença. Além de silenciar frente à discriminação na escola, como no caso da diretora da escola de Cristian, muitas vezes esses profissionais colaboram ativamente para reprodução dessa violência (ABRAMOVAY, 2004).

Arthur, outro jovem negro, corpo franzino e performance feminina – roupas justas no corpo, voz fina, maquiagem leve no rosto – revela que por muito tempo manteve uma postura passiva diante do preconceito e da violência homofóbica na escola.

Eu senti sim, eu sentia muitos preconceitos, assim por muito tempo e até hoje. Mas eu era criança, eu era meio que indefesa, sabe? Eu não entendia muito bem. Eu era aquela lesada, se alguém viesse e me desse um tapa na cara eu ia ficar sentada, esperando terminar de me bater. Hoje em dia eu já não sou mais assim, entendeu? Se eu soffro, eu mesmo cobro.

O tempo e o enfrentamento de diferentes tipos de situações de preconceito fizeram com que Arthur mudasse sua atitude frente à violência. Se antes por medo ou vergonha ele se calava diante das agressões, atualmente ele prefere enfrentar essas situações de outro modo, mesmo que às vezes tenha que recorrer à força física. Como, por exemplo, na situação abaixo em que ele reage a violência perpetrada por um colega de escola.

Ele ficou estressado com a minha presença, eu não sei o que aconteceu. Aí ele veio com a cadeira... com a cadeira... peguei ele e fui arrastando pelo corredor e joguei ele da escada. Eu tava estressada. Porque quando você sai de si, amor... você sai de si. É difícil me tirarem de mim, mas quando me tiram de mim...

Sem demonstrar qualquer tipo de provocação verbal ou outra ação, Arthur também foi agredido por apresentar uma performance de gênero feminina. No entanto, após muito tempo sendo humilhado, e, por vezes, agredido fisicamente, ele decidiu reagir à violência de forma violenta também. É possível encontrar semelhanças entre essa situação e a história retratada por Barry Jenkins, no filme *Moonlight* - vencedor do Oscar de melhor filme em 2017- sobre a trajetória do personagem Chiron, um jovem negro, gay, cercado pela marginalidade, mas que com uma incontornável perseverança superou a fragilidade física e emocional que o cercava na infância. Assim como Arthur, Chiron é atormentado na infância pelas ofensas dos companheiros de escola, que deboçam de suas características percebidas como femininas, e de certa forma associadas a uma personalidade passiva e não violenta. E da mesma maneira que Arthur, Chiron após enfrentar diversas formas de agressões rompe com o silenciamento e reage agressivamente diante da violência.

Se as situações de violência homofóbica na escola sofridas por Arthur e Cristian, ainda que de modo diferente, fizeram com que eles em algum momento também reagissem de forma violenta. Com Márcio foi diferente, ele declara que percebia uma

“exigência de se mostrar menino” no ambiente escolar - ficar com garotas, fazer brincadeiras mais agressivas, jogar futebol - mas que para ele manter essa postura era algo muito difícil, e por isso ele preferia na maioria das vezes se isolar.

Assim, por exemplo, na escola, principalmente quando era essa época assim, 12, 13, 14 anos, você tem que mostrar que é machinho, porque... (risos) mas não dava, eu não conseguia. E eu acabava tendo que me esconder das pessoas. Eu já fiquei com meninas, mas foi assim pra disfarçar; “olha, é isso aí, é muito legal, ela tem um carisma maravilhoso, eu não falava ela é muito bonita, o corpo dela, não eu falava ela tem um carisma maravilhoso (risos)”. E aí acabou que chegou uma época em que eu falei gente não dá mais. E eu acabei conhecendo pessoas que gostam da mesma coisa que eu e foi aí que eu entrei mais, eu conheci mais assim desse mundo....

Por não sentir que havia espaço para que ele se expressasse da maneira com que ele gostaria, isto é, sem ter que conter seus gestos, sem ter que participar de atividades em que ele não se identifica, a estratégia de Márcio foi a de tentar evitar o contato com as pessoas, e desse modo não que ter que assumir a homossexualidade ou ao menos não entrar em conflito com os colegas da escola. Como parte da mesma estratégia, ele relata que “ficou” com algumas garotas para disfarçar e não ter que enfrentar as consequências de se assumir homossexual. Ele afirma que mesmo assim sofreu preconceito e que essas situações só foram diminuir quando ele estava no ensino médio e passou a ter contato com outros jovens gays.

Na escola não é muito legal isso. Acho que só quando entrei no Ensino Médio é que essa coisa de ficar xingando de viadinho, essas coisas, tinha parado, porque depois eu escondia de todo mundo isso. Eles tava xingando perto de mim e eu não falava nada. E aí, mas mesmo assim, eu era zuado até, ele me xingavam, essas coisas. Só que depois do primeiro eu já comecei a conhecer pessoas desse mundo e pessoas não desse mundo, são hétero, tanto faz, e foi quando eu comecei... eles foram me apoiando, nossa, foi muito bom. Aí foi quando eu mesmo comecei a criar personalidade, essas coisas. E foi muito bom.

As conversas com Márcio revelaram o quanto foi importante o encontro com outros garotos gays para o seu processo de auto aceitação e sentimento de pertencimento. Se a princípio ele tentava se esquivar e disfarçar a todo custo a sua homossexualidade, o

encontro com outros jovens gays fez, em suas palavras, com que ele “criasse personalidade”, isto é, ele passou a se aceitar e a se entender da maneira como ele é e deixou de tentar se enquadrar nos padrões hegemônicos de gênero e orientação sexual que ele sentia serem impostos nos anos anteriores na escola.

Ronaldo, que em seu modo de vestir e em seu gestual se aproxima mais de uma performance que é tradicionalmente concebida como masculina do que Arthur e Cristian, tinha na infância modos bastantes distintos de se relacionar na escola, não somente frente às situações de preconceito e violência, mas também no que diz respeito às suas formas de socialização.

Na escola eu era super agressivo como qualquer menino, briguento, eu não gostava, eu sabia que eu que era (gay) mas não gostava que os outros chamassem. E se falasse eu ia pra agressão. Se falava ‘ai bichinha’ era soco nos olhos como eu já fiz, já deixei menino de olho roxo na escola, eu andava com as meninas, eu meu amigo e as meninas. E também de brincadeira de menino quando acabava a escola e tinha uma pracinha redonda lá na frente do Campos Salles a gente sempre brincava de porrada, de “empurra empurra”, sempre brincadeira de menino. Eu sou homossexual, sempre fui, sabia que eu gostava, mas não queria assumir. E sempre de brincadeiras de menino mesmo, eu sempre me envolvia com os meninos.

Ronaldo, diferentemente de Arthur e Cristian, não se esquivava das brincadeiras com os meninos, apesar de gostar de ficar com as meninas, e também não silenciava frente às agressões, verbais ou físicas. Ele relata que sabia que era gay desde criança, mas que não gostava que os outros chamassem assim, por isso enfrentava esse tipo de situação com atitudes e brincadeiras “de menino”. Ou seja, por manter uma performance masculina na escola, Ronaldo não sofreu tanto com situações de violência homofóbica.

Já o caso de Gil é bastante diferente dos outros jovens, e ele relata não ter sofrido preconceito na escola.

Não, porque eu nunca fui aberto com isso, nem na escola, nem em outro lugar. É que nem aquele negócio... ter, mas só pra você. Minha mãe, ela me ensinou isso “você não precisa aparecer, cara”, você não precisa aparecer... e eu não sou aquele tipo de gay feminino né?, tipo, eu sou assim, que nem você vê, eu me visto como homem. Não tenho nada contra quem se veste de mulher, eu acho até legal. Eu acho... eu admiro, sabe? Eu admiro porque... meu, imagina a coragem que você tá tendo pra você sair como você é numa sociedade bosta que nem a que a gente vive. Mano, engata o foda-se e viva ai, sabe? Seja você mesmo. Eu admiro muito a Jany, cara. Nossa, a Jany é foda. Ela é a Jany. Quando ela precisa ser o Geronino ela é o Geronino, engravatado, homem. Mas ela é a Jany e ela não tem vergonha disso. E eu fico, tipo, “nossa, cara... dahora”.

Apesar da mãe de Gil também se relacionar com pessoas do mesmo sexo, ela aconselhava o filho a não demonstrar a sua homossexualidade, isto é, não manter uma performance de gênero feminina. E ele, de fato, se apresenta de modo bastante diferente dos outros jovens entrevistados. Ele também é um jovem negro, forte e que se veste com roupas bastante masculinizadas. Suas características físicas somadas ao modo como ele se apresenta o colocam numa posição bastante diferente dos outros jovens aqui entrevistados. Por conta de sua performance masculina, diferente dos outros garotos, foi mais fácil afastar as situações de preconceito e violência homofóbica na escola.

Os garotos que mais sofreram com o *bulling* ou a violência homofóbica na escola foram aqueles que possuem uma performance de gênero feminina. Foi durante o ensino fundamental que principalmente os jovens que mais se distanciam dos padrões de gênero tradicional vivenciaram as primeiras situações de violência homofóbica. E, de modo geral, os relatos indicam que, ainda que existam situações de preconceito, essa violência tende a diminuir no ensino médio. Vale salientar que se uma estratégia de manejo identitário (GARFINKEL, 1984; GOFFMAN, 1988) – foi uma opção possível para Gil, especialmente por conta de sua aparência física e da orientação recebida pela mãe, que afirmava “que ele podia ser gay, mas que não precisa mostrar para os outros”, essa estratégia não foi uma opção viável para os outros jovens. No caso de Márcio, por

exemplo, ele não estava disposto a forçar uma performance masculina para manter situações de sociabilidade mais intensas e diversas com os colegas de escola, a opção foi se esquivar o máximo possível da interação com os outros jovens afim de evitar situações mais agressivas de violência homofóbica na escola. Para Arthur e Chistian, esse manejo da performance não foi algo pensado como possível e tampouco desejado, eles simplesmente só se deram conta da existência desse tipo de repulsa ou violência contra homossexuais quando eles ainda muito cedo na escola começaram a vivenciá-la. E se a princípio o desconforto e o silêncio eram as respostas dadas ao preconceito sofrido na escola, com o passar do tempo eles passaram a reagir mais ativamente e enfrentar a violência sofrida exigindo e cobrando respeito e respostas mais enérgicas por parte do corpo técnico pedagógico, o que nem sem aconteceu.

Das experiências escolares passaremos no a seguir a tratar mais detidamente a respeito das experiências afetivo-sexuais desses jovens.

4. As experiências afetivas e sexuais

4.1 O descoberta da sexualidade e o início das práticas sexuais

As diferentes maneiras de lidar inicialmente com a sexualidade apresentadas nos relatos desses jovens evidenciam a complexa relação entre as dimensões interiores e exteriores aos sujeitos e o modo como o início da vivência da sexualidade com parceiros(as) depende da decodificação de gestos, de códigos de conduta, da aprendizagem de determinadas técnicas e negociação de conflitos (GAGNON, SIMON, 2005). Nesse sentido, a sexualidade pressupõe a aprendizagem das formas de se relacionar afetiva e sexualmente, e esse processo implica

reconhecer o significado de estados internos, organizar a sequência dos atos especificamente sexuais, decodificar situações, estabelecer limites nas respostas sexuais e vincular significados de aspectos não sexuais da vida para a experiência sexual propriamente dita” (GAGNON e SIMON, 2005, p. 13).

Sobre o modo como aconteceu a primeira relação sexual quatro deles declararam que tinham uma relação relativamente estável com os parceiros e entre três deles a primeira vez foi uma relação eventual. A iniciação sexual dos garotos entrevistados aconteceu entre os 12 e 15 anos, sendo que quatro deles teve sua primeira relação sexual com penetração aos 14 anos; dois aos 12 anos e um deles aos 15 anos, uma mediana em torno de 13, 5 anos que está aproximadamente 3 anos abaixo da média apresentada pela pesquisa GRAVAD (2006). No entanto, eles iniciaram suas trajetórias-afetivo-sexuais (sem penetração) antes dessa idade e todos com parceiros do sexo masculino. Em consonância com as narrativas tradicionais de *coming out* indicam que já na infância eles sentiam-se atraídos por meninos, mesmo quando não entendiam exatamente o que acontecia com eles. Neste sentido, a fase inicial da trajetória-afetivo-sexual desses jovens

gays é contrastante com os dados apresentados por Heilborn e Cabral (2006) - a partir da pesquisa GRAVAD⁴⁶ - em que revelam uma baixa incidência entre jovens de experiência homossexual exclusiva. Se as autoras afirmam que no universo estudado por elas é mais factível argumentar em termos de trajetórias bissexuais, esse estudo está diante de jovens que possuem uma fase inicial de sua trajetória-afetivo-sexual predominantemente com parceiros de mesmo sexo. A seguir, Gil relata como foi sua primeira experiência sexual.

Então, foi depois... e foi quando eu comecei a gostar do Lucas, que eu comecei a perceber. O que é estranho é que eu comecei a gostar dele antes da nossa amizade virar um arco-íris... só que eu nunca falei pra ele por medo de não... de num... eu fiquei com medo de dizer e ele não aceitar, toda aquela novela mexicana, sabe?, e nisso que ele não aceita ele vai embora e enfim, né... é engraçado que antes de gostar do Lucas eu tinha gostado de outros garotos e depois de gostar do Lucas eu gostei de outros garotos, mas eu nunca tinha isso nunca, a ficha nunca tinha caído assim, até a gente começar a se relacionar de uma outra forma, né. É engraçado que foi tudo muito, tipo, do nada. Foi muito do nada. Mas aconteceu, aconteceu... e aconteceu de novo e foi quase, tipo, um ano a gente, tipo, ficando, né.

Gil relata que ele só começou a entender sua sexualidade aos 15 anos depois que se apaixonou por um garoto que era seu vizinho. Mas ele conta também que antes já tinha gostado de outros meninos e que também teve brincadeiras com um colega de escola, que pediu para que ele o masturbasse, mas que naquela época ele não entendia muito bem o significado dessas práticas. No entanto, foi a partir da experiência de gostar de um garoto e ser correspondido e então começar a ter relações sexuais é que ele passou de fato ter consciência da sua homossexualidade.

⁴⁶ Gravidez na adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil – GRAVAD, 2006.

O início da vida sexual desses jovens foi marcado por muitas dúvidas em relação à vivência da sexualidade, muitas vezes por sentimentos de desamparo e pelo medo do preconceito. Esses sentimentos são expressos no relato de Márcio.

Foi uma coisa, no começo eu acho que, eu não sei o que que eu tinha, no começo eu não tinha base de nada. Eu não sabia o que que era, eu não sabia se eu tava doente. Às vezes a gente pensa, o que tá acontecendo comigo? Eu tinha 12 anos quando eu comecei a perceber alguns sinais, não sei se é muito cedo ou muito tarde, sei lá. Eu realmente comecei a me envolver mais com a minha sexualidade a partir dessa idade, quando eu comecei a ver meu corpo mudar, essas coisas. Sentir atração por pessoas. Foi difícil no começo porque eu não sabia se eu queria entender mesmo, eu não sabia o que era aquilo e eu precisava de ajuda e eu tentei muito entrar em contato com essas pessoas, mas o problema é que era todo mundo da mesma idade que eu então não tinha como: “olha, eu tô com um problema, tô gostando de pessoas diferentes, não sei se é certo isso”.

Para Márcio perceber que ele se interessava por meninos e não por meninas foi uma experiência bastante difícil e solitária, ele não entendia o que estava acontecendo e relata que precisava de ajuda. Sem contar com o apoio de outras pessoas Márcio relata como foi o processo de compreensão da sua homossexualidade.

Mas aí eu acabei tentando criar alguma coisa na minha cabeça para poder seguir em frente, aí eu comecei a ver muita coisa, comecei a descobrir mais sobre o mundo LGBT, descobri o que era, que não era uma doença, que não era um problema da minha cabeça, que eu nasci assim, e realmente se eu parar para pensar eu não escolhi, como a gente não escolhe ser hetero, ser gay, nem nada. Comecei a pesquisar tanto no youtube, quanto no google. Pra saber um pouco mais, olha que legal isso... descobri uma coisa nova que eu posso fazer. (risos) E aí foi assim até agora, porque depois eu comecei a conhecer pessoas e ficar com pessoas, e começar a me envolver, e foi melhorando. Eu já tinha me envolvido com uma pessoa quando eu tinha 14 anos. Foi um caso, ela era mais velha, foi um caso, mas acabou que só... E aí foi quando eu sozinho, sozinho eu tive que construir a minha sexualidade, porque eu não tinha ninguém para me ajudar. Não tinha ninguém para me ajudar, ninguém da minha família é lésbica, gay, nada do gênero. E acabei que tive que criar, me criar sozinho assim sobre isso, e aí foi mais difícil porque era ruim, porque eu tinha que esconder das pessoas.

O relato que Márcio apresenta é interessante para pensar o processo de aprendizagem da sexualidade, que se constitui por meio da familiarização de

representações, valores, além de rituais de interação e de práticas (HEILBORN, 2006). Na ausência de pessoas com quem compartilhar sua situação, Márcio foi buscar na internet as respostas para suas inquietações. Ele primeiro compreendeu que não se tratava de uma doença, e assim passa a conviver melhor com a própria sexualidade, ele também afirma que o contato com outros garotos gays foi essencial e que ele precisava se fortalecer e em suas palavras “construir a sua sexualidade”, e que isso seria um processo que ele teria que vivenciar sozinho. Vale pontuar que nesse momento que ele passou a compreender sua homossexualidade ninguém na família ficou sabendo, e que mesmo quando ele decidiu contar, ele não teve o apoio da mãe - que acredita que homossexualidade é doença e que ele precisa “deixar de ser gay”.

Já Arthur tem uma história completamente diferente, seu processo de entendimento e aceitação da homossexualidade foi vivenciado de modo mais simples.

Pra deixar claro, eu não gosto de mulher. Eu não gosto mesmo. E eu, a minha primeira pessoa foi com menino. Eu, particularmente, desde criança sempre gostei de boneca, sempre fui mais menina... Nunca fui daqueles de jogar futebol, nem nada... nada que os meninos fazem eu fazia. Eu só brincava com meninas, sempre no meio das meninas, essas coisas assim. Eu me assumi com 11 anos de idade. Eu não tive muitos problemas com isso, minha mãe me aceitou, claro no começo é sempre um choquezinho, mas ela já sabia então, foi fácil. Não tinha como negar também.

Vale a pena chamar a atenção para o fato de que Arthur “se assume” como ele diz aos 11 anos de idade que pode ser considerada bastante precoce, se levarmos em conta que há uma tendência a se desconsiderar a sexualidade infantil. No caso dele, isso pode ter tido algum impacto na reação negativa inicial da mãe, de todo modo essa percepção foi transformada em pouco tempo sem nenhum prejuízo.

Dênis, assim como Arthur, têm memórias de infância sobre a atração por garotos. Aos 12 anos teve sua primeira relação sexual e aos 16 anos assumiu a homossexualidade para a mãe.

Eu acho que essa descoberta, hoje eu vejo dessa maneira: essa descoberta sempre esteve em mim. No sentido assim: lá atrás, hoje, uma vaga memória que eu tenho é que eu lembro que com cinco anos eu beijei um menino. Eu lembrei esses tempos. Mas eu já tinha perdido a minha virgindade com 12 anos. Mas quando eu fiz os meus 16 anos eu me assumi. Foi quando a bomba estourou de vez. Eu digo bomba porque minha mãe não imaginou que eu fosse me assumir tão novo e dar a cara pra tudo.

Dê não teve problemas somente com a mãe por conta de ter assumido a homossexualidade, mas as consequências também tiveram reflexo no seu grupo de amigos.

os meus amigos que cresceram comigo na rua na época que eu morava com a minha mãe tudo falava comigo, andava comigo. Quando eu me assumi, todos viraram as costas pra mim. Não tinha um que brincava mais comigo, que falava comigo. E foi nítido. Todo mundo se afastou. Todo mundo falava comigo retraído, como se eu fosse um bicho de 7 cabeças. Desde a época que eu nem tinha feito essa transformação. Nesse meio tempo, quando tudo isso tava acontecendo eu ainda frequentava a igreja.

Os amigos que reagiram mal ao saber da homossexualidade de Denis eram amigos da escola que ele frequentava, mas também da comunidade católica que ele e a mãe faziam parte. Algum tempo depois, Denis passou a frequentar o Candomblé, ambiente em que se sentiu mais acolhido e menos discriminado. A mãe dele também abandonou a paróquia que frequentava após ser reprimida pelo padre que a questionou: “Que tipo de mãe você é que deixa seu filho ter esse tipo de cabelo?”. A seguir Denis fala sobre como se sentia em relação a sua sexualidade e performance de gênero.

Eu não era nada do que você tá vendo, eu era totalmente ao contrário. Aí eu fui ver a outra parte da sexualidade quando eu decidi mudar o cabelo, quando eu decidi mudar de roupa, quando eu decidi mudar de estilo, eu vim ver como realmente eram as coisas. Eu me via muito como um menino e eu me sentia muito como um passivo, aquela coisa mais menininho. Eu sempre me via mais como a mulherzinha da relação. porém, eu nunca me vi, na minha aparência parecia que faltava alguma coisa. Hoje eu vejo dessa forma. Parecia que faltava alguma coisa. Eu me olhava no espelho aí eu cortava o cabelo de lado e deixava baixinho e colocava um brinco mas não tava bom. Parecia que alguma coisa ali não tava bom, não era o Diego que eu queria. Eu queria ter vaidade mas eu não tinha custo. Quando eu tive a oportunidade de mudar foi quando eu falei, bom, meu cabelo começou a cair eu falei

“ah, vou colocar uma trança”. Fui e não gostei das tranças. Mas quando eu vi o cabelo eu me apaixonei. Foi quando eu meti o mega. Aí foi a hora que eu vi o outro lado. Aí eu vi porque que eu tinha que continuar no caminho que eu tava de ter uma postura, de assumir minha responsabilidade e meus atos. Porque eu já não era bem visto como um menino. A partir do momento que eu coloquei um cabelo que eu fiquei mais feminina, foi a hora que deu a entender que eu era vulgar em alguns sentidos. Porque ainda tem pessoas ignorantes que acham que gay é bagunça.

O seu processo de “descoberta” e aceitação da sexualidade para Dê contou com outro elemento, a questão da performance de gênero, além de se interessar por garotos ele também passou a adotar uma performance feminina. Quando ela passa a ter uma performance de gênero feminina, ela passa a elaborar um discurso sobre as experiências relacionadas à sexualidade, mas também sobre a percepção das outras pessoas em relação a ela, especialmente os homens, que segue determinados estereótipos baseados nas elaborações de gênero tradicionais. Por exemplo, ela constrói sua narrativa sob a imagem de que porque ela é homossexual e se veste de mulher ela é julgada imediatamente por ser vulgar. Ou seja, a ideia da promiscuidade associada aos homossexuais e também de certo modo uma imagem inferiorizada associada ao feminino.

Assim como os outros jovens, a primeira relação sexual de Cristian ocorreu com um jovem mais velho do que ele. Uma característica comum da iniciação sexual é colocar em contato jovens de experiências, idades e status sociais diferentes (HEILBORN, BOZON, 2006) fator que não favorece um diálogo igualitário.

Vou começar do começo, de pequenininho. Quando eu era pequeno eu tive contato com meninos, sempre tive. E minha mãe sempre estranhava porque eu era um garoto mais diferentinho. Eu nunca me interessei pelo mundo masculino. Eu gostava mais das coisas de menina, tipo boneca, queria vestido, queria coisa da Barbie, coisas de menina. E minha mãe estranhava. Aí o primeiro contato que eu tive foi com um vizinho meu. Isso eu ainda tava na creche, tinha 4, 5, 6 anos. Um menino. Desci no vizinho, a gente acabou ficando. Eu acabei fazendo coisas que eu, naquela época, não sabia o que era. E eu tive relação sexual com um menino antes de ter um primeiro beijo, no caso minha primeira relação que eu falo oral. Mas na primeira parte, que eu beijei um menino, foi

meu primeiro namorado. Ele era bem mais velho que eu, eu tinha 15 anos, ele tem 29 agora. Ele tinha 27 no caso então. E ele foi o primeiro, como ele era um homem mais velho eu conheci ele no Facebook por grupos GLS, e disso eu fui pra casa dele, encontrei com ele, foi meu primeiro beijo, ele só olhou na minha cara e me beijou, eu perdi a virgindade no caso eu fiquei com medo. Eu achei que ele ia me ‘estrupe’, achei que ele ia me sequestrar... eu não sabia o que eu tava fazendo ali!

Cristian elabora um discurso sobre o início de suas experiências sexuais que vai de questões de gênero na infância às primeiras experiências sexuais. Ele assim como a maioria dos outros jovens afirma que desde garoto já tinha preferência por “coisas de menina” e que sabia que sentia atração por garotos. Cristian ao falar das suas primeiras experiências afetivo-sexuais não revela nenhuma tensão ou demonstra dificuldade em lidar no assunto. No entanto, ao tratar da mesma questão no âmbito familiar e de seu processo de auto aceitação ele expressou enorme sofrimento e dificuldade em lidar com esse processo. Vale lembrar que inicialmente ele chegou a tentar suicídio por não conseguir lidar inicialmente com sua homossexualidade diante da violência perpetrada pelo pai.

4.2 Sobre os relacionamentos

São basicamente duas as formas de relacionamento afetivos sexuais apontadas pelos jovens: o namorar e o ficar sendo que cada uma dessas formas pressupõem um código de conduta específico. O *namorar* prevê exclusividade, ou seja, uma relação monogâmica e mais duradoura e o *ficar* caracteriza-se pela efemeridade e ausência de qualquer compromisso, geralmente não demanda a expressão de sentimentos afetivos e pode ser experimentado somente pelo prazer do contato com o outro. O modo como esses jovens se relacionam geralmente é *ficando* com outros rapazes, mas a maioria deles já teve um relacionamento mais duradouro, como relata Ronaldo: “Eu sempre tive pegações, tive um de 8 meses, outro de 3 meses, um de 5 meses. Eu fico também sem compromisso,

na balada, também só pra curtir. Mas o mais duradouro foi o meu primeiro namoro de 7 anos”. A seguir ele conta como foi a sua última experiência.

Eu tava perto de casa, num barzinho mais retrô, no balcão, e ele tava me chamando e eu não queria ir. Aí ele saiu fora e eu continuei a curtir, sem remorso. Falei “ah, não vou na hora que ele quer né”, porque ele é casado e tudo, tem os esquemas dele, não vou ser pau mandado também, porque eu vou ficar chupando o dedo depois. Então é na hora que eu quero, não na hora que ele quer, não é ele que vai usar, sou eu que tenho que usar ele. Aí eu fiquei na frente do portão fumando um cigarro, aí ele passou e perguntou “hoje dá?”. Aí eu falei “dá”, aí a gente foi.

O bar que Ronaldo se refere fica localizado em uma rua paralela a uma grande avenida que delimita toda a comunidade dos bairros do entorno. É um dos bares em que esses jovens costumam frequentar geralmente às quintas e sextas-feiras e também aos finais de semana. Não é um local exclusivamente frequentado pelo público gay e conta com grande circulação de pessoas. Ronaldo relatou que seu último parceiro é morador da mesma comunidade, é casado com uma mulher e tem filhos, mas que mesmo assim às vezes eles se encontram nesse bar e no final da noite saem para fazer sexo. Ele explicou que eles se conheceram nesse bar algumas semanas antes da nossa conversa e que desde então tinham saído três ou quatro vezes. Segundo ele, no primeiro encontro eles tiveram uma conversa um pouco mais longa antes de partirem para o local que fariam sexo, mas que os encontros seguintes foram acordados mais ou menos como no relato acima (hoje dá?) sem muito diálogo.

Denis, que não faz parte do grupo de amigos com quem eu circulei com mais frequência pela comunidade, também relatou que muitos dos homens que o procuram também são casados.

É, vou ser sincero. Porque a maioria desses homens que me procura tem mulher. A maioria desses homens que dá em cima de mim tem mulher. E eu não sou diversão pra ninguém. Eu digo assim, eu ajo certo com as pessoas independente se elas vão agir certo comigo. Eu falo o correto,

no sentido de não aceitar certas coisas. Porque o bem e o mal tá na mão de cada um.

No entanto, diferentemente de Ronaldo, Denis diz preferir não se envolver com homens casados porque julga não ser uma atitude correta. Ele contou que seu primeiro relacionamento foi bastante conturbado, com um rapaz mais velho que ele conheceu no bairro. E foi naquele momento que ele resolveu assumir a homossexualidade para a mãe e contar que estava namorando. No entanto, após algum tempo de namoro ele descobriu que seu parceiro tinha envolvimento com drogas e também eventualmente fazia “programas”, isto é, sexo em troca de dinheiro, e, por isso, ele resolveu terminar a relação. Denis tem preferência por namorar, disse que teve um outro relacionamento longo, mas que atualmente ele não pode ter relações sexuais por um período de um ano, isso por conta de um processo de iniciação do Candomblé, religião ao qual faz parte.

Já Márcio e Fábio relatam que preferem ficar e não ter nenhum tipo de envolvimento mais sério. No entanto, Márcio explica que seu único relacionamento mais duradouro o ajudou a perder o medo de se envolver e a vergonha de ficar com outros rapazes.

Olha, a primeira relação que eu tive, como eu falei... com o meu vizinho e tal, a gente ficou mesmo só pra ter relação sexual. Eu e ele e acabou. Ele e mais algumas pessoas foram só pra sexo, na época, quando eu tinha 15 também, só pra isso. Mas romancezinho, amorzinho, blá blá blá, não. Depois eu ficava com as pessoas, não eram tantas porque eu ainda tinha medo de ficar com as pessoas, vergonha... essas coisas, e aí, acho que depois eu comecei a namorar é que mudou, foi uma coisa forte assim. Porque eu não sou pessoa de ficar namorando todo mundo. Eu namorei, assim, mas eu gosto mesmo é de ficar. Hoje é normal eu fico, se rolar de ficar mais vezes com a mesma pessoa legal, eu fico, mas não tenho quero namorar nesse momento.

Assim, como Márcio, Fábio é bastante enfático quanto ao tipo de relações que procura manter.

Só que para mim não é normal, para mim não é normal ter um relacionamento, porque eu não sei o que é um relacionamento ainda. Aí sempre que alguém me pede para ter um relacionamento eu não quero.

Ficar, sim. Ficar é normal, eu sempre fiquei, sempre com meninos. Eu prefiro ficar, porque namorar a pessoa fica muito no pé, e aí eu não gosto. Mas eu tive um relacionamento que durou um pouco mais. No começo foi bom, né... Mas depois ele começou a ficar no meu pé e eu já não gostei, porque eu não gosto que ninguém fique no meu pé. Aí eu terminei com ele. Toda hora me ligando preocupado com o que é que eu tô fazendo, o que é que eu deixei de fazer. Nossa, pra quê isso? Eu não faço nada de errado.

Fábio diz não saber o que é se relacionar, ele relatou que nunca gostou de alguém de verdade ao ponto de querer namorar de estar com a pessoa. Ele diz que quer ter liberdade para fazer as coisas que deseja, ir aos lugares que deseja sem ninguém o controlar e, por isso, prefere somente ficar com outros garotos.

Já Cristian no relato a seguir afirma não ter preferência por um ou outro tipo de envolvimento. Os garotos com quem ele costuma se relacionar são frequentemente rapazes que ele conhece via aplicativos de relacionamentos voltados para o público gay e também em “chats on line”, salas de bate papo na internet.

A gente só ficou quando eu fiz 15, que foi quando eu resolvi perder minha virgindade. Que eu tentei com um amigo, num deu certo, e com ele como ele era mais velho e já sabia o que fazer, vai com ele mesmo. Já tinha decidido perder minha virgindade mesmo. Enfim, aí eu cheguei lá, eu fiquei com medo por ele ser mais velho. Depois foi normal, eu comecei a ficar com outros garotos, conhecer mais gente, eu gosto tanto de ficar como de namorar. Eu tive um namoro que acabou não faz muito tempo, durou quase um ano, agora tô solteiro, só ficando, mas quem sabe né....

Um ano após a realização da entrevista eu conversei com Cristian via whats app e ele me relatou que não estava mais morando em São Paulo, ele havia conhecido um rapaz em um dos aplicativos de relacionamento e após um mês de conversa, sem nunca o ter encontrado pessoalmente, ele decidiu aceitar o convite do rapaz para ir viver com ele em outro estado. Atualmente ele vive no Paraná com seu namorado e relata que está muito mais feliz do que estava quando vivia na casa da sua mãe. Como dito anteriormente, Cristian tinha uma relação conturbada com a família por conta da sua homossexualidade, conflitos esses que quatro anos atrás o levaram a uma tentativa de suicídio. Dos sete

interlocutores deste estudo, dois, Cristian e Denis, decidiram sair de casa assim que foi possível, por causa da relação difícil que passaram a ter com a família após a revelação da homossexualidade.

Arthur é amigo de Cristian e costumavam sair juntos para beber e paquerar. Arthur começou a se relacionar com garotos e também assumiu a homossexualidade para a família antes de Cristian, a seguir ele fala dos relacionamentos que teve.

Vários. Eu tive vários namorados de vários lugares. Os primeiros? Teve vários, tipo, nossa... teve muitos, sério. Por causa que é muita gente, assim, pra eu contar... Tinha uns mais pra rolê e uns a gente acabava ficando e tal. Agora o último namorado que quis me fazer de tonta. Logo eu que eu sou esperta, moça. Fui lá, já entrei no perfil dele e bloqueei ele, pra ele não me ver. Ai eu peguei e terminei, ai depois, tipo, depois de um tempo eu peguei e falei “por que você namorava comigo e tinha o aplicativo?... meu amigo veio e me mostrou”, eu falei pra ele que era um amigo meu que tinha me mostrado, mas, tipo, eu que vi, com meus próprios olhos, ele falou que não tinha. Ai eu falei “vou te enviar, pra você ver que eu não tô ficando louca... quer vê? Eu vou pegar com o menino”, ai ele “ah, tá bom... cuidado com as suas amizades”, ai eu peguei, fui lá, tirei a foto do perfil, tirei o print e enviei. E falei “e ai? Como que a gente faz?”. Ai eu terminei com ele. Porque eu me estressei mesmo, ai terminei com ele. Ai agora eu tô tentando conversar com esse, mas também se me estressar, vai... Porque eu não no pique, sabe?

Arthur relata ter tido vários namorados, também comentou que eventualmente “os traía”, isto é, tinha relações com outros garotos fora do relacionamento. Apesar disso, em seu relato ele diz que terminou o último relacionamento porque o rapaz tinha um perfil em aplicativos de relacionamentos. Quando questionado sobre fidelidade no relacionamento ele respondeu que é importante que espera que seus namorados sejam fiéis, mas também admitiu que “traições” podem acontecer eventualmente. A seguir Arthur fala sobre seu modo de se relacionar com os homens.

Depois de um certo tempo, você aprende a lidar com homem... porque homem não presta, gente... homem não presta. Então, quando você menos espera, eles te traem e, tipo, é uma revolta. Só que, tipo, você tem saber ser esperto. Tem que saber lidar com homem, entendeu? Você não tem que correr atrás dele, você tem que fazer ele correr atrás

de você, entendeu? É assim que funciona com a gente. Que a gente é muito mais espertas, amor... porque eu tenho a habilidade da mulher e tenho a habilidade do homem também. Os dois, só que eu não gosto de mulher, eu não sou homem... mas... eu não sei o que sou... não tá definido ainda, até eu colocar as minhas próteses. Até eu ficar milionária, entendeu?

Arthur fala sobre o modo como se deve lidar com os homens afirmando que ele possui os dois lados, o de homem e o de mulher. Ele evoca a representação masculina do homem que trai, que não consegue controlar seus “instintos” e, que por isso, para se relacionar com homens é preciso ser esperto. Em sua fala ele oscila o tempo todo entre os artigos femininos e masculinos para se referir a ele mesmo, e afirma que ele não “sabe bem o que é”, que não está definido, enfatizando a fluidez da sua performance de gênero. No entanto, Arthur afirmou que se tivesse dinheiro ele gostaria de colocar silicone em diferentes partes do corpo. Apesar de dois outros jovens se apresentarem com uma performance de gênero bastante feminina – roupas, cabelos, acessórios, Arthur é o único deles que explicita o desejo de realizar intervenções corporais cirúrgicas.

4.3 Sobre os locais dos encontros

Os encontros destes jovens com outros rapazes acontecem na maioria das vezes na comunidade, somente o mais velho dos entrevistados relatou uma maior circulação por diferentes locais da cidade, em especial o centro de São Paulo, nos arredores da Rua Vieira de Carvalho, ponto de encontro gay tradicional e retratado em diferentes épocas (BARBOSA DA SILVA, 2005; SIMÕES; FRANÇA, 2005; PERLONGHER, 2008; FRANÇA, 2010). E os locais das experiências sexuais frequentemente são lugares públicos, em praças, parques, e às vezes até mesmo na rua, em locais “escondidos” – prática verificada entre jovens de camadas populares de modo geral, sendo que três dos sete jovens relataram levar os parceiros para dormir em casa.

Gil não relatou muitas experiências sexuais e se deteve aos dois relacionamentos que teve até o momento. Os encontros aconteciam sempre em sua casa, antes dele ter que dividir o quarto com um meio-irmão, que recentemente mudou para sua casa. Arthur também costuma levar seus parceiros para dormir em casa e relata que além de sua mãe não se importar, ela frequentemente dorme na casa do namorado.

Porque eu vou completar 18 anos só ano que vem. Então, até lá, eu não posso entrar em nenhum motel, mas se eu pudesse... eu já tava em todos... todo o final de semana... Não, então... eu tenho meu quarto lá, tenho meu canto, tenho minha própria privacidade... então, acontece lá mesmo, né!

Ronaldo a seguir dá mais detalhes dos locais em que costuma ter relações com outros rapazes. Agora que ele não está namorando e, por isso, não pode levar os rapazes para dormir na casa da família, ele relata que quando conhece alguém na “balada na favela” em ele leva seus parceiros para uma casa que está em construção e que faz parte do mesmo terreno que o dele.

Antigamente a gente fazia até de baixo do caminhão na chuva, sinceramente, já aconteceu isso mesmo. Meu amigo que morreu agora eu posso contar, a gente ia ali naquela esquina, sem ser nessa na outra, tinha um caminhão ali e tava chovendo muito, aí eles foram lá de baixo do caminhão. Ele pulou em cima do cara e ficou lá trepando no meio da chuva. Embaixo do caminhão. Até no orelhão, porta de bar, banheiro, dentro de banheiro, dentro de escola dominical de igreja com cinco caras, mas geralmente o que ta acontecendo mais mesmo que a gente ta grandinho e tem mais consciência, a gente vai e arrasta pra casa mesmo, é o melhor né? Do que no caminhão na chuva.

Assim como Ronaldo, Fábio conta que suas experiências acontecem com frequência na rua e reclama por não ter muitas opções para os encontros sexuais.

Nós íamos para a casa dele, mas raramente a gente transava, porque a gente não tinha lugar. A gente só ficava na rua mesmo. Ah, não tem muita opção, então os lugares eram sempre em praça, a noite, sempre em praça a noite e às vezes a casa dele quando não tinha ninguém em casa.

E do mesmo modo, Fábio e os outros jovens que falam das experiências em locais públicos, Cristian dá alguns detalhes sobre os encontros que acontecem no Parque do Ibirapuera, o maior parque da cidade de São Paulo e que recebe pessoas de todas as regiões da cidade, principalmente aos finais de semana.

Ah, depende, eu bêbado já fiz na rua. [risos] loucura, alcoolizado, quando eu dei por mim já tava lá, com dois caras. Já fiz em banheiro público. No Ibirapuera é onde acontece muito. Muitos gays fazem no Ibirapuera, sempre acontecem em vários lugares. O Bananal era uma pornografia explícita a qualquer um. Você chegava e ouvia gritos, gente gritando, vendendo as amiga, troco um beijo da minha amiga por um cigarro, meninas beijando por cigarro, meninos pegando, tinha gente se chupando do seu lado, menina batendo siririca pra outra, hetero se comendo no meio do negócio, não é só gay, era de tudo. As pessoas se comunicavam pelo grito. Sabe Bataclã? O que me vem à cabeça é o Bataclã, que era um bordel bem famoso daqueles tempos antigos. Era tipo Bataclã. Prostitutas e as pessoas vendendo elas. Leilões por um oral, por um sexo. Era tipo explícito. As pessoas falavam, ou só grudavam em você ou começavam a te puxar. Porque eram pessoas muito jovens que já beberam, já usaram drogas lá mesmo... e tem uma parte chamada Bananal onde você vê mais homens mesmo. Eu já cheguei lá e ver um muleque numa roda de 12 caras em volta desse muleque e o muleque chupando todos os caras. Todos sem camisinha. Só baixava as calça e acabou. Tem gente que anda lá já com penis pra fora, as gay já sai andando de cueca.

Assim como os outros garotos que relataram fazer sexo em locais públicos, Cristian também conta isso costuma acontecer principalmente quando ele está alcoolizado. Desse modo, os parques mostram-se como locais atrativo para esses jovens por conferirem certa privacidade mesmo dentro de um local público. O relato de Cristian sobre o parque do Ibirapuera, em São Paulo, que permanece aberto 24 horas aos finais de semana, mostra a diversidade dos encontros e situações que lá acontecem. No artigo em que Terto Jr. (2015) trata das diferentes possibilidades e os novos caminhos da prevenção ao HIV/Aids refletindo especificamente sobre homens que fazem sexo com homens e outras populações vulneráveis. Ele traz na apresentação do texto uma longa cena sexual que, assim como no relato de Cristian, toma o parque como exemplo de cenário sexual comumente requeitado por HSH no Brasil.

Terto Jr. (2015) apresenta a cena com a intenção de aproximar a discussão da experiência com a adoção de modos de prevenção, levando em conta as especificidades das situações e dos lugares comumente frequentados por essa população. E chamar a atenção para a necessidade de se pensar a prevenção ao HIV/Aids a partir das experiências concretas dos sujeitos. Tendo em vista que as escolhas preventivas são tomadas diante do contexto e das condições em que acontecem as experiências e encontros, ou seja, algumas decisões são tomadas de acordo com o que é possível em determinado momento e lugar. Isto é,

Assim como é importante conhecer os contextos culturais e político-econômicos, igualmente importante é conhecer a epidemia em cada uma das comunidades e em cada um dos grupos aos quais se destinam os programas de prevenção (TERTO JR., 2015, 166p.)

Terto Jr. completa

Aliás, as experiências sexuais e afetivas, assim como as necessidades de pessoas e coletivos com relação à prevenção — expressadas por meio de sua própria voz —, deveriam ser ouvidas tanto por aqueles que defendem uma abordagem mais educativa ou social da prevenção como por aqueles que defendem uma abordagem mais biomédica da prevenção. Tal escuta poderia ser fundamental para a elaboração e implementação de qualquer política e ação de prevenção, em especial aquelas destinadas a populações mais vulneráveis, como HSH, prostitutas, usuários de drogas injetáveis, em suas diferentes fases de vida e seus contextos socioeconômicos. (ibidem, 167p.)

Após tratar da vivência da sexualidade, a seguir nos deteremos especificamente às escolhas e cuidados com a saúde no que diz respeito à prevenção do HIV/Aids.

5.Sobre cuidados com a saúde e o HIV/Aids

5.1 A escola e os conteúdos sobre sexualidade, IST e HIV/Aids

A associação entre educação e sexualidade está inserida no contexto das relações de poder travadas por meio de diferentes discursos e que podem variar de acordo com cada momento histórico. De questões relacionadas ao onanismo, à “gravidez na adolescência”, às IST, à Aids e também à diversidade sexual, a escola tem sido chamada a intervir por meio de suas estratégias pedagógicas. No Brasil, a partir dos anos 1990, com a inclusão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática de gênero e sexualidade passou a ocupar um lugar de certa forma mais institucionalizado dentro do sistema educacional. No entanto, há muitos conflitos em torno da inclusão e da efetivação desses temas no currículo das escolas do país.

Nomeado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como “orientação sexual” e inserido no grupo dos temas transversais, essa temática deveria ser trabalhada nas escolas brasileiras como uma medida preventiva por conta do aumento do número de casos de “gravidez na adolescência” e pela epidemia de HIV/Aids. Os temas transversais deveriam ser trabalhados em todos os ciclos de escolarização, de duas formas: dentro da grade curricular, por meio de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do conhecimento, e de forma extracurricular, quando surgissem questões relacionadas. Porém, por se tratar de um tema cercado por um conjunto de valores e códigos morais sua assimilação torna-se bastante complexa, especialmente porque da maneira como foi introduzido no currículo escolar depende muito do esforço individual de cada professor ou do grupo pedagógico em optar ou não por trabalhar essas questões. Além disso,

atualmente há que se confrontar alguns limitadores institucionais impostos por setores religiosos das esferas legislativas e executivas que têm dificultado o debate referente às demandas pela igualdade de gênero, tendo em vista que, em 2014, o termo “gênero” foi retirado do texto final do Plano Nacional de Educação, que norteia a política educacional durante os próximos 10 anos.

No que diz respeito à temática de gênero, sexualidade e IST e HIV/Aids, os jovens interlocutores deste estudo receberam conteúdos bastante diversos, além disso o modo como lhes foi transmitido também variou bastante ao longo do período escolar.

- Um jovem relatou ter tido uma aula sobre gênero na disciplina de sociologia no ensino médio;
- Um jovem disse ter tido em uma aula de história informação sobre homossexualidade;
- Quatro deles tiveram conteúdos sobre corpo humano entre a 4ª e a 8ª série, sempre nas aulas de ciências ou biologia;
- Um deles apontou que a ênfase foi para o corpo das meninas e para a questão da gravidez;
- E somente dois destes declararam ter recebido informações sobre IST e HIV/Aids.

O relato de Arthur a seguir mostra como foi pontual seu contato com essa temática.

Não tive informações sobre HIV na escola não. Sobre droga teve, sobre maconha... Mas sobre sexualidade e doenças não teve. Eles não dão orientação sobre isso, é mais sobre matemática, essas coisas... Eu lembro de ter tido algo numa aula de ciências sobre o corpo humano só, na 6ª série acho, mas era também mais das meninas, de engravidar e tal....

Como é possível perceber na trajetória escolar de Arthur ele não teve nenhum contato com conteúdos específicos sobre gênero, sexualidade ou IST/Aids. Ele relata que se lembra de uma aula de ciências em que questões sobre o corpo humano foram abordadas, mas pontua que o foco recaía sobre as garotas e questões associadas à gravidez. Quando questionado sobre a importância de se falar sobre sexualidade na escola ele afirma:

Claro que eu acho que ajudaria a gente a compreender mais dessas coisas, é importante falar disso na escola, a gente não tem muita gente com quem conversar... Mas não sei, se eles não gostam, ou se é porque os pais não querem, não sei.

Arthur finaliza seu relato com uma observação pertinente referentes aos obstáculos diante da temática da sexualidade. Além da disposição dos professores em trabalharem o tema há também a resistência de alguns pais, que por questões morais ou religiosas não veem a escola como um local adequado para tratar do assunto.

Ronaldo também partilha da mesma opinião de Arthur e acha importante tratar de sexualidade na escola.

Bem poucas coisas sobre isso eu vi, eu acho que tive mais sobre corpo humano. Eu me lembro poucas aulas na 8ª série, na aula de biologia... Mas bem poucas e uns vídeos só de momento pra falar o que era DST, o que ela fazia, o HPV, o que construía em volta das genitais, essas coisas assim. Mas nunca de alguém parou para debater de verdade ou continuar com esse assunto. Isso na escola eu não tive. Acho que isso podia ajudar a gente a se entender melhor, mesmo que a gente tinha vergonha de falar, porque também a gente não vai falar essas coisas nessa idade com a mãe né, ou o pai, e tem uns amigos que sabem, mas eles são que nem a gente também não sabem muito das coisas.... Então, na escola podia ajudar a entender melhor das coisas...

Na fala de Ronaldo percebemos que ele sente falta de um espaço para dialogar sobre a própria sexualidade, para “se entender melhor”, ele afirma não se sentir à vontade para falar com os pais sobre o assunto e que também nem sempre os amigos estão preparados para esse tipo de conversa.

A seguir Márcio fala da sua experiência com a temática e como sozinho ele começou a se informar mais sobre o assunto.

Eu tive não foram muitas vezes, foi só um tempo...Eu acho que eu tinha, foi na época que eu tava me descobrindo, foi com 13 ou 14 anos, eu tava na escola mais ou menos na sexta ou sétima série. Uma professora falava, olha mais pra frente vocês vão usar camisinha, ela era de biologia... Ela falava um pouco, foi mais sobre corpo humano, mas não teve muito debate... E depois eu comecei a aprender mais sobre isso, e eu mesmo sozinho me interessar e pesquisar... e aí foi isso, é tranquilo, é só usar, mas eu comecei a ver os problemas que dá e é grave, não é uma coisa tipo, ah... cura rapidinho acabou, mas agora eu já tenho mais consciência disso.

Márcio reclama a falta de debates sobre sexualidade na escola e relata que passou a pesquisar sozinho. Márcio e também Cristian - no relato a seguir - demonstram curiosidade e iniciativa para buscar informações por conta própria, e o meio mais utilizado por eles é a internet.

O livro da quarta série mostrava sobre o corpo humano. A professora já quis incluir tudo, pediu permissão pros pais, falaram que ia ter esse tipo de conteúdo na escola. Muitos pais não assinaram. Eu acho isso ridículo, se a escola é o lugar de aprender as coisas. Acho que deveria mesmo abordar essas coisas porque senão como você vai se entender, senão como a gente vai falar disso? Tem muita gente que não entende, que acha que é doença. Eu procuro muita coisa na internet, mas hoje, antes eu nem sabia usar direito. Mas na internet também tem muita coisa errada eu acho.

Cristian traz diferentes elementos em sua fala, indica que teve conteúdos sobre o corpo humano, que houve resistência em por parte dos pais sobre assuntos relacionados à sexualidade; ele afirma que a escola é um local privilegiado de aprendizagem e, portanto, que também deveria ser para a sexualidade. Seu questionamento “Senão como você vai se entender?” indica o papel importante desempenhado pela escola - segundo ele - na constituição das subjetividades dos sujeitos que a frequentam. Ele completa, “senão como a gente vai falar disso?”. Nesse sentido, sua compreensão é de que é preciso aprender para poder falar a respeito ponto de vista que reforça o entendimento da

sexualidade como algo que é aprendido, e colocando a escola como uma das instituições importantes na transmissão desse conhecimento.

Gil tem um relato bastante eufórico a respeito do aprendizado das questões de gênero na escola revelando como a escola é tem um papel fundamental para compreensão de si.

No segundo ano, em sociologia. Em sociologia no segundo ano eu ao mesmo tempo em que eu descobri que eu era gay, que eu estava aceitando mesmo, o professor ele abordou sexualidade, não sexualidade, ele abordou gênero. E ele falou sobre um monte de coisas, cara. E são vários gêneros, nossa, é muita coisa... e ele falou sobre fetiche... e eu não lembro direito o que ele falou sobre fetiche, mas foi engraçado. Ele falou sobre masoquismo e eu falei “nossa”, imagina a cena, todo mundo quieto e ele falou sobre o masoquismo e ele falou sobre fetiche, né?, e eu “caramba, né” ai ele falou sobre masoquismo, ai eu “uhul” e todo mundo... eu juro pra você que eu falei isso mesmo, eu gritei “uhul” e tipo... Ninguém age com maturidade quando é esse assunto, sabe? Mas eu achei a aula importante, pra mim foi muito importante, porque ele falou também sobre os transgêneros, sei lá... e eu acho muito importante essa abordagem, sabe? Prepara muito uma pessoa pra ter uma mentalidade pra encarar o momento, o que ela sente... Porque não é fácil entender isso, é muito diferente...

A escola é em si uma instituição generificada (LOURO, 1997), que se produz a partir de relações de gênero, de modo que o tema da sexualidade e do gênero na escola não se restringe a determinadas políticas públicas ou conteúdos pedagógicos, mas está presente no cotidiano por meio dos discursos, dos encontros, das práticas, etc. A fala de Gil ilustra assim o poder que a escola tem em transmitir uma pedagogia da sexualidade e do gênero, em que corpos são produzidos e ressignificados de forma articulada, em que *identidades* e práticas hegemônicas são constantemente reiteradas e também negadas (LOURO, 2001).

5.2 Informações sobre a Aids

A Síndrome da imunodeficiência adquirida – Aids – surgiu há mais de trinta anos e colocou um grande desafio para diferentes setores da nossa sociedade em termos da promoção da saúde sexual, além disso também impulsionou os debates e estudos sobre a sexualidade em suas diferentes formas de expressão. Apontada pela literatura internacional como um grupo vulnerável e definida pela Organização das Nações Unidas⁴⁷ como prioridade das campanhas de prevenção, (PAIVA et al, 2008) a população jovem de modo geral requer atenção especial por parte de gestores públicos e pesquisadores que se dedicam à epidemia de HIV/Aids. Ademais, quando se trata da juventude LGBT essa questão tende a se tornar ainda mais complexa, por conta dos estigmas que envolvem a homossexualidade e que dificultam o trato do tema, não somente no âmbito familiar e escolar, mas também no que se refere a formulação de políticas públicas que precisam enfrentar os entraves postos pelos setores mais conservadores e religiosos organizados e atuantes nas esferas legislativas e executivas federais, estaduais e municipais.

Se os jovens possuem informações sobre o HIV, principalmente que é possível preveni-la com preservativo nas relações sexuais, ainda há lacAMA no conhecimento sobre o HIV (ANTUNES et al, 2002). Se eles também acreditam que qualquer pessoa pode pegar Aids, há muitas vezes a crença de que diante do tipo de vida que levam eles não se infectarão, crença baseada na confiança depositada no parceiro (PAIVA, 2002). Além disso, sabe-se também que conhecimento e prática nem sempre caminham juntos, ou seja, aumentar o nível de informação sobre as vias de transmissão do HIV e sobre a necessidade do uso do preservativo não é o suficiente em termos de prevenção (AYRES

⁴⁷ United Nations General Assembly. Declaration of commitment on HIV/AIDS. New York;2001. Disponível em http://data.unaids.org/publications/IRC-pub03/aidsdeclaration_en.pdf [Acesso em 14 de setembro 2016].

2002; ANTUNES et al, 2002). Isto é, modelos baseados no simples processo de aquisição de informação ou por uma comunicação dogmática e autoritária são extremamente limitados (PAIVA, 2002). Isso porque as questões envolvidas extrapolam o âmbito cognitivo e pertencem à complexa esfera das vulnerabilidades, em que estão em jogo diferentes determinantes socioculturais. E uma vez considerados tais aspectos, é essencial que se pense as práticas que expõem os sujeitos ao HIV/Aids não como resultado objetivo de suas vontades ou grau de esclarecimento, “mas como a resultante final de um conjunto de condições estruturais e contextuais de onde essas práticas emergem” (AYRES, 2002).

Entre os jovens que colaboraram neste estudo, é possível dizer que eles têm conhecimentos básicos e relativamente similares sobre o HIV/Aids - suas formas de prevenção e infecção – algumas informações não são completamente corretas, existem dúvidas e preconceitos também. Provém principalmente da escola, raramente da família, as informações que eles possuem sobre o HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, mas como já explicitado anteriormente no capítulo sobre as experiências escolares, apesar de relevantes e necessárias, as informações obtidas não seguem nenhum padrão pedagógico, são diferenciadas em termos da abordagem, precisão e grau de profundidade. Denis, no relato exposto a seguir, conta quando ouviu pela primeira vez falar sobre Aids e sobre as informações que possui.

Eu ouvi falar de Aids pela primeira vez quando o professor falou sobre isso e depois quando eu tive um caso de um amigo meu que contraiu a doença. O que eu sei é que é uma doença que não é só sexualmente que você pode pegar ela. Uma pessoa que tiver Aids, se ela tiver um corte, porque a AIDS depois de um tempo o corpo abre feridas, porque apodrece o corpo por dentro, mesmo você tomando o coquetel, ele só vai fazendo você durar, mas tá ali se multiplicando a cada dia. Se você tiver um corte e a pessoa outro, você faz uma simples contaminação. Às vezes beber no mesmo copo. Um copo eu digo que é perigoso, se a pessoa que tem o vírus tiver com o lábio cortado, a pessoa pode contrair sim. É uma doença muito delicada em que muita gente não quer ficar perto, quer se afastar.

Esse relato exemplifica a ausência de informações precisas sobre o HIV entre os jovens entrevistados. Ele sabe que não é somente via relações sexuais que a infecção ocorre, ou seja, que pode ocorrer também via corrente sanguínea, no entanto, acredita que isso pode acontecer por meio de cortes ou pela utilização compartilhada de utensílios, como, por exemplo, copos. Ele pensa que é inevitável a ocorrência de feridas no corpo e que a pessoa vai morrendo gradativamente mesmo quando faz uso dos medicamentos antirretrovirais. As ideias de Denis têm por base informações errôneas e preconceituosas disseminadas no início da epidemia de HIV/Aids quando ainda não se tinha informações suficientemente precisas, mas, que como é possível perceber nesse relato, ainda fazem parte de um imaginário social sobre a doença.

No relato a seguir, Gil menciona a mãe e não a escola ao falar sobre o HIV/Aids, a informação surge de maneira vaga, mas de todo modo um pouco mais elaborada do que no discurso de Denis.

Minha mãe é uma ótima mãe, cara. Aí, ela falou “você tem que usar preservativo, tá”. Passava negócio de AIDS e ele falava “olha aí” e eu “tá, mãe”. É, foi quando ela falou que eu prestei mais atenção. Nunca fui de notar. Eu conhecia a doença e conhecia todo efeito que ela fazia e eu nunca me importei, né... A primeira informação que eu tive sobre AIDS eu não lembro onde foi. Mas eu lembro que foi algo bem amplo, que falava da doença e falava que ela ataca o sistema imunológico, e por atacar o sistema imunológico você pega outras doenças. Só que essa doença, ela é horrível. Essa doença é uma praga.

Gil traz algumas informações sobre o efeito do vírus HIV no corpo das pessoas e mesmo que sem detalhar precisamente ele aponta para o fato de que a Aids em si não é uma doença, mas uma síndrome desencadeada pela ação de um vírus no sistema imunológico das pessoas, em que podem ocorrer a manifestação de diferentes tipos de enfermidades.

Já Arthur, a seguir, menciona a transmissão via corrente sanguínea, o tratamento e o uso do preservativo como a forma de prevenção.

Eu sei que passa pelo sangue, que tem o coquetel para tratar, e que previne com camisinha. Eu sei que ela é uma doença totalmente... eu não sei explicar... ela é “babadeira” porque ela é algo que acaba com sua vida. Tipo, com o tempo, você vai morrendo. Você tem que ficar tomando coquetel, tem que ficar fazendo várias coisas, porque com o tempo você vai morrendo... você vai ficando... E que não tem cura.

Assim como Denis, Arthur tem em mente que a pessoa convivendo com o HIV/Aids vai morrendo aos poucos mesmo com o uso dos medicamentos, informação que não procede porque é possível controlar a infecção do vírus HIV com base no uso dos antirretrovirais.

No relato a seguir, Márcio também fala sobre seu primeiro contato com informações sobre a Aids, que ocorreu na escola, sobre a importância de estar informado a respeito e adiante sobre a dificuldade que sente em manter esse tipo de conversa com os amigos.

Foi na escola, a gente estava num dia só para meninos, tem para as meninas para falar do seu corpo e depois o dos meninos onde a gente aprendeu bastante sobre doenças sexuais. E aí foi quando eu comecei a descobrir mais. E foi muito legal porque eu aprendi bastante coisa, falavam sobre tratamento, algumas opções de tratamento e tal e foi a primeira vez que eu fiquei sabendo sobre Aids eu nem sabia nada de nada. Então, eu sei que tem tratamento, que a camisinha tem que tá bem encaixada e tal, sem nenhum furo nem nada. Foi uma coisa boa, porque eu não entendia do assunto. Era uma coisa boa, eu tava entendendo. Eu não sabia que tinha tratamento pra não... eles falavam muito uma coisa assim, uma coisa que eles falavam bastante no Ensino Médio, eles falavam “você não precisa ter medo de uma pessoa que tem AIDS, você não vai pegar tando no mesmo lugar que ela, você não vai tocar nela e pegar AIDS, você não vai respirar o mesmo ar e pegar AIDS”, é uma coisa que falavam bastante. E isso é uma coisa que eu tenho na minha cabeça. Uma coisa eu sei, que é impossível pegar AIDS desse jeito. Mas é isso... eu não lembro exatamente de campanhas... tinha na TV também, pra você fazer o teste e tal... pra saber se tinha alguma coisa... quando eu realmente participei da primeira do ano passado...

Da mesma maneira, Márcio também afirma que suas primeiras informações sobre a Aids foram transmitidas no ambiente escolar, mas diferentemente dos outros jovens

Márcio afirmar utilizar com frequência a internet para buscar informações sobre questões que lhe despertam interesse. Ele relatou acessar muitos blogs e canais no youtube para saber mais sobre sexo, dúvidas sobre a “primeira vez”, etc... Além disso, ele também participou durante algum tempo do movimento LGBT, outro ambiente que lhe proporcionava a troca de informações e diálogos mais abertos sobre questões associadas à sexualidade. Porém, ele também se queixa sobre a dificuldade em falar sobre o assunto entre os amigos.

É um tabu, né? Entre amigos sim, mas acho que não tem muita gente que conversa sobre isso. Se eu parar pra pensar, acho que conversei com bem poucos amigos sobre isso. Não foram tantos, acho que uns dois ou três que eu conversei sobre esse assunto, porque eu sei lá. Eu acho que é difícil mesmo. Ninguém vai chegar e falar ‘oh, vamos falar sobre Aids, alguém tem’.

A questão que Márcio apresenta não é na verdade exclusiva ao grupo de jovens, de modo geral a Aids é um assunto de complexa abordagem, mesmo entre adultos, por conta dos estigmas que a envolvem associados ao sexo, à homossexualidade, à “promiscuidade” e à morte.

A seguir, Ronaldo que tem um perfil bastante diferente de Márcio, afirma que nunca se interessou muito pela busca desse tipo de informação relacionada a sexualidade ou às doenças sexualmente transmissíveis.

Eu nunca fui de correr atrás de informação, mas a informação sempre chegava. A questão de doença pra mim nunca fui de me preocupar. Nunca corri atrás pra descobrir se eu tinha Sífilis, HPV, se eu tinha AIDs, se eu tinha Hepatite algum tipo de alguma doença. Foi a questão de doença porque um amigo meu morreu de AIDs. Aí ele falava que era câncer. Ele sempre falava pra gente “vai fazer exame, se cuida”, eu não sei se porque ele sabia faz tempo, que ele já tinha desde os 12 anos e ele morreu com 27. Porque Aids reage de uma certa forma que cria doenças mais evoluídas mas eu nunca corri atrás de doença pra saber se eu tinha. Eu sou sã até hoje em questão de doença. Já fiz teste hoje em dia. Mas deu tudo negativo, glória Deus!

O contato com as informações sobre a Aids no caso de Ronaldo se deu por meio de sua experiência pessoal, como ele mesmo afirma, foi somente por conta da morte, em decorrência da Aids, de um amigo que ele passou a pensar no assunto e também decidiu fazer o teste anti-HIV. A seguir ele narra como foi motivado a se testar.

Eu nunca tinha feito um teste de HIV na minha vida. No caso dele, não porque eu me preocupei porque eu tava raspava ele todo, sabe, nas partes íntimas, ele pediu pra eu raspar ele, e tudo bem, todo mundo é amigo, a gente zuava, ninguém fazia penetração em ninguém, era de ver as genitais, “ai se fez relação ontem deixa eu ver seu ânus, como tá seu ânus”, a gente pegava abria, tudo, dava até de urologista, a gente não colocava o dedo, não penetrava, mas a gente via por fora se tava machucado ou não, raspava, as vezes saia, cortava, passava a mão. Aí nessas que ele morreu a gente se ligou “ah ele tinha, a gente passava a mão, vai saber se não contaminou também”, aí meu preocupou essa questão e fui fazer o teste. Aí nisso deu que eu fiz o teste porque eu nunca tinha feito, deu negativo. Glória Deus.

Da mesma maneira que Denis, Ronaldo também têm dúvidas em relação as formas de infecção pelo vírus HIV, isso fica claro na sua fala quando conta que por tocar nas partes íntimas do amigo, que morreu de HIV, foi levado a fazer o teste anti-HIV por medo de ter contraído o vírus.

A seguir, Cristian, que tem amigos em comum com Ronaldo, também teve suas primeiras informações sobre a Aids por conta da morte desse mesmo rapaz mencionado por Ronaldo.

Eu também não sabia nem que existia lubrificante e eu nunca tinha visto casos de alguém próximo ou casos de alguém que eu conheça que tinha tido. Aí depois que eu cresci e até conheci um cara que teve Aids.

Apesar de ser um jovem articulado sobre questões associadas à homossexualidade e ao gênero, ele possui poucas informações sobre o HIV/Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Tratamento eu não sei de nada, porque eu nunca procurei saber, mas é bom procurar. Acho que o máximo que eu sei é o que passa em filmes, que é o medicamento, que tem ingerível ou injetável. Ah, nunca ter

contato com machucados, pelo sangue, no caso, que é o que pode te contaminar. Ou contato com alguma feridinha da boca, que possa passar aquilo.

Assim como os outros jovens as informações de Cristian sobre as formas de infecção pelo vírus HIV são confusas. Ele também acredita que o contato externo com o sangue, por meio de cortes ou feridas pode transmitir o HIV. Afirma nunca ter tido muito interesse pesquisar sobre o assunto, mesmo ele sendo um usuário frequente da internet.

Fabio, um rapaz que fala muito menos do que Cristian, que aparenta ser mais tímido, a seguir também se diz pouco interessado pelo assunto, mas apresenta sua percepção em relação à existência de certo silêncio em torno da questão da Aids.

E também não lembro de ter ouvido muita coisa a respeito não, acho que não se fala muito nisso, além de eu também não me interessar muito. Eu sei de camisinha pra não pegar Aids e só, de como tratar acho que não sei muito não, sei que tem remédio, mas não sei como funciona.

Fabio foi o único jovem a relatar que não obteve nenhuma informação sobre HIV/Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis na escola, mas vale pontuar que a trajetória escolar dele é bastante irregular, no momento em que eu o entrevistei ele me relatou que estava aguardando uma vaga para retornar os estudos, que havia interrompido há pouco mais de seis meses. No entanto, o grau de informações entre eles não se diferencia muito, mesmo em comparação aos outros jovens que relatam ter tido informações na escola ou por meio da família.

Se as políticas de prevenção brasileiras ainda estão centradas na proposição do uso do preservativo, é importante ressaltar que vivenciamos um contexto de desenvolvimento e introdução das estratégias biomédicas⁴⁸, como novas possibilidades de estratégias preventivas. De todo modo, entre os jovens aqui entrevistados o único método preventivo

⁴⁸ Por exemplo, os microbicidas; profilaxia pós-exposição (PEP, do inglês *post-exposure prophylaxis*), a profilaxia pré-exposição (PrEP, do inglês *pre-exposure prophylaxis*).

sobre o qual eles têm informação é o preservativo. Quando questionados sobre os métodos biomédicos de prevenção, a PEP ou a PREP⁴⁹, nenhum deles tinha qualquer informação a respeito. Parece razoável que eles desconheçam a metodologia da PREP – profilaxia pré-exposição, ainda em fase de testes no Brasil – contudo, a PEP – profilaxia pós-exposição – poderia ser um método conhecido por eles, já que, desde o ano de 2010, o governo preconiza o uso nos serviços especializados. Desse modo, é possível pensar que se esse a PEP está disponível em São Paulo e é desconhecida por estes jovens é porque por alguma razão as campanhas ou a divulgação delas não tem sido capaz de alcançá-los⁵⁰. Como observa Terto (2017), além da falta de conhecimento a respeito destes métodos

um dos obstáculos para implementação dessa política é a transfobia e a homofobia institucionais ou muitos preconceitos relacionados à sexualidade. Quando a pessoa vai buscar o serviço, muitas vezes não encontra um ambiente acolhedor que efetivamente a estimule a fazer de maneira correta a profilaxia, que dá trabalho, pois envolve quase um mês de uso de antirretroviral, uma testagem, uma volta ao serviço no final dos 28 dias. Se a pessoa não encontra um ambiente acolhedor, onde ela se sinta respeitada, ela não volta. Pode até receber medicamento, mas vai se sentir desestimulada no meio do caminho e vai fazer a PEP de uma maneira incorreta, que pode gerar resistência e efetivamente permitir uma infecção (TERTO Jr, 2017).

A respeito da política de prevenção que tem sido posta em prática no Brasil, Terto continua:

⁴⁹ Métodos de prevenção ao HIV/Aids com base na utilização de medicamentos – similares aos antirretrovirais utilizados no tratamento do HIV/Aids. – a PEP é utilizada por 28 dias após a suspeita de exposição ao vírus HIV. E a PREP é de uso contínuo e está em fase de testes no Brasil. Essa tecnologia já em utilizada em alguns países, como, por exemplo, os Estados Unidos, e o medicamento é conhecido pelo nome fantasia de Truvada.

⁵⁰ Atuando como assessora de imprensa do Fórum de ONGs Aids do Estado de São Paulo, entidade que congrega diversas ongs do campo da Aids, em diferentes situações questioneiri integrantes do programa de dst/Aids do estado de São Paulo sobre a PEP, e a resposta foi que de fato o uso dessa metodologia pela população está concentrado em pessoas de classe média alta e com maior grau de escolaridade. E que diante desse fato, o governo pretende iniciar campanhas de divulgação da PEP mais efetivas, no entanto, que estas ações estavam em fase de planejamento. Informação obtida durante o Seminário Nacional 20 anos de Terapia Antirretroviral de HIV/Aids 2016, realizado em São Paulo, 11, 12 e 13 de maio de 2016.

A ênfase tem sido muito grande na testagem, que é a ideia de controle do vírus, e temos falado pouco no que está envolvido na sexualidade, por que uma pessoa deixa de usar a camisinha, por que ela passa a adotar a camisinha, em que momento, em que situações (TERTO Jr, 2017).

Além disso, como aponta Pinheiro (2015) o enfrentamento da epidemia está diante de um momento de crise em que as dificuldades na elaboração de discursos preventivos para o público gay/HSB são decorrentes do avanço do moralismo imposto por segmentos religiosos organizados. Assim como às limitações impostas pelas dificuldades relacionadas à abordagem do homoerotismo e ao uso tecnicista da prevenção, isto é, principalmente as recomendações normativas do uso do preservativo. Desse modo, a prevenção nesses moldes apresenta uma desconexão entre a dimensão íntima – os desejos sexuais, as diferentes formas de sentir prazer, as dificuldades ou limitações do diálogo sobre sexualidade, a diversidade das situações/cenas sexuais – e a dimensão pública da vida – o controle epidemiológico, as políticas públicas de saúde, as possibilidades e limitações da veiculação de campanhas preventivas.

A respeito das campanhas preventivas ao HIV/Aids, esses jovens não tinham nenhuma lembrança específica, quando questionados sobre alguma campanha de prevenção, independentemente da forma de veiculação ou público direcionado, nenhum deles trouxe exemplos concretos ou se lembrou de alguma campanha específica. Esse pode ser um indicador de que as campanhas preventivas realizadas pelos governos não têm tido grande impacto entre esse grupo, que é considerado vulnerável e, portanto, deveria ser um dos focos das ações de saúde. A única menção foi em relação a uma ação de prevenção apareceu na fala de Fabio, em relação à testagem.

Já pensei, sim (em fazer o teste de HIV). Eu estava na Praça da República e tinha aquele caminhão, assim grande. Aí estava todo mundo na fila e eu: "será que eu vou? Não, não sei..." aí eu fiquei com vergonha e não fui.

Não, é natural sim, mas eu não sei porque que eu senti vergonha de ir lá fazer o teste.. Se eu for fazer um teste eu tenho ir tipo para ninguém saber que eu to indo lá, para ninguém saber que eu to indo fazer o teste.

Fabio não soube dizer em que época do ano isso aconteceu, por isso não sabemos se isso ocorreu em uma ação rotineira de testagem, ou em alguma campanha específica, que geralmente acontece no dia mundial de luta contra a Aids ou no carnaval. De todo modo, a questão relevante em sua fala é o sentimento de vergonha de fazer o teste na frente dos amigos e ter que lidar com a possibilidade de receber na frente deles um resultado positivo.

Se Fabio relata o medo do teste, do resultado e da vergonha na frente dos amigos, a seguir Cristian conta como foi ter contraído sífilis e como essa situação o constrangeu, quando tentou obter um emprego numa famosa cadeia de lanchonetes

Eles pedem exame de sangue e fezes. Nesse exame de sangue e fezes constou negativo, aí depois de seis meses eu fiz outro e constou positivo de sífilis. Só que isso eu ja tinha reparado coisas no meu corpo, que minha saúde tava diferente. Eu peguei, fiz o tratamento, e o tratamento é tão doloroso, tem muitos médicos que falam da dor, que pelo menos faz você pensar que nunca mais quer passar por isso. Eu tenho certeza que qualquer pessoa que passa por isso, o primeiro pensamento dela é “eu não quero que ninguém passe por isso”. Porque é horrível. As dores, a injeção, você tem que chegar lá, as pessoas saberem que você tem isso. Você se sente envergonhado mesmo, porque você sabia que você tinha que ter usado camisinha. Eu me sinto envergonhado, culpado no caso. Porque se você sabe que tem que usar e não usa é culpa sua né. Você tem que estudar a pessoa, e não ir sentando a primeira piroca que aparece na frente.

E a vergonha não existe somente em relação ao teste, mas também mencionada por Fabio no que diz respeito à obtenção do preservativo.

Tem, (preservativo grátis no posto) mas eu tenho vergonha. Vários amigos meus já chegam lá no carão, todo mundo vendo, pega e põe no bolso. Nossa! Eu não faço isso.

O discurso dos jovens entrevistados, sobre o acesso aos insumos – preservativos e gel lubrificante – e sobre a realização dos testes de HIV indica que a vergonha é um fator

que dificulta o acesso e a utilização desses materiais. Eles são jovens, em início da vida sexual, apesar de relatarem que conversam sobre sexualidade com os amigos, especialmente na escola, as conversas são mais superficiais, no sentido que elas relatam mais as experiências em si, onde e com quem fizeram sexo, do que propriamente reflexivas sobre o que elas significam íntima e subjetivamente, sobre dúvidas ou dificuldades com a própria sexualidade.

Além da vergonha, a culpa foi outro sentimento mencionado por Cristian: “Você se sente envergonhado mesmo, porque você sabia que você tinha que ter usado camisinha. Eu me sinto envergonhado, culpado no caso”. Esse sentimento de culpa por não ter usado preservativo mesmo sabendo do “perigo” das relações sem preservativo e das possíveis consequências é pode ser compreendido como algo bastante de difícil de se lidar e elaborar uma resposta, especialmente porque a culpa vem ao mesmo tempo em que o corpo se esta abalado pela doença. Além disso, um discurso de prevenção que promove uma informação dura, reguladora, baseada completamente na mudança de comportamento e no risco/perigo de se contrair determinadas doenças, mas completamente descolado das experiências humanas, vastas e complexas, associadas à sexualidade não colabora para a compreensão e subjetivação dos sentimentos e sensações que são acionados, de modo não intencionais, quando se esta diante de doenças que possuem uma carga simbólica e um peso social bastante negativos.

Essa fase é também entendida como importante por alguns pesquisadores porque associam o tipo de comportamento da primeira relação sexual e com o estabelecimento de padrões comportamentais que podem permanecer por toda vida (PAIVA et al 2008). Esses autores observam também que a iniciação sexual entendida como tardia, isto é, após os 17 anos é importante para determinar o uso do preservativo (GRAVAD; PAIVA et al

2008). Ainda referente a essa fase de iniciação sexual, outro dado apontado no estudo por Paiva et al (2008) foi uma diminuição no uso do preservativo – em comparação com os dados de 1998 e 2005) dos jovens que tiveram a primeira relação sexual antes dos 14 anos, em todos os tipos de parceria, expressivamente na região sudeste do país. Vale lembrar que a idade média da iniciação sexual dos jovens interlocutores desse trabalho foi de 13,5 anos de idade.

O que estes dados indicam é a extrema importância e a necessidade de atenção para essa fase da juventude no que se refere à promoção da saúde sexual e também de uma educação para a sexualidade. Da necessidade de informação, mas principalmente de medidas que estejam atentas às especificidades de gênero, classe e “raça” fatores que interferem na vulnerabilidade, individual e social dos sujeitos. Ao colocar lado a lado os dados obtidos nesses estudos de maior amplitude com os relatos e experiências desses jovens fica evidente a importância conjunta da informação sobre a prevenção do HIV/Aids e outras IST e também do diálogo sobre questões ligadas à sexualidade e gênero e à forma como a sociedade lida com o homoerotismo, para que esses jovens possam tomar suas decisões de modo mais refletido, informado, crítico e autônomo. Sem o entendimento dessas questões qualquer diálogo ou negociação sobre as práticas sexuais ou prevenção ao HIV/Aids torna-se mais difícil.

5.3 O uso do preservativo

A adoção do preservativo como estratégia de prevenção ao HIV/Aids teve início na primeira década da epidemia, durante os anos 1980, a partir do movimento organizado gay estadunidense, que recusava as medidas de “isolamento sanitário” da população geral e as estratégias de abstinência sexual destinadas aos então chamados “grupos de risco”.

Foi a partir dessa recusa e com base em uma mudança de perspectiva pensada por meio do conceito de “comportamento de risco”, que visava afastar a negatividade da categoria de “grupos de risco”, que eles propuseram a incorporação dos preservativos, como forma de prevenir o HIV/Aids e possibilitar a manutenção das práticas sexuais seguras (AYRES et al 2006; PINHEIRO et al, 2013).

O preservativo é concebido como o método mais eficaz de prevenção contra as infecções sexualmente transmissíveis e o vírus HIV/Aids e sua promoção tem sido a base das políticas públicas de prevenção no Brasil desde o início (PAIVA, VENTURI, FRANÇA, & LOPES, 2003). Conforme analisa Pinheiro (2015), o preservativo ao ganhar destaque como forma de prevenção as recomendações de uso ganharam contornos que além de prescritivos passaram a ser em muitos casos impositivos. A indicação de uso passou a ser normativa e a ideia de que era uma opção oferecida às pessoas de acordo com sua avaliação e vontade foi eclipsada. “Assim, a noção de escolha cedeu lugar à desconscientização ou responsabilidade em relação à norma a ser adotada (PINHEIRO, 2015, 141p.).

Os relatos expostos nesse trabalho evidenciam que mensagens que recomendam sexo mais seguro com um mandamento a ser cumprido à risca, sem falhas, podem provocar sentimentos de fracasso e negligência por parte dos indivíduos em relação à negociação do preservativo, além de provocar ou reforçar sentimentos de culpa e vergonha, já presentes em representações que consideram homossexuais como potencialmente doentes de Aids e responsáveis pela disseminação do vírus HIV a outros segmentos populacionais (TERTO Jr, 2002). Sabe-se também que o uso do preservativo é determinado não apenas por fatores de ordem individual, mas também sociocultural (CALAZANS et al 2005; HEILBORN et al, 2008; PAIVA et al 2008) e nesse sentido

para explorar os fatores que determinam a adoção ou não desta medida preventiva é importante que se leve em consideração as dimensões simbólicas, sociais e culturais que atravessam essas escolhas.

Se o acesso à informação e aos insumos de prevenção tornaram-se parte importante das políticas de prevenção ao HIV, e a redução do estigma e a discriminação enfrentados por gays/HSH e outros segmentos marginalizados, encarados como fatores que potencializam as chances de infecção e de adoecimento, teoricamente também foram temas incorporados ao escopo dessas políticas. Porque estão relacionados às dimensões social e programática da vulnerabilidade ao HIV/Aids, e, portanto, devem ser considerados como metas de um governo que propõe uma política orientada e comprometida com o princípio de equidade e com os direitos humanos. Entretanto, como afirma Pinheiro (2015, p. 153) “pouco se avançou na articulação da atenção a tais questões com os aspectos mais propriamente relacionados ao uso de camisinha e a outras possíveis práticas preventivas”. Para o autor essa desarticulação é diretamente associada ao caráter tecnicista que a política brasileira de prevenção ao HIV/Aids adquiriu ao longo dos anos e “que conduziu os discursos acerca da camisinha em desconexão com os cenários e práticas sexuais específicos” (ibidem, p. 154). Além disso, ele afirma que:

As barreiras configuradas em função de questões de ordem moral estão, de muitas formas, atreladas à discussão da descontextualização da prevenção e de seu conteúdo sexual, assim como da consequente dificuldade de erotização da camisinha (ibidem, p. 148).

Entre os jovens que colaboraram com este estudo, com exceção de um deles que relatou usar preservativo em todas as relações sexuais, todos os outros relataram fazer uso irregular do preservativo. Heilborn et al (2006), com base na pesquisa Gravada⁵¹,

⁵¹ GRAVAD - Gravidez na adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil – O trabalho de pesquisa ocorreu de 1999 a 2006, e

verificaram que mais comumente os jovens usam preservativo nas primeiras relações sexuais ou em ocasiões específicas de parceiros eventuais, e que a prática é irregular em relacionamentos estáveis. De modo um pouco diferente, esses jovens interlocutores relataram não ter usado preservativo nas primeiras relações sexuais e conseqüentemente quando o relacionamento passava a ser concebido como estável eles mantêm a prática sem preservativo, tendo como base principalmente o argumento da *confiança* no parceiro, tópico a ser desenvolvido adiante. Mas, assim como na Gravada, o uso do preservativo entre esses jovens é mais frequente quando os parceiros não são conhecidos e, portanto, mais facilmente identificados como uma ameaça.

Com o relato de Fabio a seguir podemos explorar algumas questões sobre o uso do preservativo entre os jovens.

Sim, eu já fui sem, mas foi com o meu primo eu conhecia ele muito bem. Por isso que eu fui sem com ele, né? Porque eu não vou chegar com outra pessoa e ir sem. Não vou não, não sei o que ela tem. É a primeira vez sem camisinha foi com o meu amigo, que eu conhecia muito bem. Aí depois eu fiquei com vergonha eu nunca mais falei com ele. Eu tento sempre usar, mas você como é às vezes foge do nosso controle. Eu tenho medo depois, mas acho que na hora não penso muito nisso de verdade.)

Ele inicia sua fala trazendo o comum par de oposto conhecido/confiável/ X desconhecido/não confiável. Assim como na etnografia realizada na favela de Vigário Geral, por Monteiro (2002), aqui também há uma clara divisão entre o mundo da casa e o mundo da rua (DA MATTA, 1985), separação que funciona como um dos operadores do risco em relação ao sexo. No caso de Fabio, não só o primo, mas o amigo também é

foi empreendido por uma equipe composta por profissionais do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IMS/UERJ; do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, MUSA/ISC/UFBA; e do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, NUPACS/UFRS e do Institut d'Etudes Démographiques, INED, França.

alguém que se conhece e em quem se pode confiar e, por isso, não há necessidade do preservativo. Como um elemento que interfere decisões preventivas, Fabio também pontua questão do sexo como sendo algo difícil de controlar, algo “instintivo” que escaparia das tomadas de decisão racionais. Ou seja, a persistência de um entendimento do sexo como algo que não se controla, algo que faz parte de uma natureza incontrolável do ser humano, pode ser um dificultador para o uso do preservativo, já que essa seria uma ação que escaparia ao controle racional de nossas ações, isto é, simplesmente se faz, não se pensa a respeito.

Nesse sentido, vale ressaltar que ainda persiste a ideia do sexo como força instintiva e o desejo como algo incontrolável, mesmo diante do entendimento mais moderno que coloca a sexualidade na plataforma dos direitos humanos e entendida com uma técnica em que há a necessidade de aprendizado e que, portanto, é passível de controle.

Na fala de Arthur a respeito do uso do preservativo surgem outros elementos.

Mas, também não posso negar que às vezes eu transo sem camisinha, tipo se eu conheço a pessoa eu transo sem camisinha, às vezes também se não tem, se você tá na balada, tá louca na balada às vezes vai sem mesmo. Porque na hora você quer aproveitar e não fica pensando muito nessas coisas. Mas, depois que eu peguei sífilis eu tô tentando tomar mais cuidado, mas às vezes... depende do caso, entendeu? A gente usa camisinha com gente que a gente não conhece. Agora se é uma pessoa que a gente já praticou muitas vezes com ele, aí a gente não usa. A minha última foi com camisinha. Conheci, já gostei e tal. É. Foi no samba, lá no Madrugas. Acabou rolando. Ele era muito lindo. Muito gostoso. Sexo anal é uma maravilha, você sabe, né?

Arthur relata que o fato de ter tido sífilis tem feito com que ele tome mais cuidado, porém relativiza dizendo que depende do caso. E assim como Fabio, ele afirma fazer sexo sem camisinha nos casos em que o parceiro é alguém conhecido ou também após algum tempo de relacionamento. E da mesma maneira está presente em sua fala a questão do não pensar muito a respeito, do querer aproveitar o momento. Esse não pensar a respeito – sobre o preservativo – tem como reflexo um silenciamento, ou seja, não há negociação

sobre o uso do preservativo, não há uma conversa franca sobre o que se está fazendo. Parece que o momento da relação sexual não é percebido por eles como o momento mais adequado, em que eles se sentem mais à vontade para falar ou negociar o preservativo. E desse modo, poderíamos nos perguntar se em algum outro momento eles estão refletindo sobre suas práticas relacionadas ao exercício da sexualidade e as escolhas em relação à saúde? E se não estão fazendo, o porquê? A respeito Terto Jr (2017) afirma:

Nós temos que voltar a trazer questões da sexualidade de volta para a prevenção, isso é muito importante. Entender que a prevenção é um processo contínuo na vida das pessoas, não é simplesmente algo que se resolve com uma intervenção, por exemplo.

Ronaldo, a seguir, acrescenta outros elementos à discussão ao falar sobre sua relação com o uso do preservativo.

Eu não gosto, de verdade. Sou mais chegado pele na pele. Ah tipo chupar papel com bala. É sem graça, né? Igual chupar um pau de camisinha pra mim. Eu sei que pega também via oral, mas eu vou mais pela fisionomia da pessoa. Eu sei que nem sempre demonstra a doença. A pessoa pode tá linda e ela por fora mas por dentro ela tá com bichinho lá querendo te pegar. Mas aí eu vejo as genitais, eu vejo o corpo, vejo se não tem sardas, manchas na pele, na hora que a gente tá pelado, eu vou mais pelas partes genitais da pessoa na hora. Aí se eu vejo se tem alguma coisa errada, se a pessoa tá mais, ou ela pergunta se tem camisinha, já dá uma reação, já fico meio com o pé atrás. Se a pessoa pergunta ou se eu vejo ali as partes genitais, eu já corro e pego uma camisinha.

Ronaldo inicia sua fala abertamente dizendo que não gosta de usar preservativo, mas que de todo modo leva em conta a aparência da pessoa como critério para a decisão do uso ou não do método. Embora ele afirme que a aparência não é uma medida correta para saber se a pessoa possui ou não algum tipo de enfermidade, ou seja, que não é critério válido para identificar a presença do vírus HIV no corpo do outro, ainda sim é um fator levado em consideração por ele. É interessante notar a lógica que orienta também o argumento de Ronaldo, quando ele diz que se o parceiro pergunta se ele tem camisinha ele já suspeita de algo, isto é, segundo essa lógica pedir para usar camisinha seria quase que admitir que se tem algo suspeito. Por traz desse argumento é possível recuperar a

ideia disseminada por certas representações que colocam todos os homossexuais como possíveis doentes de Aids. Além percebe-se que Ronaldo não leva em conta que atualmente é possível ser soropositivo e manter uma aparência saudável, ou seja, que as marcas da doença não têm a mesma visibilidade que no início da epidemia antes da introdução do tratamento antirretroviral.

A seguir Ronaldo fala sobre sua última relação sexual.

Não usamos camisinha. Não, desde a primeira vez que a gente se conheceu, com ele é mais duradouro, tem uns 2 meses que tá nesse rolo todo. Essa foi a quarta vez, e desde a primeira vez ele não se ligou pra usar e nem eu também. Não, ele também não criticou ou sugeriu camisinha, porque eu sou magro demais. E ele é casado, tem mulher, tem filho, tem tudo, mas não liga não.

Novamente ele evoca o critério da aparência, mas agora em sentido inverso, sobre uma possível leitura ou julgamento que seu parceiro poderia fazer sobre ele evocando o estereótipo da magreza associada ao HIV, disseminado no início da epidemia quando ainda não existia tratamento e um dos sintomas visíveis era uma agressiva perda de peso. Além disso, fica implícito em sua fala, assim como na de outros jovens, que não houve diálogo sobre o preservativo, isto é, não houve negociação para o uso ou não do preservativo. Um outro elemento que atravessa as escolhas em relação ao uso do preservativo é a noção de fidelidade, associada ao sentimento de confiança, exposta de modo mais explícito na fala de Cristian.

A gente nunca usou, a gente namorou 3 meses, aí eu descobri que ele me iludia. Uma coisa que eu tive medo foi quando eu descobri que ele me iludia, ele falava que me amava, eu puramente amava ele, mas ele mentia pra mim. Eu perguntava “Você só faz comigo?” E ele “sim”. Aí um menino me mandou no Facebook fotos dormindo com ele. Depois disso acabou. Eu fiquei muito puto, acabei com a vida dele, falei poucas e boas pra ele, falei “se você gostava de mim por quê você mentia pra mim? Você poderia ter transmitido alguma coisa”. Mas também já tive casos de fazer sem com outras pessoas. Porque eu falava “você que sabe”, eu jamais deveria ter falado isso. Eu deveria ter falado “com”. Mas eu queria agradar a pessoa. Teve pessoas, pouquíssimos, acho que

2 ou 3 que eu fiz sem. E um dia, infelizmente eu contraí uma coisa. Que foi sífilis eu acho. Que eu contraí, aí eu tratei.

Neste relato o amor e a crença na fidelidade do parceiro eram entendidos como sinônimos da exclusividade sexual. Quando Cristian descobriu que o parceiro tinha relações com outros rapazes sentiu-se profundamente enganado, desiludido. Ele diz que confiava no parceiro e, por isso, não usavam preservativo, isto é, por estar em uma relação monogâmica ele acreditava que estaria longe do risco oferecido pela manutenção de múltiplas parcerias. Geluda et al (2006) em seu estudo sobre o uso irregular do preservativo masculino, entre jovens no Rio de Janeiro, encontrou discursos sobre amor e fidelidade, principalmente nos relatos das meninas de escola pública. A crença e o dever da fidelidade, e, portanto, a expectativa de que o amor e a fidelidade fossem correspondidos com exclusividade sexual. Isto é, noções de fidelidade, estabilidade, parceria fixa e monogamia conferem às garotas que exercem esse tipo de parceria a sensação de estarem envolvidas em situações de sexo seguro. Desse modo, a confiança, o medo de perder o parceiro, o medo de reações violentas e o tempo do relacionamento eram fatores que dificultavam a negociação do preservativo. O discurso de Cristian parece estar alinhado a esse entendimento, e ele não foi o único dos jovens entrevistados a expressar esse tipo de sentimento, outros dois garotos se sentiram muito “decepcionados” quando descobriram que seus parceiros; com quem eles pensavam manter reciprocidade em relação à monogamia, mantinham outras relações sexuais e afetivas.

Com um argumento totalmente diferente dos outros rapazes, Denis foi único jovem a relatar que usa preservativo em todas as suas relações sexuais.

É a hora que eles ficam com raiva de mim, porque fala que eu sou metida, que eu tô querendo ser melhor que os outros. Não é, é questão da minha saúde. Porque se eu não cuidar de mim, quem é que vai cuidar? Porque ali, em 4 paredes, tá. Mas se ele me passa uma doença? Ele não vai cuidar de mim. Então, eu sempre uso camisinha. Eu sempre deixei bem claro. Até mesmo se eu for ficar com um cara que eu só vou

dormir com ele, na hora eu já falo. Já que vai ser só aquilo, então por favor camisinha, eu sempre deixo às claras. Eu sou assim meio desconfiada pra tudo, então pra isso também. Penso na minha saúde em primeiro lugar. Não sei porque sou assim, acho que é medo mesmo. Eu tenho medo de ficar doente, eu tenho medo de Aids, porque acho que essa uma doença terrível, acho que é uma das mais terríveis né.

Em sua fala é interessante notar a observação que ele faz a respeito da sua constante exigência do uso do preservativo. “É a hora que eles ficam com raiva de mim, porque fala que eu sou metida, que eu tô querendo ser melhor que os outros”. Segundo essa perspectiva, usar preservativo o colocaria em um lugar diferenciado de outros que não demandam o mesmo. Uma possível leitura para esse comentário seria pensar que se a maioria não usa preservativo, porque ele quer ser diferente e usar? Estaria ele querendo provar algo aos outros, se distinguir dos outros e por isso exige o uso do preservativo? O cuidado com a saúde e a escolha por um tipo específico de prática sexual mais segura parece não ser levado em conta sob a ótica dessa acusação.

A argumentação de Denis sobre o uso do preservativo difere em todos os sentidos dos outros jovens, ele é o único que menciona claramente uma preocupação com o cuidado com a saúde. Ele é bem objetivo na sua fala e ao contrário dos outros que partem da noção de confiança, ele utiliza seu oposto e afirma ser uma pessoa que desconfia de tudo. O medo, elemento presente na fala de todos os jovens, no caso de Denis interfere em suas decisões referentes ao cuidado com a saúde, mais especificamente em relação à Aids. Mas Denis não tem uma postura diferente somente em relação ao uso do preservativo, de todos os jovens que acompanhei ele é o que mantém com mais regularidade e mais tempo uma atividade remunerada, já trabalhou com diferentes tipos de atividade, no início do estudo era auxiliar administrativo em uma creche trabalho intermediado pela AMA. Ele também é o único que vive sozinho, há quatro anos desde que fez 18 anos decidiu sair de casa, decisão que ele tomou por conta dos constantes conflitos que travava com a mãe desde que decidiu contar sobre sua homossexualidade e

sobre o namoro que mantinha com um rapaz. Vale notar que além de uma postura completamente distinta dos outros rapazes, ele é o único também a ter que lidar com outros tipos de responsabilidades, especialmente a manutenção da sua casa e os custos de sua sobrevivência. Os outros jovens concentram suas atividades cotidianas entre a sociabilidade na escola e entre o grupo de amigos do bairro. Denis é também dentre eles o único que mantém algum tipo de prática religiosa, integrante do Candomblé, ele está há quase um ano sem fazer sexo porque está passando por um período de iniciação relacionado à mediunidade.

Conhecer o parceiro – o tempo que se conhece - a avaliação da aparência, isto é, possuir um aspecto saudável; a dificuldade de controlar o desejo pelo sexo e o não gostar do preservativo são os principais elementos que compõe o discurso desses jovens quando se trata do preservativo. ANTUNES (2005) em seu estudo sobre os territórios de vulnerabilidades e homossexualidades masculinas em São Paulo, elencou algumas perguntas para ajudar pensar sobre as cenas sexuais e os motivos que levam às práticas sexuais desprotegidas: *como, onde, quando, o que aconteceu e com quem*. Sobre o *como* aconteceu afirma que a experiência de lidar com o desejo pode não seguir a racionalidade implicada na prevenção e que as decisões muitas vezes são impulsivas. Ou seja, que “impulsividade do ato sexual” superaria a decisão racional da prevenção, e que além disso o uso de drogas e álcool interfere na percepção do risco. Sobre o *onde*, isto é, o local em que acontecem as relações sexuais influenciam o uso do preservativo também, quanto mais público mais difícil o uso, quanto mais privativo e reservado menor a dificuldade do uso do preservativo. Sobre o *o que aconteceu*, os relatos apontam o abandono do uso do preservativo após algum tempo em relacionamento estável, com base na confiança no parceiro e na realização do teste HIV. Sobre o *com quem*, os principais motivos foram

conhecer o parceiro; o parceiro parecia saudável e a paixão. As razões menos citadas foram a realização do exame HIV e, por último, não conseguir convencer o parceiro.

Das justificativas para o não uso do preservativo as mais citadas no trabalho de Antunes (2005) foram a *confiança*, seguida por *estar com muito tesão; o parceiro parecia saudável e estar apaixonado*. E as menos citadas foram o fato de *não conseguir convencer o parceiro; camisinha aberta; da alergia; já existir medicamento para Aids; camisinha tira o tesão e estar chapado* (sob o efeito de álcool e drogas). Entre os jovens que acompanhei sem dúvida a questão mais presente no discurso sobre o não uso do preservativo é a *confiança*, sempre associada ao fato de se conhecer o parceiro e ao tempo que se conhece, o parecer saudável/aparência também foi mencionado como critério de decisão. Somente dois dos garotos relataram explicitamente que não gostam do preservativo e o fato de não conseguir convencer o parceiro não foi mencionado. É importante chamar à atenção para o fato de que a decisão pelo uso ou não do preservativo é relacional, e que deste modo o contexto também exerce influência, isto é, o parceiro e a cena em que se está inserido devem ser levados em conta. Dito isso, mesmo que as decisões pelo não uso do preservativo sejam tomadas em silêncio, como muitos dos relatos indicaram, esses acordos são acatados por ambos os parceiros.

O fato de *o não conseguir convencer o parceiro* para o uso do preservativo não ter sido uma justificativa mencionada por estes jovens, ou ainda a recusa em utilizá-lo, nos traz alguns indícios. Para haver recusa ou resistência em utilizar o preservativo é necessário que haja conversa, é necessário que haja a negociação do preservativo. No entanto, o que as narrativas desses jovens nos revela é a falta de diálogo com os parceiros sobre o sexo, na maioria das vezes as decisões sobre o sexo são tomadas silenciosamente. Ou de modo muito tímido, quando um dos parceiros mesmo em dúvida, opta por não

dizer nada e simplesmente acata a proposição do outro, e nesses casos o motivo é sempre associado ao medo ou a vergonha. Foi recorrente a fala “ se ele tivesse proposto eu teria usado” ou “eu esperei ele propor, mas ele nunca falou no assunto, então não usamos” ou “ele falou que preferia sem eu não disse nada” ou mesmo “não usou nas primeiras vezes, porque ia usar depois”. Ou seja, usar ou não usar preservativo parece que entre esses jovens é algo que não é negociado, o acordo na maioria das vezes é fruto de um pacto de silêncio ou de muito poucas palavras.

De todo modo, as conversas informais e as entrevistas realizadas com os jovens indicam que eles não estão acostumados a conversar e refletir sobre a própria sexualidade, e isto ocorre de modo geral, não somente na hora do sexo. Os relatos deles sobre o exercício da sexualidade indicam que quase não há conversa a respeito, que eles não conversam sobre o fazer sexo com seus parceiros; sobre o como, o porquê e as diferentes possibilidades da atividade sexual. Nas cenas sexuais descritas por eles há na maioria das vezes uma urgência em si pelo ato, seja porque as condições exigem, isto é, os locais não são apropriados, e não propiciam intimidade, ou porque estão afoitos pelo prazer, pela diversão, pelo gozo, e, portanto, não há espaço para esse tipo de conversa. E se antes do sexo não é o momento de refletir sobre fazer sexo nem ao menos decidir sobre o sexo - porque se tem vergonha de falar; por medo da reação do outro; porque o momento não é propício pela pressa, pelo desconforto dos locais públicos. Em que momentos esses jovens refletem sobre o sexo, conversam ou aprendem a dialogar sobre sexo? Parece que não há muito espaço para esse tipo de reflexão, mas o que a convivência e a conversa com eles nos revela é que a sexualidade tem ocupado um lugar central na vida deles em termos práticos. Eles dedicam parte do tempo deles se preparando, se arrumando, se produzindo para a conquista, ou seja, indo a bares, paquerando por meio da internet, etc., ou seja, as relações afetivas e sexuais são parte importante do cotidiano deles. Há escassez

de espaços para esse tipo de diálogo e os espaços e oportunidades existentes, como, por exemplo, no ambiente escolar além de muito pontuais, não se mostraram acolhedores a sexualidades não heterossexuais.

Simões (2011) utiliza dois trechos retirados das entrevistas que baseiam seu estudo para explorar a falta de diálogo na hora das decisões sobre o uso do preservativo. Destaco aqui duas partes desses diálogos: *A gente não fez nenhum pacto*⁵², *não. Parou de usar porque a gente confia um no outro. E: Não, não. A gente não fez pacto nenhum. Parou de usar e não conversou nada. Foi bem assim.* Ele chama à atenção para a recorrente menção na fala dos entrevistados de que o abandono circunstancial do uso do preservativo, nas relações percebidas como afetivas e profundas, se faz sem conversas ou negociações verbais. Isto é, não há um pacto, um acordo perante a realização de exames clínicos e que só assim decide-se abandonar o uso do preservativo, frequentemente é uma decisão tomada em silêncio e que descarta qualquer tipo de negociação verbal.

No mesmo sentido, Monteiro (2002, p. 84) ao se deparar entre os jovens de Vigário Geral com reações de surpresa e constrangimento em relação a questões sobre sexo sugere que “a ênfase no diálogo e na problematização da sexualidade – presente no discurso moderno sobre direitos sexuais e reprodutivos e (des) igualdade dos gêneros – não é comum nessa realidade”.

Não aparece tampouco entre esses jovens nenhuma estratégia de manejo das práticas sexuais para lidar com o risco – como, por exemplo, a priorização de práticas não penetrativas ou a redução do contato com esperma para diminuir o risco quando se faz sexo com desconhecidos ou ainda priorizar as relações anais receptivas desprotegidas somente com parceiros sexuais HIV-negativos e as relações anais insertivas com

⁵² A palavra pacto foi posta na pergunta desses colaboradores, não foi trazida pelos interlocutores

parceiros de sorologia desconhecida ou positiva para o HIV (TERTO, Jr, 2015). Sobre a falta de problematização da sexualidade e a imposição do preservativo como modelo preventivo, Terto Jr (2017) comenta:

Faltam mais abordagens, é preciso trazer de volta a questão do sexo seguro, em que se trabalhava justamente com a negociação de práticas e comportamentos que podem ser mais ou menos arriscados, e que as pessoas possam ir administrando. Não se fala mais nisso. Ou é use sempre a camisinha ou a infecção, e não é assim (TERTO Jr, 2017).

Quanto a questão do diálogo sobre o sexo e também sobre a saúde sexual talvez valha pensar sobre uma possível marca de gênero. É possível que haja uma tendência entre os homens a não discutir cuidado com os parceiros, isto é, não é habitual refletir sobre o que se vai fazer. De modo geral no que diz respeito ao cuidado com a saúde Boltanski (2004) afirma que as mulheres tendem a escutar mais o corpo, a estar mais atentas às sensações doentias. Além dessa distinção de gênero o autor em seu estudo também aponta para um marcador de classe.

Nesse sentido, o autor afirma também que “o interesse e a atenção que os indivíduos concedem ao próprio corpo, ou seja, à sua aparência, agradável ou desagradável e, por outro lado, às suas sensações físicas, de prazer ou desprazer, cresce quando eles se elevam na hierarquia social” (BOLTANSKI, 2004, p. 136). E desse modo, cada grupo social teria sua própria “cultura somática” quer se trate de condutas sexuais, sanitárias, relativas ao vestiário ou alimentação. Essas diferenças se exprimem tanto nas atitudes em relação à doença e às expressões doentias quanto nas atitudes em relação à sexualidade e à expressão da sexualidade. O autor também trabalha com a hipótese de que é menos comum entre as classes populares a adoção de uma atitude de prevenção em relação às doenças de modo geral. Isso porque a medicina preventiva requer do agente “uma certa atitude global frente a vida e particularmente frente ao tempo (...) uma conduta racional

frente à doença que, reinserida a título de eventualidade possível num plano de vida, pode ser dominada ou sobrepujada pela visão de longo prazo” (BOLTANSKI, 2004, p. 151). A razão desta diferença entre classes frente a atitudes de previsão relacionadas à doença se dá especialmente porque as condições objetivas, principalmente a insegurança econômica, que permeia a vida das classes populares os impede de adotar uma previsão, por exemplo, em relação às condições de compra e impõe desse modo a interiorização de um *etos* e de atitudes em relação ao tempo que, forçosamente, proíbe-lhes a adoção de tais atitude preventivas frente à doença. Trago a argumentação de Boltanski não para dizer que a questão de classe ou de gênero é um determinante das atitudes de prevenção ao HIV/Aids, mas talvez valha a pena levá-la em consideração também. No sentido de que se concordarmos com Boltanski (2004) que de modo geral os membros das camadas populares estão menos acostumados a tomar atitudes de previsão em relação às doenças, por conta principalmente de questões econômicas. Talvez esse hábito de lidar com as doenças de modo a “remediar o mal” e menos acostumado com a assimilação de “regras de vida” ou “conselhos de prudência” contribua para que seja mais difícil se falar especificamente sobre a prevenção ao HIV/Aids. Soma-se a isso, no caso desses jovens gays de classes populares, uma questão de gênero, importante também para Boltanski (2004) no que diz respeito ao cuidado com a saúde, isto é, a hipótese de que os homens dão menos atenção aos sinais do corpo referentes à doença e, que, portanto, também procuram menos o auxílio médico do que as mulheres.

5.4 Sobre a confiança no parceiro e o uso de preservativo

Confiar é acreditar em algo. Confiar em alguém é confiar na relação que se estabelece com tal pessoa, é acreditar que a troca que se faz com o outro é benéfica e que não apresentará surpresas desagradáveis ou motivos que façam arrepender o voto de confiança. A confiança está na base de uma série de relações sociais, confia-se um

segredo a alguém porque se acredita que aquela pessoa irá guardá-lo. Uma mãe deixa o filho com a babá porque acredita que ela esta apta a cuidar bem da sua criança. Confia-se em alguém para o ensino de alguma atividade que se deseja aprender, porque acredita-se que essa pessoa será um bom professor. A confiança também surge nas relações comerciais quando se compra algo, confia-se na qualidade do produto supostamente assegurada por determinada marca. O envolvimento afetivo também requer confiança. O tempo todo lidamos com situações que de modos distintos nos impelem a atribuir confiança a algo ou alguém.

A confiança no parceiro foi a principal razão para deixar de usar preservativo mesmo quando se trata de sexo casual, segundo o estudo da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Esse estudo ouviu 79.075 pessoas que procuraram os Centros de Aconselhamento e Testagem para fazer o exame de HIV, entre 2000 e 2007, e afirmaram não ter usado preservativo. Do total, 43,68% apontaram essa razão para deixar a camisinha de lado. Nesse grupo, 23,5% disseram ter tido relações com parceiros eventuais (FARIAS et al, 2008).

O aparecimento da categoria confiança entre os estudos que abordam a prevenção ao HIV/Aids é recorrente (MONTEIRO, 2002; ANTUNES, 2005; GELUDA et al 2006; SIMÕES, 2011). Giami & Shiltz (1996) apontaram a *distância social* como um dos fatores que orientam (ou não) o uso do preservativo ao lado do *caráter sentimental* (se há envolvimento amoroso ou não); *conhecimento* (familiar ou desconhecido); *aparência* (bonito, limpo, honesto ou feio, sujo, imoral) e a da *natureza da relação* (longa, íntima, estável ou casual, paga, profissional).

A confiança foi apontada como o principal motivo para o não uso do preservativo nas relações sexuais entre estes jovens gays. No relato de Márcio com o sentido de *interagir/conhecer o outro*, a seguir ele apresenta seus critérios para confiar no parceiro.

Eu confio na pessoa quando eu tenho já uma interação já com a pessoa. Assim, por exemplo, eu não sou uma pessoa de se relacionar com uma pessoa num dia e já num encontro e já ir fazer, antes eu era assim, encontrava e depois eu já estava lá fazendo coisas. Agora eu tenho mais cautela, eu converso com a pessoa, as primeiras vezes a gente pode até usar, mas eu não gosto tanto de camisinha, eu não sinto muito confortável. Mas, às vezes é bom sempre usar, eu tenho ciência disso. Eu sinceramente não gosto, mas eu sei que é para o meu bem, vou usar porque tem que usar. Um pouco de cautela é sempre bom.

E continua.

Para confiar eu preciso ter uma interação com a pessoa, eu preciso conhecer a pessoa, ainda mais se for em comum com algum amigo meu, é melhor ainda, “olha essa pessoa é bacana, olha como ela é”. Às vezes eu fico com vergonha, mas eu tenho que falar, não dá pra falar olha faz um exame aqui rápido. Eu pergunto e se a pessoa fala que tá tudo bem eu confio na pessoa, se eu confiar nela acabou, tá ótimo pra mim, é isso aí. Como eu falei, eu preciso ter uma interação, eu preciso conhecer a pessoa, eu preciso sair com ela, ver se é uma pessoa bacana de confiança também, porque senão não dá, eu não consigo liberar vamos dizer assim, não vou liberar... risos...E, eu tenho mais confiança com quem eu conheço pessoalmente, fora da internet. Acho que eu consigo ver a pessoa, ver como ela vai reagir quando conversa sobre certas coisas. Eu já consigo entender mais. Agora pela internet depende, vai dependendo do quanto eu falo com a pessoa, de quando eu encontro com ela pela primeira vez e se rola alguma coisa ou no chat... ai se tá bem eu já começo a confiar bastante na pessoa.

Para Márcio, é preciso interagir com o outro para ter confiança, ou seja, é preciso conhecer esse outro, e essa confiança acontece de maneira mais rápida e espontânea quando a distância social é encurtada por algum vínculo comum, como ele mesmo afirma: *se for em comum com algum amigo meu, é melhor ainda.*

A confiança surgiu com Gil associado ao sentimento de *conhecer outro/ao tempo/ser da família.*

Sim, eu já fui sem (transou sem camisinha) mas foi com o meu primo eu conhecia ele muito bem, há muito tempo. Eu não tenho certeza, mas

eu confiava nele. Então, foi. Ah, eu confiava nele porque... ah, não sei... não sei porque eu confiava nele, talvez pelo fato de conhecer ele há muito tempo, sabe? Tipo, eu conheci ele há bastante tempo, a gente já se conhecia há uns três anos antes de começar a se relacionar. Tá aí... eu nunca perguntei se ele tinha alguma coisa, ou pedi pra usar camisinha, ah, sei lá... porque não era nada amoroso, né. Inclusive eu tinha que fazer de conta, não era nada amoroso pra ele, pra mim era, tipo, “aí”, e pra ele era tipo, sei lá outra coisa.

Ou seja, para Gil *pertencer à família e se conhecer há muito tempo* são determinantes da confiança. O fator tempo como indicador central entre o que é confiável ou não surge na fala desses rapazes como um dos principais critérios da confiança, quanto mais tempo se conhece, mais se confia. Gil afirma confiar mesmo sem perguntar se o parceiro tem alguma doença. Parece que por não ser uma relação afetiva – ou seja, uma relação somente sexual - ele não se sentia à vontade para fazer qualquer tipo de questionamento quanto às práticas que eles mantinham. O estranho e de certa forma contraditório em relação aos relatos correntes, é que o motivo mais usual para o abandono do preservativo é a confiança no parceiro justamente em situação de conjugalidade, isto é, quando se configura uma relação afetiva. Assim como afirma Maksud (2009) ao analisar a prevenção do HIV/Aids entre casais sorodiscordantes⁵³, que “em situação de conjugalidade há um afrouxamento ou suspensão do sexo seguro e uma rotinização da intimidade”, isto é, medo e risco se naturalizam a partir da convivência cotidiana. De todo modo, ao final do relato ele diz fingir não ser uma relação amorosa, isso por que aparentemente o parceiro não a reconhece como tal. Portanto, além da familiaridade e de conhecer há bastante tempo, Gil deixa de usar o preservativo também porque está apaixonado. Ele continua.

Não, nunca me preocupou porque eu sempre tive muita confiança mesmo no meu parceiro, sabe? E, eu, pelo menos... eu nunca fiz exame, mas eu também nunca precisei fazer exame porque eu confio no meu corpo. Tipo, eu sei o que já passou pelo meu corpo e eu acho que eu

⁵³ Quando em um casal uma pessoa é soropositiva e outra soronegativa, isto é, um tem HIV outro não. Outro termo que tem sido comumente utilizado em substituição a esse é *sorodiferente*.

nunca peguei doença alguma. Mas, ultimamente não... É, ultimamente eu tenho me preocupado com isso, sabe? E se eu descobrir que eu tenho alguma coisa é bom, porque eu já trato agora, né? Tipo, perfeito. Mas eu acho que eu não tenho nada. Mas, por mais que eu odeie admitir, e por mais que eu fale “não” na minha cabeça, eu tenho medo de descobrir que eu tenho alguma coisa. Porque eu sei que qualquer um poderia ter, e vai que eu tenho né... não sei, mas eu confio no meu corpo, mas... naquelas né... não sei até onde eu conheço meu corpo, né?

A postura de Gil é interessante, ele não consegue ao certo explicar de onde vem sua confiança, ele afirma que confia no seu corpo e também no parceiro, mesmo sem nunca terem conversado sobre doenças sexualmente transmissíveis. Mas depois de falar sobre confiança ele também expressa certo desconforto e relata que sabe “que qualquer um poderia ter (Aids)”, mas na verdade admite que também tem medo de descobrir “que tem alguma coisa”. Sobre esse paradoxo, Paiva (2002) argumenta que apesar dos jovens acreditarem que qualquer pessoa pode contrair Aids, muitos pensam que com o tipo de vida que levam eles não vão se contaminar, desse modo ainda permanece a ideia da Aids como uma doença de um *outro*, distante da realidade em que se está inserido (KNAUTH, 1998). No caso de Gil a confiança substituiu qualquer conversa ou negociação sobre o preservativo e as decisões foram tomadas em silêncio.

No depoimento de Fabio, a seguir, como critério de confiança além do motivo *conhecer a pessoa há bastante tempo* ele introduz o elemento *aparência*.

Pra confiar eu tenho que conhecer ela muito bem, é ela ser minha amiga de faz tempo, tipo. Eu não sei, eu não sei explicar, não é tipo conhecer um cara em um dia e no outro já ficar com ele. Porque eu não sei o que ele tem. Tem que saber né, saber como é a vida dele, como ele pensa. Mas às vezes parece que a gente confia mais rápido em algumas pessoas do que em outras, não sei se tem a ver com a aparência ou algo que a gente sente.

Ao se indagar por quais razões confia-se mais rapidamente em algumas pessoas do que em outras, Fabio traz como elemento a *aparência* do parceiro, ou seja, aparentemente parceiros com “boa aparência” – e aqui estão envolvidos critérios estéticos, de higiene e

corpo aparentemente saudável (GIAMI & SHILTZ, 1996) – ou seja, em relações com parceiros que se encaixam nesse perfil possivelmente a confiança surge mais rápido. A seguir Ronaldo também argumenta a respeito.

Igual eu disse no começo, eu vou meio que pela aparência, pela limpeza, se eu ver alguma coisa errada nas genitais ou na pele da pessoa. Ou se eu não conhecer a pessoa e a pessoa pedir a camisinha eu já vou perguntar se ele tá desconfiando de mim ou dele. Mas se ele pediu eu vou pegar. Ou se ele não pedir e eu ver se tem alguma coisa errada com as genitais da pessoa. Mas as vezes não aparenta, mas já é um ponto de visão. Mas no meu caso acho que não penso muito nessa coisa de se eu confio ou não, eu tento perceber algo, se tem algo de errado. Mas a verdade é que eu não gosto de sexo com camisinha.

Para Ronaldo avaliar a aparência do parceiro e tentar perceber se “há algo errado” é um dos critérios adotados para o uso do preservativo. Curiosamente ele afirma que quando o parceiro pede o preservativo ele pode reagir perguntando a qual dos dois se refere a desconfiança. Ou seja, pedir para usar preservativo é quase admitir que se tem alguma coisa “suspeita” Ele afirma não gostar de preservativo e que só vai pegar um preservativo se notar “algo errado”, e esse algo errado é sempre em relação à aparência do parceiro. Sobre a última relação sexual anterior a essa entrevista ele afirma que nem ele nem o parceiro nunca conversaram sobre o preservativo. E em tom de surpresa ele relata “e ele é casado, tem filho e tudo mais”.

No relato a seguir Cristian fala sobre confiança e sua experiência ao contrair sífilis.

Mas acho que é o maior erro confiar, e eu sempre fui de confiar nas pessoas, depois que tive a sífilis acho que mudei um pouco porque eu sofri bastante. Agora eu preciso conhecer melhor a pessoa pra confiar, e eu penso sim que eu devo usar sempre camisinha. Eu não quero ter outra doença. E sei que a Aids não é fácil, tem preconceito, um monte de coisa. Mas também não posso garantir que nunca mais vou transar sem camisinha. Também se a gente namora é mais difícil né, a gente namora e confia naquela pessoa.

Cristian afirma que seu maior erro é confiar nas pessoas, ele fala isso fazendo referência a ter tido sífilis. No entanto, mesmo admitindo que seu maior erro é confiar e

afirmando que deve usar preservativo, ele continua a tomar decisões baseadas no critério da confiança. Ele evoca a distinção entre aquele que é *conhecido/familiar ou desconhecido/estranho*, como justificativa para confiar, e, portanto, não usar preservativo. A transição dos conhecimentos para a prática da prevenção foi apontada por Simões (2011) a partir de relatos obtidos em 7 entrevistas em profundidade com rapazes que se auto classificaram gays ou bissexuais. Todos os rapazes acreditavam que todos podem contrair Aids e que não existem pessoas mais vulneráveis que outras. Admitiam fazer sexo sem preservativo, isto é, que podem contrair HIV, e que transar com muitas pessoas aumenta a chance de pegar Aids. Eles se mostravam bem informados sobre a etiologia geral da Aids, além disso, não tinham dificuldade em obter o preservativo, mas também admitiam que eventualmente fazem sexo sem preservativo e que não usam preservativos durante o sexo oral, justificando que preferiam abandonar a prática a ter que fazê-la com preservativo. Além disso, outros motivos foram apresentados para o não uso do preservativo: quando a relação deixava de ser circunstancial e se convertia em relacionamento, o desejo de compartilhar intimidade e a confiança na relação entre parceiros que se veem como casais. Ou seja, é o desejo compartilhar de intimidade e o estabelecimento de uma confiança mútua que orientaria a decisão do não uso do preservativo.

O último relato a ser apresentado vai na contramão de todos os outros e mistura diversos elementos.

Eu tenho medo e não tenho confiança. Confiar é quando você percebe que a pessoa só vai ficar com você, quando o cara só tá tendo relacionamento com você, só tem relação com você. Quando você sente que o cara tá desviando não dá pra confiar. Eu sempre uso camisinha. Porque se eu perceber que o homem não é muito limpo no sentido, ah, não sei, eu vou ser bem resumida? Porque eu não tenho confiança. Eu costumo dizer assim: no nosso mundo gay tem muita coisa, Então não dá muito pra confiar.

Denis foi o único dos jovens a afirmar sempre usar preservativo em suas relações sexuais, e também o único a expressar clara e objetivamente uma preocupação com os cuidados com a saúde. Nesse sentido, é interessante notar como Denis constrói sua argumentação sobre suas práticas afetivas e sexuais de modo bastante distinto dos outros jovens. Ele inicia sua fala dizendo que tem medo e por isso não confia. Esse medo relatado por ele é sentido em relação ao risco de contrair HIV, mas também está associado ao medo de ser traído, medo esse relacionado a uma de suas primeiras experiências afetivas, em que ele se sentiu enganado pelo namorado, que escondia dele que eventualmente fazia “programas”, isto é, sexo em troca de dinheiro. Ele também traz a imagem estereotipada do “mundo gay” e disse que nele “tem muita coisa” e, por isso, não dá para confiar. Sua afirmação faz referência à associação existente entre gays e “promiscuidade”, ou seja, para ele fica difícil confiar em alguém que faz parte desse mundo. Sua concepção de confiança é também construída com base na fidelidade e na exclusividade sexual.

5.5 Sobre o medo da Aids

Ao analisar as experiências desses jovens verificamos que o medo e a culpa são sentimentos recorrentes no desenvolvimento de suas narrativas. O medo vem expresso em diferentes formas: medo de serem expulsos de suas casas por ser gay; medo de não ser aceito e o medo de HIV/Aids. A culpa surge a respeito da não-uso ou uso irregular de preservativos, notadamente com mais intensidade entre aqueles que já tiveram uma doença sexualmente transmissível. A seguir apresentarei alguns trechos das entrevistas de cada um dos sete jovens e que ilustram como o medo está presente na narrativa deles.

Fabio relata ter medo da Aids, e, por isso, só fica com rapazes que *conhece muito bem*, ele também teve um amigo que morreu de Aids.

Eu não gosto nem de ouvir esse nome, porque eu tenho pavor. Por isso que eu não fico com ninguém, é muito difícil, pra eu ficar com uma com a pessoa eu tenho que conhecer ela muito bem.

Nossa, é um medo para mim. Eu tenho muito medo e eu nunca gostaria de pegar isso, eu tenho que me proteger bem. Porque eu tenho pavor de Aids, eu já tive um amigo que morreu de Aids e foi triste, bem triste ele ter morrido. Mas ninguém sabia que era Aids, ninguém mesmo. Ele falava pra todo mundo que era câncer, mas quando a gente descobriu foi um baque. Daí é que eu tive mais medo.... Porque também a gente saía junto, ia nos mesmos lugares, podia ser eu né....

Não é que eu mudei depois disso, mas eu passei a prestar mais atenção. Então, se for sem camisinha só se eu conhecer muito a pessoa, mas nem assim é bom né.

Tem, mas eu tenho vergonha. Vários amigos meus já chegam no carão, todo mundo vê, pega e fala como eu? Nossa! Eu não faço isso. Eu tenho muita vergonha de ir no posto e pegar camisinha, não sei porque, então eu compro que é mais fácil, vou na farmácia e compro. E também, a camisinha do posto não é muito boa, é diferente.

Gil relata ter medo de fazer o exame e descobrir que tem HIV.

É... fazer o quê, né? Acontece. Mas, tipo, eu tenho medo de descobrir que eu tenho alguma coisa, mas ao mesmo tempo eu tenho confiança de que eu não tenho nada, entendeu? Eu quero fazer exame, sendo que dá pra fazer no posto, entre às 9h e às 19h, então eu quero ir e fazer. Mas é algo pra mim, sabe? tipo... difícil de lidar. Porque imagina se eu descobro que eu tenho, o que eu iria fazer da minha vida? Tudo ia mudar. Assim eu tento me cuidar, e como eu disse eu confio no meu corpo, eu não tenho nada, mas quando penso em fazer o exame fico com medo de ter. Essa doença é maldita.

Vale a pena pontuar que mesmo diante de algumas informações desencontradas, nem sempre completamente corretas, esses jovens têm consciência de que a presença da Aids em suas vidas traria grandes transformações, como indica Gil com a pergunta: o que eu iria fazer da minha vida?

Arthur pensou estar com HIV, mas descobriu que era Sífilis, relatou que entrou em pânico.

Essa doença acaba com a vida da gente, eu tenho medo dela. Mas na verdade eu só passei a pensar nisso quando eu estava com suspeita de ter HIV. Foi terrível, um pânico total. Você imagina que eu fiquei uns dias esperando o resultado do exame, fiquei pensando nas vezes que transei sem camisinha e pensando que nunca mais ia fazer isso. Mas já

aconteceu de novo, menos do que antes. Eu queria que isso não existisse, mas existe. E a gente tem que se preocupar, mas a gente descuida, todo mundo acho de vez em quando transa sem caminha né. Porque na hora do vamo vê é diferente, diferente de eu estar falando com você agora, entende? Eu tive tanto medo naquela época, fiquei desesperado. Pensei que minha vida ia acabar. Mas era só a Sífilis e eu me tratei. Eu tô mais consciente depois do que me aconteceu.

Foi um baque danado. Eu fiquei com muito medo e minha mãe, ela ficou branca quando a médica falou com ela, mas aí eu curei, assim, eu tomei as injeções. Quando eu descobri, não tinha o que fazer, porque tava chovendo e era três horas da manhã, não tinha nem como ir pro hospital. Aí eu comecei a chorar. Aí tá, aí eu fui no banheiro, e nisso que fui no banheiro tinha uma manchinha, assim, uma pintinha vermelha, assim né? aí eu “tá, né?”. Aí depois de um certo tempo aquilo se espalhou, minha cara todinha pipocou, meu rosto... tudo, tudo... eu fiquei totalmente pipocado. É tipo essa manchinhas, deixa eu ver se consigo achar... tá bem fraco agora.

Sim, sou muito preocupado, com certeza. Ai a gente se preocupa. Fiquei muito preocupado. Fiquei seis meses sem fazer relação sexual com ninguém. Mas agora eu já voltei a transar, passou aquele pavor de contrair doença. Eu sei que tem que usar camisinha, mas as vezes acontece de não usar. Eu me arrependo claro, porque eu já tive sífilis e foi difícil. Eu tô tentando usar sempre.

Cristian afirma que passou a ter medo do HIV depois que descobriu que estava com sífilis.

Eu fiquei com medo de ter alguma doença depois dessa situação, que meu primeiro parceiro me enganava e transava com outros sem me contar. Mas eu não tenho como saber se foi ele quem me passou sífilis. Eu acho que não, porque eu só descobri agora 2 anos depois então acho que foi de outra pessoa que eu transei sem camisinha.

Porque eu tive outros caras que eu fiz sem camisinha, não muitos mas eu fiz. Se eu confio, seu eu conheço se eu tenho uma relação já eu acabo não usando, mas eu sei que mesmo assim pode acontecer e tanto é que eu peguei sífilis. Mas eu tô tentando me prevenir mais, porque a sífilis já foi horrível imagina HIV acho que minha vida ia acabar.

Ronaldo relata ter muito medo da Aids, mas ao mesmo tempo afirma não gostar do preservativo. Ele desconhecia a PREP, no entanto, quando soube do que se tratava disse que possivelmente faria uso.

Pensar nessa doença é uma revolta, né. Desespero, lutar contra isso é um sufoco, falam que não é um bicho de 7 cabeças pra quem tá de fora

mas pra quem ta dentro, vai saber, viver, saber lidar com as pessoas, pra quem contar, é muito difícil, confuso, é complicado, desesperador né?

Eu tenho medo de pegar Aids, mas eu não gosto de usar camisinha como eu te disse, então pra mim é muito complicado. Me tira todo o tesão a camisinha.

Eu acho que eu me matava. Eu ja falei pra um amigo que perguntou pra mim “ai e se você tiver?”, eu falei “ah, não sei, compro um bujãozinho de vinho, um chumbinho, dou uma chacoalhada no vinho e vou tomando”. Ai acho que eu me matava. Depende do choque ne, não sei que que eu ‘fazeria’. Não sei. Mesmo. É confuso! Mas de boca pra fora eu falava que me matava mas eu nao sei na hora.

Marcio acha que a Aids é uma doença perigosa, mas diz não pensar muito a respeito.

Olha, acho que nunca... Hum, acho que eu penso em cuidado, cuidado realmente porque é uma coisa que não tem cura, eu sei que tem tratamento, tem que tomar cuidado porque é uma coisa perigosa. Além de cuidado eu tenho medo, eu tenho medo de acontecer uma coisa parecida, uma doença que prejudique muito a minha saúde. Porque na hora é difícil a gente pensar nisso, a gente quer se divertir e acho que não para muito pra pensar nos perigos que existem. Como eu falei eu ainda tenho medo também, porque eu sou gay, medo de apanhar na rua, medo dessa doença. Isso é louco.

Denis é o único dos rapazes que relata fazer uso do preservativo em todas as relações diz ter pavor de contrair a doença.

Não, não tenho preconceito, mas eu tenho pavor de contrair. Eu tenho medo de contrair esse vírus, que é maldito. Ele destrói a vida do ser humano, é igual o câncer. Destrói autoestima. Porque ela vai te consumindo dia a dia. Ela vai te sugando. Por esse medo que eu tenho é que acho que sou tão desconfiada. Eu não penso muito em Aids, mas eu tenho medo.

A gente só descobre quando tem alguém na hora de ficar doente. Não é na hora boa. Porque na hora boa todo mundo é amigo, todo mundo tem todo mundo isso, todo mundo aquilo. Na hora que a gente precisa são poucos que dão a mão pra gente. É difícil. E em uma relação a dois, o casal fala “ai eu vou ficar com você”. E se eu ficar doente? Será que realmente ele vai? É mais facil um passivo apaixonado cuidar do que um ativo cuidar. Então é isso, eu tenho medo de ficar doente e por isso que eu cuida da minha saúde.

Eu tenho medo e não tenho confiança.

Eu acho que a certeza que a gente tem nessa vida é que a gente vai morrer. Mas o sentido da palavra AIDS, pra mim, é o sentido do fim. Essa palavra, pra mim, é o fim. Porque a gente já tem certeza que vai morrer, e quando acontece infelizmente da gente ter esse tipo de

doença, a gente já está sentenciado àquilo. Não vai ser de tiro, acidente, ser atropelado ou ter um derrame. Vai ser daquilo.

Todos os interlocutores desse estudo em algum momento expressaram verbalmente sentimentos de medo em relação ao HIV/Aids, ao mesmo tempo, com exceção de um deles, todos os outros também admitiram fazer sexo sem preservativo. Desse modo, pode-se dizer que a subjetivação dessas emoções não impede que as práticas sexuais ocorram, porém as circundam de dúvidas e ansiedades. As emoções são fenômenos incorporados em nosso corpo, não são fenômenos naturais (ABU-LUGHOD, LUTZ, 1990) e, portanto, estão sempre permeadas por significados culturais e historicamente construídos.

Ao observar o modo como eles expressam o medo em relação à Aids, é fácil perceber que a expressão desse sentimento é bastante distinta do pânico presente no início da epidemia, quando pouco se sabia sobre a doença e ainda não existiam tratamento. Entre eles parece que não se manifesta a ideia de que a Aids teria virado uma doença com a qual se pode conviver, ao qual não se teme porque existem medicamentos. Desse modo, o argumento comumente disseminado pela mídia quando se tenta explicar o aumento do número de casos de HIV entre jovens, de que eles não têm medo da Aids porque ela deixou de ser mortal; porque existe tratamento, ou, principalmente, porque as marcas da doença não são mais visíveis como no início da epidemia, parece não fazer sentido.

Terto Jr (2017) também não concorda que a causa do aumento da prevalência da infecção entre jovens, nascidos a partir dos anos 1990, é porque não eles testemunharam a época de maior evidência do HIV. Argumento muitas vezes disseminado pela mídia especialmente nos momentos em que se divulgam os boletins epidemiológicos, argumento que no limite culpabiliza os jovens. Sobre essa explicação corrente na mídia, Terto Jr (2017) afirma:

Penso diferente. Esses jovens pegaram uma época em que tem muito menos campanhas, muito menos ações de controle da epidemia. Nós temos remédio, mas, efetivamente, temos uma juventude que não tem passado por informações corretas, campanhas educativas sobre o HIV. Nós temos uma juventude que tem enfrentado um período muito conservador, em que falar de sexualidade, falar de prevenção, de saúde reprodutiva, de prevenção de DSTs, é quase um tabu. (...) Ao mesmo tempo em que esses jovens que nasceram nessa época, dos anos 1990 para cá, eles chegam à entrada de sua vida sexual praticamente sem informações sobre HIV, e vai se criando um juízo que o problema são esses jovens, porque eles não veem a Aids. Eles não veem a Aids, não é porque não veem pessoas doentes, mas porque não veem prevenção. (...) Aí se coloca a responsabilidade no jovem, mas a responsabilidade é do governo também. Esse jovem apenas reflete o que a sociedade enfrenta. Se a sociedade não vê mais a Aids como algo importante, se os governos não colocam mais a Aids como algo importante, esse jovem também não, mesmo se ele estivesse vendo ou não pessoas morrendo. (...) Então, eu tendo a não concordar com esse argumento de que os jovens hoje em dia são inconsequentes porque eles não viram e não passaram pela situação aguda dos anos 80 e 90, e por isso não dão atenção ao HIV. Eles não dão atenção à prevenção porque eles nem sabem direito o que é prevenção (TERTO Jr, 2017).

Desse modo, como observamos entre os jovens interlocutores desse estudo não é a ausência de medo da Aids que os leva a optar pelo uso irregular do preservativo. Além disso, esse temor pode ser tão mobilizador que os impede de realizar o teste anti-HIV, por medo do resultado e das consequências que uma doença como a Aids poderia trazer para a vida deles.

6. Considerações finais

A intenção desse trabalho foi analisar o modo como jovens pertencentes às camadas populares, que mantém relações afetivas e sexuais com outros rapazes, vivenciam a sexualidade e o modo como eles exercem suas escolhas em relação ao cuidado com a saúde, especificamente sobre as práticas preventivas ao HIV/Aids.

Foi considerando no plano ideal a existência de dois regimes da sexualidade assim como propõe Carrara (2015) que me propus a olhar para essa pesquisa. O primeiro regime, o do dispositivo da sexualidade focaultiano, isto é, um agrupamento heterogêneo que abarca desde discursos científicos, morais, filosóficos, religiosos; formas de organizações arquitetônicas e também decisões regulamentares e leis. E um novo regime secular da sexualidade, mais recente e que a compreende a partir do prisma dos direitos humanos. Nesse novo regime, a sexualidade deixa de ser entendida no plano dos instintos naturais e passa a ser compreendida como uma tecnologia de si, uma técnica que os indivíduos devem aprender a manejar-la e tem o direito de fazê-lo a sua própria maneira, com o intuito de realizar seus projetos de felicidade. Considerando a existência desses dois regimes, em que um não substituiu por completo o outro, passei a analisar as relações que os meus interlocutores estabelecem e como elas acontecem. E, nesse sentido, busquei compreender como eles têm agenciado respostas às experiências relativas à sexualidade.

Vale chamar a atenção para a fluidez das performances de gênero desses rapazes e das narrativas de *coming out*, especialmente no ambiente familiar. Processo que implica a reorganização dos vínculos e é marcado por sentimentos de vergonha, culpa e medo, elementos que dificultam a autonomia e a gestão dos corpos associados à sexualidade e afetividade. De modo geral, todos eles enfrentaram uma reação por parte dos pais bastante negativa, principalmente em relação à mãe porque é com ela que eles têm mais proximidade e também é a pessoa quem tem mais autoridade sob eles. No entanto, os desdobramentos desse evento foram bastante diversos no que diz respeito a posição da família e também em relação às consequências para o desenrolar da vida desses jovens. De ameaças de expulsão a atitudes de acolhimento ou indiferença. E também uma tentativa de suicídio. De uma postura de assumir-se francamente com a disposição de enfrentar as consequências, como, por exemplo, a decisão de sair de casa, a atitudes estratégicas de manejo identitário ou performático, como, por exemplo, acatar a exigência

da mãe para que o filho deixasse de ser gay. Nesse caso específico, a mãe procurava em suas atitudes “seu erro”, expressando o arrependimento por não ter levado o filho ao médico para tentar curá-lo. Situação que dialoga com o fato ocorrido em outubro deste ano (2017) em que o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho com uma de suas decisões abriu precedentes para que psicólogos ofereçam tratamento, isto é, a possibilidade das terapias com a intenção de reversão sexual, popularmente chamadas de *cura gay*.

Além da família, as experiências na escola também foram marcadas por relações complexas. Ao mesmo tempo em que é um espaço de trocas, aprendizado, descoberta e encontro com os pares, é também um ambiente muitas vezes hostil e marcado pela violência homofóbica. Preconceito e violência que partem não só dos colegas, mas também em circunstâncias em que a própria instituição falhou ao lidar com os conflitos decorrentes das questões associadas à diversidade sexual e de gênero. Se os conteúdos sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis que foram transmitidos pelas escolas a esses jovens muitas vezes contou com disparidades de abordagens, ainda sim a escola revelou-se como o local privilegiado para o aprendizado desses temas. Isso por que foi em sua maioria a partir da escola que eles obtiveram as informações que possuem sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis. A internet também foi mencionada e faz parte desse universo, porém os usos desta ferramenta são distintos, também por limitações materiais.

Se a escola é um local privilegiado para o aprendizado sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, uma educação que valorize a sexualidade em sua totalidade e diferentes formas de expressão poderia proporcionar a esses jovens uma consciência mais clara de seus desejos e atitudes relacionadas a eles. E resultar em uma vivência desse domínio da vida de modo mais consciente e adequado com as convicções de cada um, seus projetos de vida e projetos de felicidade. Além disso, uma abordagem da sexualidade menos conservadora poderia contribuir para a diminuição de sentimentos como vergonha, intimidação e medo.

O início da vida sexual desses jovens foi marcado por muitas dúvidas em relação à vivência da sexualidade, muitas vezes por sentimentos de desamparo e pelo medo do preconceito. As dificuldades começam a surgir para eles quando as trocas, as relações com os outros começam a ser estabelecidas e eles têm que se defrontar com o preconceito e com as barreiras para o exercício da sexualidade. Vale pontuar que persiste a ideia do sexo como força instintiva e o desejo como algo incontrolável. O que indica traços de continuidade entre os dois regimes da sexualidade mencionados anteriormente.

No entanto, quando analisamos mais detidamente algumas das narrativas desses jovens, mais do que o sexo como força incontrolável é a paixão que emerge como esse elemento que é incontrolável. Isto é, o sexo é a forma mais íntima e genuína de expressar a paixão, e assim paixão e sexo misturam-se e são vivenciados como algo ao qual não se tem controle. Desse modo, o que essas narrativas nos dizem sobre a manutenção dessa ideia do sexo como força instintiva pode ser relacionado a uma carência de espaços e situações para que os jovens possam conversar sobre suas experiências, para que aprendam sobre a sexualidade, ou seja, tirar dúvidas e conversar abertamente sobre sexo e, nesse sentido, também sobre a prevenção do HIV/Aids e outras IST. Se entendermos assim como propôs Mauss (1921) que a expressão dos sentimentos deve ser entendida como uma linguagem de natureza de mão dupla, em que “O indivíduo, ao falar do que sente, comunica-se consigo mesmo através da comunicação com os outros, compreendendo, por meio desta expressão aquilo que sente”, a existência de espaços para o diálogo torna-se imprescindível para que esses jovens possam compreender e elaborar melhor os sentimentos despertados pelas experiências da sexualidade. Esses espaços de diálogo e reflexão são também importantes para o estabelecimento de uma postura crítica e autônoma em relação as decisões sobre os cuidados com o corpo e a saúde.

Esses jovens têm conhecimentos básicos e relativamente similares sobre o HIV/Aids - suas formas de prevenção e infecção – algumas informações não são completamente corretas, existem dúvidas e preconceitos também. O único método preventivo conhecido por eles é o preservativo, nenhum possuía qualquer tipo de informação sobre a PEP ou a PREP. Dois deles tinham terminado um tratamento para sífilis pouco tempo antes da realização da entrevista. Quando perguntados sobre a Aids, de modo geral foram trazidas principalmente imagens associadas à morte, ao medo, a algo terrível, como o fim da vida. E que ainda que eles demonstrem medo em relação à Aids, o sexo sem preservativo é recorrente, principalmente com parceiros em que a noção de confiança se revela, sentimento baseado principalmente no tempo em que se conhece o parceiro. Além da confiança no parceiro, eles mencionaram critérios de aparência para tomar a decisão ou não do uso, ou seja, eles desconsideram que alguém que tem HIV pode ter uma aparência saudável e ainda tem como base os sinais da doença que eram visíveis antes da introdução do tratamento antirretroviral. Eles têm medo de fazer o exame e receber o resultado positivo, porém tem a certeza das consequências negativas que a Aids traria para a vida das pessoas. A Aids continua a ser para eles uma doença

amedrontadora e eles ainda carregam alguns preconceitos e estereótipos disseminados no início da epidemia. O preservativo por razões diversas não é usado em todas as relações – porque não gostam de usar, não negociam, as vezes na hora da excitação não pensam a respeito, as vezes por estarem alcoolizados, por vergonha as vezes quando trata-se de parceiros mais velhos. Geralmente as decisões por usar ou não preservativo são tomadas em silêncio, o que indica dificuldade por parte deles em abordar a questão. Eles não estão acostumados a conversar de modo mais reflexivo sobre a sexualidade e sobre os cuidados com a saúde sexual. Fato que deve ser colocado em evidência, eles vivenciam a sexualidade como um aspecto importante da vida deles, praticam sexo, porém sentem bastante dificuldade para falar a respeito. Essa dificuldade pode ser entendida porque o sexo ainda é percebido por eles como algo vergonhoso, algo que não deve ser exposto, ou seja, algo que se pratica, mas não se deve falar a respeito.

A prevenção do HIV é outra questão a ser repensada, esses jovens tiveram muito pouco e na maioria dos casos nenhum contato com ações preventivas. Um deles pontualmente mencionou uma ação de testagem vista em uma estação de metrô durante o dia mundial de luta contra a Aids. E outro rapaz, que à época fazia parte do movimento LGBT, disse que trabalhou em uma ação também de testagem, organizada pelo grupo. O fato de as únicas menções à prevenção terem sido duas ações de testagem não está descolado da realidade das diretrizes das políticas públicas de HIV/Aids, que tem colocado menos ênfase na prevenção e focado mais no controle do vírus baseando-se proposta do “testar e tratar”.

No entanto, para repensar a prevenção é necessário pensar também no modo como lidamos com a sexualidade e, por conseguinte, como os jovens estão aprendendo a lidar e vivenciar a sexualidade. Atualmente os jovens gays tem se revelado como o grupo populacional em que o aumento do número de novos casos mais tem se acentuado. Desse modo, é preciso compreender que a epidemia afeta a população de modo diferenciado, isto é, há grupos que se encontram mais vulneráveis do que outros. Por isso a necessidade de se levar em conta os contextos culturais e político-econômicos ao se formular e propor os programas de prevenção. Para isso, as experiências sexuais e afetivas das pessoas e coletivos precisam ser ouvidas e levadas em conta. Essa escuta é fundamental para a elaboração de políticas públicas mais assertivas, especialmente as destinadas aos grupos considerados mais vulneráveis, como, por exemplo, os jovens gays ou a população trans. Dessa maneira, a prevenção precisa enfrentar o estigma, combater o preconceito e

combinar ações educativas e de saúde. É necessário também retomar a ideia da solidariedade, presente no início da epidemia, para que as pessoas realmente possam agir em conjunto entendendo que o HIV/Aids é algo que não afeta sujeitos individualmente, mas é uma questão social. Desse modo, não basta somente humanizar o cuidado e as ações dos serviços, é necessário humanizar os discursos e aproximar a prevenção das experiências concretas desses jovens, falar abertamente sobre sexualidade e também falar sobre o que é viver a vida com HIV, reforçando, ainda que exista tratamento, o preconceito e a estigmatização são reais e bastante difíceis de lidar.

7.Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de educação**, número especial: Juventude e Contemporaneidade. São Paulo, ANPED/PUC-SP, mai./jun./ago. 1997 n.5 e set/out/nov/dez 1997, n.6, p. 24-36.
- ABRAMOVAY, M et al. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.
- ALTMAN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n.13, p. 69-82, abr., 2013.
- ALTMANN, Helena. Educação sexual na escola: o conhecimento como critério de verdade. **Instrumento**. Vol. 12, p.137-145, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/viewFile/943/805>. [Acesso em: 12.06.2016].
- ANTUNES, M. C. **Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo**, São Paulo: s.n., 2005 – p. 152. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social.
- ARIÉS, Phillipe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- AYRES et al. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: **PAIVA et al, Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde – livro 1 – da doença à cidadania**, Curitiba: Juruá, 2012b.
- AYRES et al. Direitos Humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: uma introdução. In: **PAIVA et al, Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde – Livro 1 – da doença à cidadania**, Curitiba: Juruá, 2012.

- AYRES et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D., FREITAS, C.C.M., (orgs.) **Promoção da saúde, conceitos, reflexões e tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2009.
- AYRES et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In G. W. S. Campos, M. C. S. Minayo, M. Akerman, M. Drumond Jr.,; Y. M. Carvalho, **Tratado de Saúde Coletiva** (p. 375-417). São Paulo, SP: Hucitec. (2006).
- AZEVEDO, S., MAGALHÃES, M.; LAZO, A. **Famílias monoparentais chefiadas por mulher: faz diferença seu estado civil?** Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Águas de Lindóia/SP – Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012, ENCE – Escola Nacional de Ciências Estatísticas.
- BARROSO, Carmen. Sozinhas ou mal acompanhadas: a situação das mulheres chefes de família”. Revista Brasileira de Estudos de População. p. 456-472, 1978. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/> Acesso em: 10. Jan. 2017
- BASTOS, F. L. **Ruína e reconstrução: Aids e drogas injetáveis na cena contemporânea**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/IMS-Uerj, 1996 (História Social da Aids, 6)
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERQUÓ, Elza; OLIVEIRA, Maria R. Casamento em Tempos de Crise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, vol. 9, no 2, jul/dez, São Paulo: 1992.
- BERQUÓ, Elza. Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUN, S. (Eds.). **Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, p. 243-265, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. "A juventude é apenas uma palavra". In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Brasília. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e DST entre Gays, outros HSH e Travestis**, 2007. Disponível em:http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf Acesso em: 03 mai. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Brasília. **Brasil sem Homofobia**, 2004. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf Acesso em: 18 fev. 2016.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS e Hepatites Virais. **História da AIDS**. Brasília. Disponível em: <<http://www.Aids.gov.br/pagina/historia-da-Aids>>. [Acesso em: 12.06.2016].
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais. **BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO DST/Aids**. Brasília, DF, Ano II - nº 01 dez.2013 Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletim-epidemiologico-de-aids-2016>> [Acesso em: 12.01.2017].
- CABRAL, Cristiane S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de pais de jovens de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 19 (supl.2), p. 283-292, 2003.
- CALAZANS et al. Factors associated with condom use among youth. **AIDS**. 2005;19(Supl 4):S42–50.
- CARRARA, Sérgio. Moralidades, Racionalidades Políticas Sexuais no Brasil Contemporâneo. **MANA** 21(2): 323-345, 2015.
- CASTRO, Mary. Resignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações. In: **Juventudes e sexualidade**. UNESCO, Brasil, 2004.
- DA MATTA, R. **A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DAY, V. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria**. v. 25, suplemento 1, Abril, 2003.
- DUARTE, Luis Fernando. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FARIAS, Norma et al. Características dos usuários e fatores associados à soropositividade para o HIV em usuários de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) no Estado de São Paulo, 2000 a 2007, **Bepa**, 2008;5(60):9-18
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, [1976].
- FRY, Peter; MACRAE, Eduard. **O que é homossexualidade?** Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1991.
- FRY, Peter. **Para Inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1989.

- GAGNON, John. H. Teorizando as práticas sexuais do risco. In: **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- GALVAO, J. A política brasileira de distribuição e produção de medicamentos anti-retrovirais: privilégio ou um direito? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 18(1):213-219, jan-fev, 2002.
- GARFINKEL, Harold. “Passing and the managed achievement of sex status in an ‘intersexed’ person”. In: _____. **Studies in ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GELUDA, K. et al. “Quando um não quer, dois não brigam”: um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(8):1671-1680, ago, 2006
- GILL, P.; STEWART, K.; TREASURE E.; CHADWICK, B.. Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups. In: **British Dental Journal**, v. 204, 2008, p. 291-295.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOIS, João B.; SOLIVA, Thiago. A violência contra gays em ambiente escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, n.123, ago., 2011, Dossiê: Homofobia, Sexualidade e Direito.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.91, p.7-22, nov.1994.
- GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GUIMARÃES, Carmen, D. “Mas eu conheço ele!”: um método de prevenção. In: Galvão J, Parker R, organizadores. **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS/Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 1996. p. 169-80.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero, Sexualidade e Saúde. In: **Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.
- KNAUTH, D. et al. As trajetórias afeito-sexuais: encontros, uniões e separação. In: HEILBORN et al (orgs), **O aprendizado da sexualidade: Reprodução e**

- trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond e Fio Cruz, 2006.
- KNAUTH, Daniela. Um problema de família: a percepção da AIDS entre mulheres soropositivas. In: **Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social.** Ondina Fachel Leal (org.) Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1995.
- LEITE, V. **Sexualidade adolescente como direito? A visão de formuladores de políticas públicas.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LEÓN, O. D. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas.** Brasília, DF: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Editora UFG, Cênone Editorial, 2009. p. 47–76.
- LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista.** Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.
- MAIA, A. C. et al. [orgs.] MAGALHÃES, J. C; RIBEIRO, P. C. **Educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2014.
- MAKSUD, Ivía. O discurso da prevenção da Aids frente às lógicas sexuais de casais sorodiscordantes: sobre normas e práticas. **Physis Revista de Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, 19 [2], p. 349-369, 2009.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra.** Buenos Aires, Biblos, 1996.
- OLIVEIRA, L. Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: Gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro. In: DIAS-BENITEZ, Maria, FIGARI, Carlos Eduardo, **Prazeres dissidentes,** Rio de Janeiro, 2009.

- PAIVA, Vera. et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**, 2008; 42 (Supl 1):45-53
- PAIVA, Vera. Jovens e adolescentes em tempos de Aids – reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção – **Psicol. USP** vol. 13 n. 1 São Paulo 2002
- PAIVA, Vera. org. **Em tempos de AIDS**. São Paulo, Summus, 1992.
- PAIVA, Vera.; VENTURI, Gustavo; FRAN, Ivan, Jr.,Lopes, F. (2003). *Uso de preservativos: Pesquisa Nacional MS / IBOPE, Brasil*. Disponível em: http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/artigo_preservativo.pdf Acesso em: 12 jun. 2015.
- PARKER, Richard., 1996. Empowerment, community mobilization and social change in the face of HIV/ AIDS. **AIDS**, 10 (Sup. 3): S27-S31.
- PINHEIRO, Thiago F. **Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/Aids**. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Medicina Preventiva. São Paulo, 2015.
- PINHEIRO, Thiago F., Calazans, G. J., Ayres, J. R. C. M. Condom Use in Brazil: An Overview of the Academic Production on HIV/AIDS Prevention (2007-2011) **Psicologia** – 2013, Vol. 21, no 3, 837-858
- POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIES, Philippe e BENJIN, Andre (Org.). **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Sao Paulo: Brasiliense, 1986.
- SAO PAULO. (Estado). Secretaria da Saúde. BOLETIM EPIDEMIOLOGICO, 2016. (Acesso em jun 2017) <http://www.saude.sp.gov.br/resources/crt/vig.epidemiologica/boletim-epidemiologico-crt/boletimepidemiologico2016.pdf?attach=true>
- SARTI, Cinthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.
- SEDGWICK, E.K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho, p. 19-54, 2007.
- SEFFNER, Fernando. Aids estigma e corpo. In: org Ondina Leal: **Corpo e significado**. Porto alegre, ed. UFRGS, 1995

- SIMMEL, Georg. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SIMÕES, Julio. “Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.
- SIMÕES, Julio. **Vulnerabilidades, confiança e os limites da prevenção: concepções de saúde e percepções de risco de HIV-Aids entre rapazes que fazem sexo com homens em São Paulo.** In: V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, GT Práticas de Saúde, Aids, Gênero e discriminação, São Paulo, USP, 17 a 20 de abril, 2011.
- SIMÕES, Julio.; CARRARA, Sergio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cadernos Pagu** (42), p.75-98, jan-jun, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420075> Acesso em: 15/set/2015.
- SOARES, Luiz Eduardo. Sair do armário e entrar na gaveta. In: GOLIN, Celio e WEILER, Luis Gustavo (Orgs.). **Homossexualidades, cultura e política.** Porto Alegre: Sulina, p. 133-139, 2002.
- SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TERTO Jr, Veriano. A aids é um problema de todos. Entrevista especial. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/564732-a-aids-e-um-problema-de-todos> 7/11 Acesso em: 3. mai. 2017
- TERTO Jr., Veriano. Diferentes prevenções geram diferentes escolhas? Reflexões para a prevenção de HIV/AIDS em homens que fazem sexo com homens e outras populações vulneráveis. **Rev. Bras. Epidemiol.** São Paulo. Set, suppl 1, p. 156-168, 2015.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso.** São Paulo: Max Limonad, 1986.